

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA E URBANISMO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO URBANO**

MARIANA DANTAS GALVÃO

A MORADIA E O IMAGINÁRIO: UM ESTUDO DAS *IMAGENS DO ESPAÇO FELIZ*

**RECIFE
2014**

MARIANA DANTAS GALVÃO

A MORADIA E O IMAGINÁRIO: UM ESTUDO DAS *IMAGENS DO ESPAÇO FELIZ*

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Urbano da Universidade Federal de Pernambuco, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento Urbano.

Área de concentração: Desenvolvimento Urbano

Orientadora: Prof^a Dr^a Lúcia Leitão Santos.

RECIFE

2014

Catalogação na fonte
Bibliotecária Jéssica Pereira de Oliveira, CRB-4/2223

G182m Galvão, Mariana Dantas

A moradia e o imaginário: um estudo das *imagens do espaço feliz* /
Mariana Dantas Galvão. – Recife, 2014.
116f.: il.

Orientadora: Lúcia Leitão Santos.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco. Centro
de Artes e Comunicação. Programa de Pós-Graduação em
Desenvolvimento Urbano, 2014.

Inclui referências e apêndices.

1. Casa. 2. Bem-Estar. 3. Sonho. 4. Representação. I. Santos, Lúcia
Leitão (Orientadora). II. Título.

711.4 CDD (22. ed.)

UFPE (CAC 2020-208)

MARIANA DANTAS GALVÃO

A MORADIA E O IMAGINÁRIO: UM ESTUDO DAS *IMAGENS DO ESPAÇO FELIZ*

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Urbano da Universidade Federal de Pernambuco, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento Urbano.

Aprovado em: 15 / 08 / 2014

Banca Examinadora

Prof^a. Dr^a. Lúcia Leitão Santos (Orientadora)

Universidade Federal de Pernambuco

Prof^a. Dr^a. Julieta Maria de Vasconcelos Leite (Examinadora Externa)

Universidade Federal de Pernambuco

Prof^a. Dr^a. Maria de Jesus de Britto Leite (Examinadora Interna)

Universidade Federal de Pernambuco

A expressão *imagens do espaço feliz*, contida no título do presente trabalho, foi tomada de empréstimo da obra *A poética do espaço* de Gaston Bachelard.

À minha família pelo apoio, carinho e paciência ao longo de toda minha trajetória. Por ser uma das grandes responsáveis pelo sentimento que tanto me inspira e impulsiona: a felicidade.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pela dádiva do ingresso neste programa de pós-graduação que me proporcionou uma considerável parcela do meu crescimento pessoal e profissional como pesquisadora. Ter feito parte da história do Mestrado em Desenvolvimento Urbano foi um privilégio e sempre será motivo de orgulho pessoal. Agradeço a toda a equipe que faz parte do MDU.

Agradeço ao meu pai Henrique por toda a sua dedicação, inclusive no que diz respeito à minha vida acadêmica. Por cada uma das vezes que me ajudou nas buscas por material, pela companhia em campo, por me auxiliar na busca pelos entrevistados, por sempre participar de todos os campos da minha vida, vibrando com as minhas conquistas e me acolhendo nos momentos difíceis.

De igual forma agradeço à minha mãe Elma, pela confiança constantemente depositada em mim, o que me renova o estímulo a dar o meu melhor e me fortalece. Por cada palavra empregada nos momentos em que precisei ouvi-las, pela grande ajuda na captação de pessoas para a entrevista e pelo seu apoio incondicional.

Ao meu amado marido Marcelo, por tantos fatores ligados a esse trabalho que se torna uma tarefa difícil listar todos. Pela sua paciência e compreensão nas situações de estresse; pelo apoio inestimável na análise dos dados; pelo companheirismo na pesquisa de campo; pelas sugestões em relação a aspectos do trabalho e por ter ajudado a suavizar os meus dias trabalhosos com amor e carinho.

À minha orientadora Lúcia Leitão Santos, que desde os primeiros momentos de orientação exprimiu acolhida, profissionalismo, competência, amizade, paciência e confiança em relação a mim. Pela nossa prazerosa convivência que me fez aprender coisas valiosas sobre o ser humano. Pelas nossas reuniões que sempre me fortaleceram no enfrentamento dos próximos desafios da pesquisa. Enfim, por ser grande parte dessa realização na minha vida.

Aos moradores da orla de Olinda que contribuíram com a realização deste trabalho ao responderem o questionário e serem tão receptivos em suas casas, ambientes carregados de histórias e traços da personalidade desses atores.

Agradeço ao meu querido amigo e colega de pós-graduação Edmilson Roberto por tornar minha trajetória no mestrado mais prazerosa e feliz. Pelos

sorrisos, conselhos, aprendizados, companheirismo, força, enfim, pela sua amizade que foi fundamental no cumprimento de cada etapa deste trabalho.

E, por fim, agradeço às minhas amigas, em especial a Danielle Mesquita, por todas as vezes que me tranquilizou compartilhando experiências; por ser uma grande incentivadora do meu percurso na carreira acadêmica; pela atenção nas inúmeras vezes em que conversamos sobre minhas ideias, sempre acompanhada de muito estímulo e bons conselhos. Às amigas Denize, Danielle Sant'Anna, Tarcila e Gabriela pela torcida de que esse trabalho fosse bem sucedido em seus propósitos.

RESUMO

Esta dissertação tem por objetivo investigar os traços imaginários que caracterizam o grupo dos moradores da orla marítima da cidade de Olinda no que concerne ao exercício da moradia nessa localidade. A escolha do recorte espacial do estudo levou em consideração a expansão verificada nos últimos anos do número de imóveis que compõem um modelo de moradia considerado de alto padrão na porção da orla correspondente ao bairro de Casa Caiada. Em virtude de uma observação que foi desenvolvida sobre a concepção cultural de moradia em litorais urbanos e da dinâmica imobiliária existente no supracitado espaço, este estudo primou pelo resgate das imagens que o morador da orla de Olinda produz no devaneio que envolve a sua moradia. Neste trabalho se encontram obras que tratam da importância imaterial da casa perante o ser humano. Também entrou na discussão do tema *moradia* o conceito de felicidade, uma vez que Bachelard em sua obra *A poética do espaço* examinou as imagens da casa do sujeito humano se referindo a elas como *imagens do espaço feliz*, o que motivou a inclusão de um capítulo que trata desse tema. O imaginário figura nesta obra como o propulsor das representações sociais, motivando a abertura de um breve tópico onde são abordados alguns conceitos sociológicos como *status*, *papel* e *classe social*, que tocam de forma direta na questão simbólica da casa. A mesma, recorrentemente, aparece como um elemento rico em produção de imagens, sobretudo atrativas. Através da pesquisa de campo, pautada na aplicação de um questionário que visou apanhar os aspectos imaginários da moradia na orla de Olinda, foi observado que existe a formação de uma imagem positiva acerca da moradia no ambiente em questão, revelada pela análise conjunta das respostas apresentadas no questionário. Alguns dos aspectos conclusivos foram captados por meio do que foi declarado dentro da prática da entrevista, outros, menos evidentes à primeira vista, através da sensibilidade da pesquisadora sobre o conjunto de elementos que compõem a experiência de campo.

Palavras-chave: Casa. Bem-Estar. Sonho. Representação.

ABSTRACT

This thesis aims to investigate the imaginary traits that characterize the group of residents of the seaside town of Olinda in relation to the exercise of property in this location. The choice of the spatial area of the study took into account the expansion in recent years in the number of properties that make up a model of property considered of high standard in the portion corresponding to the Casa Caiada waterfront neighborhood. Because an observation that has been developed on the cultural perception of housing in urban coastal real estate and the dynamics existing in the above space, this study excelled rescue by the images that the resident's waterfront Olinda produces the reverie that involves your house. In this work are works that deal with the importance of immaterial house before the human being. Also joined in the discussion of the subject property the concept of happiness, since Bachelard in his book the poetics of space examined the pictures of the house of the human subject by referring to them as images of happy space, which led to the inclusion of a chapter addresses this issue. The imaginary figure in this work as the driver of social representations, the opening of motivating a brief topic which addresses some sociological concepts such as status, role and social class, that touch directly on the symbolic issue of home. The same recurrently appears as a rich element in the production of images, especially attractive. Through field research, based on a questionnaire which aimed to catch the imaginary aspects of the villa on the edge of Olinda, it was observed that there is the formation of a positive image about the house in the environment in question, revealed by joint analysis of the responses provided the questionnaire. Some conclusive aspects were raised by what was stated within the practice of the interview, other, less obvious at first glance, through the sensitivity of the researcher on the set of elements that composed the field experience.

Keywords: House. Wellness. Dream. Representation.

LISTA DE IMAGENS

Imagen 1 - Bairro de Casa Caiada, Olinda – PE.....	54
Imagen 2 - Exemplos de alguns edifícios residenciais da orla de Olinda que ostentam em sua arquitetura traços que exprimem repulsa ao espaço público (Leitão, 2009), através de uma espécie de muralha em suas fachadas.....	55
Imagen 3 - Delimitação das ruas limítrofes do Bairro de Casa Caiada, Olinda – PE. O ponto “A” representa o limite Sul e situa-se na Rua Doutor Eduardo de Moraes e o ponto “B” o limite Norte, na Avenida Frederico Lundgren.....	57
Imagen 4 - Limite Sul do Bairro de Casa Caiada, Olinda – PE.....	58
Imagen 5 - Limite Norte do Bairro de Casa Caiada, Olinda – PE.....	58
Imagen 6 – Planilha da Análise dos dados da pesquisa no Excel.....	72
Imagen 7 - Análise dos dados da pesquisa no Excel juntamente com os comentários.....	73
Imagen 8 - Varanda onde se deu uma das entrevistas.....	79
Imagen 9 - Alguns elementos que remetem à hospitalidade do ambiente da casa do entrevistado.....	80
Imagen 10 - Adornos no terraço onde foi realizada uma das entrevistas.....	80
Imagen 11 - Recursos Naturais que compõe a visão do espaço.....	81
Imagen 12 - Aumento expressivo da verticalização na orla marítima de Olinda no início da década de 2000.....	98

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Perfil dos moradores da orla de Olinda.....	75
Gráfico 2 - Residência anterior em Olinda.....	78
Gráfico 3 - Porção da orla mais valorizada segundo os moradores.....	81
Gráfico 4 - Lugar mais agradável da orla de Olinda.....	82
Gráfico 5 - Lugar mais desagradável da orla de Olinda.....	84
Gráfico 6 - A imagem da orla de Olinda.....	89
Gráfico 7 - Por que morar na orla de Olinda?.....	90
Gráfico 8 - A atividade mais realizada na orla de Olinda.....	91
Gráfico 9 - Origem geográfica dos moradores da orla de Olinda.....	96
Gráfico 10 - Tempo (em anos) de moradia na orla de Olinda.....	96

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Lugares masculinos da orla de Olinda na opinião de homens e mulheres.....	94
Tabela 2 - Lugares femininos da orla de Olinda na opinião de homens e mulheres.	95
Tabela 3 - A Cor da orla de Olinda.....	99

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Círculos de Euler representado para ilustrar as ordens empírica e imaginária.....	28
Quadro 2 - As etapas da pesquisa.....	61

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	16
2	A MORADIA E O IMAGINÁRIO.....	20
2.1	Imaginário: uma abordagem das óticas de Gilbert Durand, Armando Silva e Gaston Bachelard.....	20
2.1.1	<i>Uma breve contribuição sociológica para o entendimento das dinâmicas culturais que envolvem o espaço arquitetônico da casa.....</i>	36
3	A MORADIA E A FELICIDADE.....	39
3.1	A noção de felicidade: uma discussão que não finda.....	39
3.1.1	<i>A felicidade inserida no contexto da casa.....</i>	45
4	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	52
4.1	Etapas da pesquisa.....	53
4.2	Aplicação do questionário-piloto: as impressões do primeiro contato.....	62
4.2.1	<i>As alterações do questionário-piloto.....</i>	67
4.3	A amostra.....	68
4.4	A aplicação do questionário.....	69
4.5	Procedimentos para a análise dos dados.....	71
5	A ORLA MARÍTIMA DE OLINDA NO IMAGINÁRIO DO MORADOR.....	74
5.1	O perfil do morador da orla de Olinda.....	74
5.2	A localização mais valorizada.....	76
5.3	A localização mais agradável.....	82
5.4	A localização mais desagradável.....	83
5.5	A imagem da orla.....	87
5.6	A escolha do lugar de moradia.....	89
5.7	A atividade realizada na orla de Olinda.....	90
5.7.1	<i>O lugar mais frequentado pelos homens e pelas mulheres.....</i>	93
5.7.2	<i>O trecho “masculino” da orla.....</i>	93
5.7.3	<i>O trecho “feminino” da orla.....</i>	94
5.8	Origem e tempo de moradia.....	95

5.9	A cor da orla de Olinda.....	98
5.9.1	<i>O azul.....</i>	99
5.9.2	<i>O verde.....</i>	101
5.9.3	<i>Amarelo e preto.....</i>	103
5.10	Encadeamentos dos dados da pesquisa.....	104
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	109
	REFERÊNCIAS.....	111
	APENDICE A – QUESTIONÁRIO APLICADO NA EXPERIÊNCIA	
	– PILOTO.....	114
	APENDICE B – QUESTIONÁRIO APLICADO NA PESQUISA	
	DE CAMPO.....	115

1 INTRODUÇÃO

O interesse no tema deste trabalho de pesquisa decorreu de um raciocínio simpático a essa busca minuciosa e, ao mesmo tempo, tão sintonizada com o trabalho do cientista social que observa e tenta descrever fenômenos sociais visíveis a todos, mas só possíveis de serem sistematizados por aqueles que não negam o uso dos sentidos na investigação.

Esta pesquisa constitui uma busca por trazer uma discussão que se perde em meio à objetividade, concretude e velocidade da realidade social moderna, em que muitas vezes a instância psíquica é relegada em segundo plano, como ocorre em relação ao *imaginário*. Com isso, espera-se fornecer subsídios ao entendimento dos processos subjetivos do indivíduo em relação à casa, norteando a sua compreensão a partir da perspectiva cultural sem perder de vista que, independentemente do país, cidade ou bairro ela representa ao ser nela incluído acolhida, lembranças, emoções e uma gama de imagens representativas da sua vivência nessa materialidade.

Neste sentido, o presente estudo utilizou como base do tema *imaginário* autores como Gaston Bachelard, Armando Silva e Gilbert Durand. No tocante às obras norteadoras do entendimento da importância imaterial da casa do sujeito humano, temos Rybczynski e Bachelard novamente. Cada um desses autores foi escolhido por tratar suas respectivas temáticas de modo magistral e condizente com os propósitos deste trabalho. Ainda sobre o referencial teórico, surgiu a necessidade de incluir a discussão sobre o conceito de *felicidade*, tema relacionado às imagens da casa examinadas na obra *A poética do espaço* de Bachelard, com a presença de nomes como os de Eduardo Giannetti (2002) e Domenico De Masi e Oliviero Toscani (2011).

No que tange ao recorte espacial do presente estudo, a *orla marítima da cidade de Olinda* surge como o ponto de interesse. Através da observação da dinâmica de expansão imobiliária na área e da atratividade natural que representa a moradia em litorais urbanos onde existe a tendência ao emprego de maiores recursos públicos e privados, se deu o interesse de pesquisa.

Dessa forma, o objetivo geral desta pesquisa foi o de investigar os traços imaginários que caracterizam o grupo dos moradores da orla marítima da cidade de

Olinda, especificamente no que tange à experiência de morar nessa localidade. Como objetivos específicos têm-se: identificar razões não objetivas de escolha dessa porção da cidade como moradia aliada a questões de ordem cultural e contribuir para a compreensão de que a casa nos projeta imagens que vão além da sua função de abrigar o indivíduo.

Por ser a moradia em porções litorâneas de zonas urbanas frequentemente associadas às classes sociais de alto poder aquisitivo, unida ao fato de toda a extensão da orla marítima de Olinda abranger um modelo imobiliário que busca representar uma condição social e econômica que é valorizada em nossa sociedade, trabalha-se com a hipótese de que os processos de cunho subjetivo dão forma a um imaginário positivo em relação à moradia nesse ambiente.

Como procedimento metodológico, utilizou-se a técnica da entrevista semiestruturadas por meio da aplicação de um questionário com os residentes da orla marítima da cidade do Olinda, especificamente no trecho da orla que contempla o bairro de Casa Caiada, onde se verifica um maior número de imóveis residenciais. A amostra contemplou 30 moradores, sendo 14 homens e 16 mulheres, em atenção às diferenças de percepções entre os gêneros determinadas pela cultura que afetam diretamente a construção do imaginário em algumas questões.

A pesquisa de campo foi realizada no período de 28/10/2013 a 19/11/2013, sendo um pré-requisito essencial que o morador entrevistado fosse o sujeito que teve a motivação da moradia na área estudada. Em virtude do teor das questões, na sua maioria eram abertas e de forte conteúdo subjetivo. As mesmas deviam ser respondidas de forma espontânea, conforme foi solicitado ao entrevistado, e obedeceram a um sequencial que objetivou tornar claras as imagens produzidas resposta após resposta.

Antes da experiência de campo propriamente dita, foi realizada uma experiência-piloto que constituiu uma busca pelas formas mais apropriadas de realizar a pesquisa, tanto no que diz respeito à entrada na casa do entrevistado quanto na própria formulação do questionário, revista posteriormente. A entrada do gravador de voz e a abertura de um diário de campo surgiram nesse momento considerado de suma importância para o estudo.

Esse espaço para o registro das informações orais foi essencial no sentido de agrupar os dados relevantes, que se perderiam sem a presença do gravador, os quais foram unidos aos anteriormente registrados no diário de campo para compor

um conjunto harmônico de elementos a serem confrontados com os pressupostos conceituais do estudo.

Depois de todos os dados relevantes serem transcritos do gravador de voz para o *diário de campo*, os questionários foram reunidos para serem suas respostas quantificadas por meio da tabulação.

Iniciou-se a análise dos dados propriamente dita, contando-se com a ferramenta do *Microsoft Office Excel*, onde as respostas de cada questão foram agrupadas em categorias criadas de acordo com o seu teor.

Cada categoria teve o seu percentual contabilizado, posicionando-se em ordem decrescente. Depois de realizado o cálculo porcentual, abria-se o espaço de comentário para a descrição do número de respostas e suas respectivas categorias, bem como dos números percentuais.

Como procedimento metodológico também foi realizada a análise baseada na atribuição das cores que foi pedida no questionário para simbolizar o espaço do estudo. Esse procedimento foi inspirado na obra *Imaginários Urbanos* (2011) de Armando Silva e buscou captar os sentimentos coletivos representados pelas cores.

A pesquisa teve natureza qualitativa e quantitativa, privilegiando a obtenção de dados de ordem subjetiva no tocante à construção imaginária em torno da moradia na orla marítima de Olinda. Os dados coletados receberam tratamento posterior através do recurso da tabulação que constituiu um instrumento eficaz para destacar a relevância dada a cada resposta.

Este trabalho foi dividido em quatro capítulos. O primeiro capítulo apresenta algumas discussões em torno do conceito de imaginário que entendemos compatível com relação à casa, bem como aborda definições tomadas de empréstimo da Sociologia que podem auxiliar a compreensão das dinâmicas sociais que engendram a ligação entre imaginário e moradia.

No segundo capítulo serão expostos alguns pontos de vista em torno do conceito de felicidade, sendo posteriormente feita a sua abordagem no contexto da casa do sujeito humano. No terceiro capítulo serão delineados os procedimentos metodológicos e as etapas do estudo, com a descrição dos dados primários e secundários que foram utilizados. Também será relatada a experiência da construção do questionário da pesquisa e da inserção da pesquisadora em campo e, seguidamente, expostos os procedimentos utilizados na análise dos resultados, visando o alcance dos objetivos propostos neste trabalho.

Por fim, no quarto capítulo deste estudo serão apresentados os “achados” da presente pesquisa através do relato que, almejou ser o mais fiel possível, em relação às declarações dos entrevistados e até mesmo à percepção acerca das suas intenções nas falas. Também será desenvolvida uma breve abordagem do que foi encontrado sobre o imaginário da moradia na orla marítima de Olinda através do encadeamento dos dados da pesquisa.

2 A MORADIA E O IMAGINÁRIO

No que concerne à utilização do termo *imaginário* na esfera do espaço habitado, do espaço vivenciado e sentido pelo homem na experiência do “morar”, convém expor a sua abordagem conceitual e como o mesmo pode se associar ao campo do ambiente arquitetônico da moradia, à casa do sujeito humano.

O imaginário representa uma preparação primeira diante de coisas que não se relevam ao espírito de forma material, palpável, não havendo uma consciência direta a respeito da sua materialidade. Silva (2011) explica que, no processo de representação das coisas, o caminho se faz primeiramente no imaginário, seguindo até o símbolo, elaboração secundária, responsável pelo acesso à inteligência e à própria consciência. Assim, basicamente, se desenvolve o processo que envolve a imaginação simbólica.

Tendo como o objeto central deste trabalho o estudo de como os processos imaginários permeiam a noção de casa, se faz necessário que nos filiemos ao conceito de “imaginário” adotado por alguns autores que expressam o que dele temos como fundamental, pois se sabe que a ideia de imaginário apresenta uma série de perspectivas distintas que foram desenvolvidas ao longo da história do pensamento científico.

O presente capítulo apresenta algumas discussões em torno do conceito de imaginário que entendemos compatível com relação à casa, bem como abordar definições tomadas de empréstimo da Sociologia que podem auxiliar a compreensão das dinâmicas sociais que engendram a ligação entre imaginário e moradia .

2.1 Imaginário: uma abordagem das óticas de Gilbert Durand, Armando Silva e Gaston Bachelard

Os estudos que tratam do imaginário ainda podem ser considerados recentes em termos de uma abordagem que os coloque no *status* de um tema cuja científicidade seja algo absolutamente inquestionável. Esse fato se deve principalmente pela existência de uma resistência em considerar respostas advindas da imaginação, impedida de progredir em seu exercício criativo pela exploração da

imagem fabricada, difundida sobretudo na sociedade ocidental. Essa imagem é gerada por “produtores não identificados” (DURAND, 2011, p.119) e sua imposição resulta na paralisia do senso crítico social.

A questão de trabalhar a ciência pautada na positividade, num “evidenciar coisas palpáveis”, reais para todo e qualquer observador ainda permeia parte da cultura Ocidental pela busca de conhecimento das coisas e dos fenômenos.

Como manifestação cultural, a ciência teve seu desenvolvimento pautado na construção de uma série de métodos, técnicas, teorias e princípios cada vez mais aprimorados ao longo da história. Após uma série de transformações que atuam fortemente sobre a cultura, os elementos com os quais a ciência se relaciona, demandam novos olhares.

Partir para a análise de fenômenos que não se traduzem pela visão projetada diretamente sobre um objeto concreto ou sobre fenômenos que não podem ser descritos partindo de uma perspectiva exterior, ainda constitui uma decisão considerada “ousada” pelo pesquisador. A começar por uma maior sensibilidade que deve permear o estudo da zona do inconsciente, comprovadamente rica em explicações de comportamentos humanos que interferem relevantemente para o funcionamento social.

Aquele que resolver buscar os significados advindos da imaginação, que é sobretudo criadora, deve assumir desde o princípio do percurso uma atitude libertária no sentido de exercitar o seu próprio imaginário para buscar o entendimento do quão vital e existencial é devanear sobre um corpo de imagens, aparentemente, e só aparentemente, sem explicação. Posteriormente deve unir esforços para captar dados, palavras ou mesmo suas ausências num trabalho essencialmente investigativo e, por que não dizer, ao mesmo tempo poético.

Enfim, mesmo com toda a resistência empreendida com base no que foi estabelecido como passível de ser metodologicamente testado e comprovado cientificamente, muito se conseguiu desmistificar e evoluir no interesse do conhecimento de temas que envolvem a dinâmica da subjetividade, expressa através de temas que trazem, por exemplo, o imaginário à baila. Isso fomentou o surgimento de uma gama de disciplinas voltadas para a poderosa influência exercida pelas imagens do inconsciente.

O inconsciente, uma instância psíquica sistematizada por Freud nas três primeiras décadas do século XX, revelou um considerável poder de interação com

as lembranças mais primitivas do sujeito, fonte valiosa para o crescente entendimento do ser humano em sua estrutura basilar que é a subjetividade. O Ocidente, conforme mostra outro autor, Gilbert Durand, na sua obra *O Imaginário* (2011), não incentivou a valorização das imagens enquanto mais uma entre as fontes da verdade.

Durand (2011) nos apresenta como a imaginação sofreu com a desconfiança de uma parcela do mundo influenciada pelas religiões monoteístas em que a imagem do divino deveria ser única, sendo combatida a reprodução de imagens de outros santos e divindades.

Também o método socrático de busca da verdade foi aliado ao monoteísmo bíblico no combate à imaginação. Nesse método são consideradas apenas duas soluções e a imaginação, que seria a oferta de uma gama delas, é suprimida por trazer o inesgotável em termos de possibilidades, o que a fez ser tida como simpática ao engano durante muito tempo.

A ciência, considerada como um valor supremo de busca da verdade do mundo Ocidental, impunha a exclusão de demonstrações de fenômenos com base nas explicações do inconsciente, porém, ao mesmo tempo em que esse banimento ocorria, era inevitável a reentrada das imagens no universo das explicações nas mais variadas áreas do conhecimento científico.

Esse fato se alinha com a afirmação de que “a precisão científica não pode abrir mão de uma ‘realidade velada’ (BERNARD D’ESPARGNAT apud DURAND, 2011, p.71) onde os símbolos, estes objetos do imaginário humano, servem como modelo...” (DURAND, 2011, p.71).

O imaginário vem sendo assim considerado um importante aliado da ciência ao conseguir responder a uma série de questões de forma satisfatória. Movimentos como o *Surrealismo*, *Simbolismo* e *Romantismo* representaram um importante momento de luta pela mudança ideológica que primava pela consideração do imaginário através das alucinações e do sonho. (DURAND, 2011). O imaginário é definido por Durand como:

[...] uma representação incontornável, a faculdade da simbolização de onde todos os medos, todas as esperanças e seus frutos culturais jorram continuamente desde os cerca de um milhão e meio de anos que o *homo erectus* ficou em pé na face da Terra. (2011, p.117).

Não é difícil apreender que esse é um conceito dentre tantos outros que foram desenvolvidos sobre o assunto. Em meados do século XX o imaginário recebe

tratamento analítico do ponto de vista científico e muitas descobertas foram feitas ao longo de todo esse tempo de pesquisa. (DURAND, 2011).

Convém abordar o legado intelectual ofertado por Durand (2011) ao levantar a discussão de como o “poder” da mídia com sua propaganda e informação (muitas vezes a desvirtuando), devasta de modo assustador a imaginação. Sofremos uma espécie de bombardeamento de imagens que nos são oferecidas por um inesgotável número de veículos de informação, como se fôssemos inertes à vida e reféns de um tipo de organização social que poda a liberdade de criação humana.

A fonte de onde jorram indefinidamente essas informações e imagens midiáticas é desconhecida. O anonimato faz parte da estratégia que Durand intitula “anestesia da criatividade do imaginário e o nivelamento dos valores” (2011, p. 118). O imaginário fornece as bases para a capacidade do autoconhecimento e o processo psíquico de repressão às tendências que fazem parte da dinâmica da imaginação/criatividade representa uma verdadeira ameaça perante o homem e sua humanidade.

A respeito dessa característica da sociedade Ocidental em refrear o imaginário, trabalhada em Durand, logo vem à tona a lembrança do filme *Imagine* (2012) do polonês *Andrezj Jakimowski*, que consiste na história de Ian, um cego que passa a trabalhar numa clínica de referência em deficiência visual, ensinando pacientes cegos, iguais a ele, noções de orientação espacial.

O que chama a atenção nesse filme são as técnicas utilizadas pelo professor deficiente visual que envolve uma espécie de “exercício imaginativo” dentro do mundo da cegueira, onde inexistem formas e cores. A técnica primava pelo estímulo dos alunos a liberarem a imaginação no relato do que eles acreditavam existir e acontecer à sua volta.

Logo, Ian, através de um método considerado inovador de ajudar o deficiente visual a conquistar uma maior independência e autonomia, adquire a simpatia e confiança dos seus alunos, concomitantemente à desconfiança do médico que o contratou, pois o mesmo considerava um risco ao paciente o não uso da bengala, instrumento abolido por Ian, e as suas tentativas de fazer os pacientes “caminharem com suas próprias pernas”, muitas vezes fora dos limites da clínica.

Eva, uma paciente até então introspectiva e reclusa na sua deficiência, passa a se entusiasmar com a oportunidade de “enxergar” o mundo nessa nova perspectiva e experimenta no andar das ruas e em seus passeios com Ian a riqueza

de sensações que o uso de imaginação é capaz de proporcionar. Certa vez, outro aluno, chamado Serrano, ao questionar a veracidade naquele mundo incutido por Ian na mente dos alunos, teve como resposta que ele primeiramente deveria imaginar para posteriormente comprovar pelos sentidos a existência das coisas.

O desfecho da narrativa nos leva a refletir o quanto a ação do imaginário foi capaz de influenciar positivamente na percepção das coisas pelos deficientes visuais. Ao contrário daqueles que, com a visão saudável e tomados por uma “racionalidade” que os impedia de imaginar, viam de forma estranha a representação daquele mundo que, no ato de imaginar, se torna mais sedutor e real.

Ian é desacreditado em seus métodos que utilizavam de uma liberdade até então não experimentada pelos internos e posteriormente foi demitido por ser taxado como pouco profissional o que imediatamente nos faz estabelecer uma analogia entre o filme e a leitura de Durand.

Numa sociedade onde o poder da imaginação, tido como duvidoso, foi oprimido por séculos em nome dos princípios de conhecimento da realidade de até então, pode-se constatar o elemento da ignorância, de uma cegueira que é capaz de “atrofiar” a mente, e consequentemente a habilidade do seu uso ao negar a riqueza de dados contida no complexo de imagens.

Durand, ao versar sobre o que ele chamou de “iconoclasmo endêmico” que caracterizou o mundo ocidental no que tange à sua depreciação com relação à imagem, cita o exemplo de *Plateau*, sujeito que inventou um dos primeiros aparelhos de imagens e cenas animadas na tela. Sobre ele o autor afirma:

Eis um belo exemplo de cegueira de um sábio educado nas escolas e laboratórios positivistas que se recusou a ver – e prever – o importante resultado civilizacional de sua descoberta, que permitirá a inesperada “explosão” da comunicação e difusão das imagens. (2011, p. 32).

E continua colocando que:

Embora a pesquisa triunfal decorrente do positivismo tenha se apaixonado pelos meios técnicos (óticos, físico-químicos, eletromagnéticos etc.) da produção, reprodução e transmissão das imagens, ela continuou desprezando e ignorando o produto de suas descobertas. Fato comum nas nossas pedagogias técnico-científicas: foi necessário que uma parte da população de Hiroshima fosse destruída para que os físicos se horrorizassem com os efeitos de suas descobertas inocentes sobre a radioatividade provocada... (2011, p.33).

No filme de *Jakimowski* embora cegos na visão, os sujeitos são induzidos a enxergar o mundo pelas “lentes da imaginação”, o que os ajudou numa melhor percepção das coisas que aconteciam à sua volta e no “vivenciar” os simples

prazeres da vida. Por outro lado, os portadores de uma visão saudável além de reprimirem a técnica de ensino de orientação espacial baseada no uso da representação imaginária, perdem a capacidade de perceber coisas triviais que os cegos na visão passam a notar pelo uso da imaginação.

Dando continuidade à discussão sobre o tema imaginário, temos em *Imaginários Urbanos* de Armando Silva mais um eixo norteador do debate. Segundo Silva (2011, p. 50): “O imaginário afeta, filtra e modela a nossa percepção da vida e tem grande impacto na elaboração dos relatos da cotidianidade [...]. O imaginário está para nós como um mundo que foi construído de forma complexa em nossas mentes, de forma mais ou menos independente, com características que não condizem necessariamente com a realidade. Desse modo,

[...] quando falo da percepção imaginária, faço-o já, não enquanto seja “verdadeira” ou não a sua percepção; tampouco enquanto seja ou não uma mensagem prevista por seu enunciador, mas na medida em que a sua percepção, digamos inconsciente, é afetada pelas interseções fantasiosas da sua construção social [...] (SILVA, 2011, p. 48).

Ou seja, se um grupo de pessoas, residentes de uma determinada cidade, encara um trecho dela como o mais agradável, esse fato não significa que o espaço seja o que mais desperte o deleite das pessoas no geral. Contudo se esse espaço for o mais citado no quesito “aprazer” por uma amostra considerável de pessoas do grupo, ele é aprazível no que diz respeito à sua percepção imaginária, demandando determinado tratamento e resultando num trecho que atrai olhares sob um ponto de vista positivo. Temos nesse exemplo que o imaginário interfere na forma como representamos o real.

O imaginário, na obra de Silva (2011), é associado à satisfação de um prazer natural do homem, sendo regido por processos primários, o que difere da abordagem Durand que o coloca no campo da imaginação. Esse mesmo imaginário emerge na forma do símbolo que consiste numa elaboração secundária, representado, por exemplo, pelas palavras e códigos, concebendo uma forma pela qual essas imagens ganham externamente um contorno e consequente compreensão. O símbolo seria o modo de representar o imaginário, de comunicar as imagens, que não podem prescindir do primeiro e todo esse processo possui um forte teor cultural.

Interessante frisar a recorrência da afirmação na obra de Silva (2011) de que *em todo e qualquer simbolismo ou símbolo persiste um elemento imaginário*. Afirma

categoricamente o autor que “Elaborar os imaginários não é uma questão de capricho. Obedece a regras e formações discursivas e sociais muito profundas de densa manifestação cultural”. (2011, p.49).

Apesar da compreensão de que o imaginário precede o símbolo, podemos dizer que em tudo o que o símbolo representa persiste um elemento imaginário que, por sua vez, é afetado por transformações culturais. Não podemos omitir o fato de que toda construção humana expressa e representa a cultura que, por sua vez, influencia as nossas concepções de mundo e mesmo o nosso mundo no que ele tem de mais interior.

O símbolo ou a expressão simbólica acontece por uma necessidade de “traduzir” o significado da coisa que, em sua essência, traz consigo mais do que uma gama ou conjunto de sentidos, o que faz nascer a exigência da sua interpretação. No mito e na poesia, temos em Silva (2011) que o que penetra como sentido desses fenômenos vai além das palavras que são empregadas para traduzi-los, transcendendo a própria linguagem.

Ao aprendermos um determinado sistema linguístico estamos num “pé de igualdade” em relação às outras pessoas, pois a aprendizagem do uso das palavras requer uma uniformidade a referências bem delimitadas. Já na questão do símbolo nos deparamos com uma outra realidade que é a da individualidade psicológica imersa numa determinada cultura. Dessa forma, Silva (2011) vislumbra a inexistência de um polissimbolismo, similar ao polilinguismo e o inconsciente seria o lugar da existência psíquica onde se firma esse simbolismo particular.

O imaginário se presta a conjecturamos situações que não serão e nem foram reais. Porém, o que é meramente uma invenção e o que é real se mesclam e podem até mesmo reger a sociedade para um determinado tipo de organização. Castoriadis *apud* Silva (2011) versa sobre a fusão que ocorre entre o real e o imaginário sublinhando que na trajetória de vida humana na terra as *imaginações fundamentais* representaram o cerne da organização da vida social.

Por outro lado, ocorrências que afetam a normalidade do cotidiano de uma sociedade, podem e certamente vão gerar transformações na maneira da mesma ver o mundo. O que ocorre pode ser entendido como uma espécie de retroalimentação social. Em ocasiões que sucedem casos de uma forte tensão social, por exemplo, o boato pode ser atraente na questão da simbologia de contato.

A partir de um fato real a informação vai sendo transmitida até culminar na sua deformidade. (SILVA, 2011).

Um acontecimento, ou mesmo a simples ameaça do desencadeamento de um fato que afete o tecido social vai demandar o fluxo de informações que forneçam os seus detalhes elucidativos. O desenvolvimento do conhecimento do fenômeno parte de um dado fundamentado que será distorcido ao longo da sua transmissão. Essa informação, depois de passar por sucessivas alterações, passa a ter sentido diverso. O interessante é que o imaginário social cria o que a própria sociedade quer ver, o que seus fantasmas interiores revelam.

Afirma Silva que “[...] saber do ‘fantasma’ é encontrar os *sentidos ocultos* que reativam comportamentos indecifráveis unidos a fantasias, delírios ou neuroses dos seres humanos”. (2011, p. 54). Descobrir esses “fantasmas” não é tarefa fácil, porém investigá-los implica no alcance de “pistas subjetivas” que levam o investigador diretamente ao entendimento do comportamento do grupo, das suas visões de mundo no que há de comum, do modo como se comunicam com o espaço que vivem. Traduzir esse entendimento faz parte de um esforço intelectual que deve primar acima de tudo pela sensibilidade do tradutor.

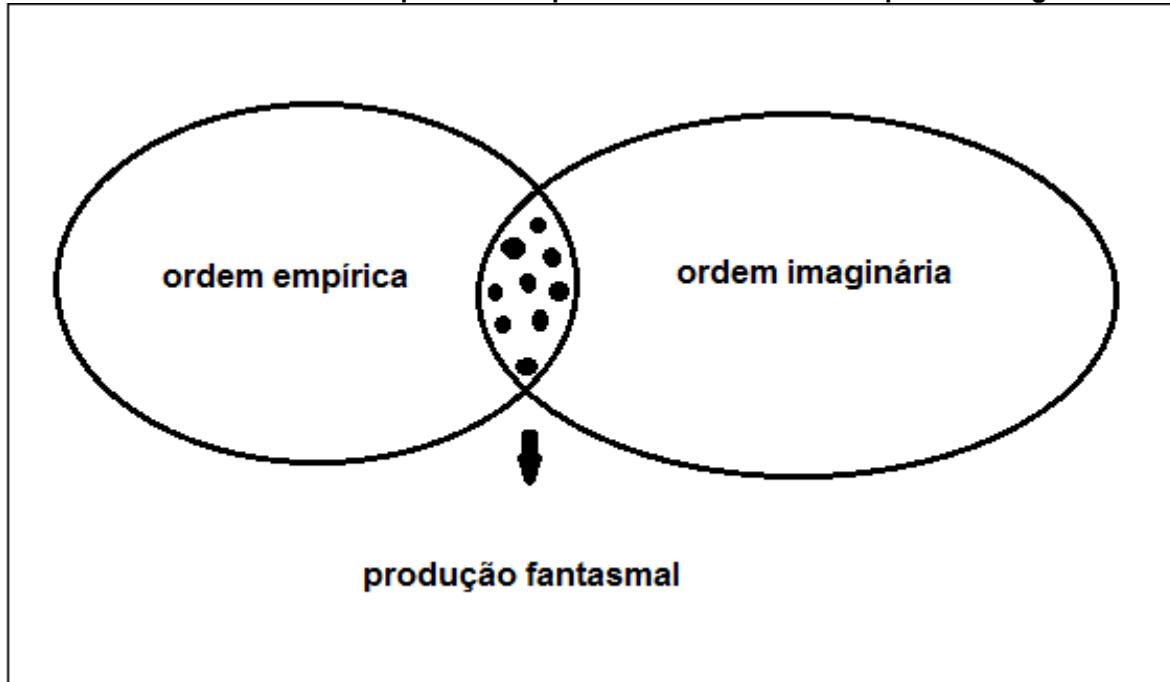
Conforme já colocado, existe a relação mútua entre o real e o imaginário, isto é, a influência entre duas ordens que Silva chama de *ordem empírica* e *ordem imaginária*. A interseção de ambas as ordens seria a *produção fantasmal*. A figura do fantasma precisa do “aporte” fornecido pelo imaginário. Caso impere a convicção de que não há fantasma, o assunto é encerrado. A questão interessa quando se revelando como fantasia, desenvolve-se agindo como um fato verídico. (Silva, 2011).

O que é narrado pelos sujeitos que vivem o espaço de sua cidade, de seu ciclo de convívio, seja uma história verídica, um boato, uma mentira, é vivenciado no dia-a-dia. Durand faz uso de uma lógica que expressa o quanto convivemos naturalmente com as informações que o corpo social orquestrou como verídicas, quando na verdade são relatos que constituem narrativas construídas com base em acontecimentos psíquicos, fazendo surgir o ‘fantasma social’ por meio da informação. Contudo, afirma o pesquisador que “A própria mentira não deixa de ser verdadeira, no sentido mais profundo de inscrever em seu ocultamento aquilo que tergiversa”. (2011, p. 50).

Ao versar novamente sobre a existência das ordens empírica e imaginária, sendo seu cruzamento responsável pela origem de uma nova dimensão intitulada

“produção fantasmal”, temos que se houver a prevalência do entendimento empírico sobre a coisa, o fantasma social sucumbe. Na ordem imaginária temos a produção fantasmal como grande influência. (SILVA, 2011).

Quadro 1 - Círculos de Euler representado para ilustrar as ordens empírica e imaginária



Fonte: *Imaginários Urbanos*, Armando Silva, 2011.

Encerrando a breve abordagem de pensadores do tema *Imaginário*, tão caro e substancial ao presente estudo, temos em Gaston Bachelard uma admirável contribuição através da sua obra intitulada *A Poética do Espaço* (1978). Esse trabalho, como o próprio nome sugere, se utiliza do entendimento acerca da disposição que o ser humano possui em envolver-se emocionalmente com o seu lugar no mundo, ou seja, sua casa.

Essa obra tem o condão de resgatar o juízo fenomenológico acerca dos devaneios em relação à casa e nada mais justo do que findar essa abordagem trazendo os elementos da casa junto à nossa capacidade de produzi-la na imaginação em toda sua riqueza quando se trata de com ela sonhar.

No tratamento da *imaginação poética* contido na seção introdutória de sua obra, Bachelard (1978) adverte que essa imagem que nos é legada por uma experiência interior é imediata, atual. Ela está desvinculada de um tempo pretérito, escapando à análise do que ela tem de anterior e requisitando daquele que busca a sua compreensão, sobretudo dos entraves colocados por ela, desprendimento. No

ser profundo está o fenômeno poético primitivo em seu ponto de partida. Sobre essa característica da imagem poética, o filósofo afirma:

[...] a novidade essencial da imagem poética coloca o problema da criatividade do ser falante. Por essa criatividade, a consciência imaginante se descobre, muito simplesmente, mas com toda pureza, como uma origem. Isolar esse valor de origem de diversas imagens poéticas é o que deve interessar, num estudo da imaginação, a uma fenomenologia da imaginação poética. (1978, p. 188).

Bachelard coloca que seu objetivo na construção dessa obra era o exame de um tipo particular de imagens, as imagens simples por sua natureza, que ele chamou de *imagens do espaço feliz*. Dando continuidade à descrição dessas imagens, nos remetemos a imagens que expressam *afetividade, acolhida, posse, proteção, amor*. São substantivos condizentes a valores positivos que se unem a outros valores, os imaginados, que passam em um curto período de tempo a serem os valores mais relevantes. (BACHELARD, 1978).

O espaço imaginado atrai o ser para o interior dos seus limites. É o espaço usufruído, sobretudo pela imaginação e suas paixões. Está acima de cálculos matemáticos. Convida o homem a ser contínuo no mundo em que a natureza, o universo e a própria humanidade podem ser hostis com quem está fora. A casa permite o homem sonhar por ser ela complexidade (de sentimentos) inerente à unidade (espaço físico), sendo corpo e alma (Bachelard, 1978).

Durante toda a história que engloba a relação do homem com o espaço físico da casa, transformações ideológicas motivaram uma série de mudanças na relação humana com esse ambiente. Rybczynski em *Casa: Pequena História de uma Ideia* (1996) ilustra a evolução histórica do “despertar” para o sentido afetuoso que faz desse abrigo uma necessidade acima da material, revelando ser ela sobretudo um imperativo de cunho espiritual.

Na supracitada obra mostra-se que a casa era lugar voltado à moradia assim como para o desempenho das atividades laborais na Idade Média. Ofertante de pouca privacidade para os habitantes (família e empregados) e portadora de uma estrutura que pouco favorecia a permanência nela, passou ao longo do tempo a aderir atributos que conferiram conforto, intimidade, domesticidade e bem-estar.

A palavra *conforto* empregada no contexto da casa, constitui um exemplo de como até mesmo expressões já existentes tiveram que adequar a sua linguagem para traduzir uma ideologia que por não existir, não necessitava ser expressa

(Rybczynski, 1996). A partir do século XVIII a casa conquista uma divisão em seu interior que determina um conforto e favorece o espaço como formador do indivíduo, por ele usufruir de um ambiente que passa a ter a “sua marca”. Na Idade Média a moradia feudal caracterizava-se por ser pública, inexistindo o pensamento que a relacionava ao conforto e bem-estar físico que hoje conhecemos. A derrocada desse modo de viver a casa viria gradualmente do final desse período até o século XVII.

Mudanças nos materiais utilizados; tecnológicas; nas atitudes (casas como unicamente residenciais); na disposição dos quartos (que passaram a separar a família dos empregados); no sentido da vida familiar e na própria questão da privacidade aconteceram nesse ínterim. O que se pode notar é que houve uma transformação no modo como as relações humanas se davam que a casa engendrou. Só após essas mudanças, que se pautaram na intimidade e na privacidade, a casa passou a ser notada como o núcleo da existência em família. (Rybczynski, 1996).

Falar de ambiente doméstico nos tempos atuais remete inevitavelmente à discussão sobre o conforto. Conforto remete a prazer, ao estado de sentir-se bem. Rybczynski (1996) diz ser o conforto tanto objetivo quanto subjetivo e cita o exemplo de uma pesquisa realizada num ambiente de trabalho para o conhecimento das opiniões de funcionários sobre esse local em quesitos como conforto, eficiência, segurança, aparência, etc. Eles teriam que expressar satisfação ou insatisfação nesses quesitos e mostrar quais seriam os aspectos de maior relevo para eles.

Esta pesquisa foi reveladora no sentido de apontar que aspectos de ordem visual como aparência e estilo não foram entendidos como importantes para o conforto. Assim como no apontamento dos fatores desencadeadores de olhares mais negativos que diziam respeito sobretudo à ausência de privacidade e qualidade do ar/nível da luz, coincidentes com os aspectos do ambiente de trabalho que os funcionários gostariam de ter maior controle.

O que certamente se pode afirmar é que a casa é o lugar que sintetiza atributos que se podem associar ao conforto, objetivamente e subjetivamente considerado. Nela se pode construir um cenário que reúna o que é útil, funcional, visualmente aconchegante para cada um, onde esse “cada um” estará livre para desfrutar o que é melhor para si. Diante dessa abordagem de conforto a intimidade surge, de forma recorrente. A casa tem o condão de reunir a conveniência, a domesticidade, a eficiência, a privacidade e o bem-estar físico que, juntos,

favorecem a atmosfera de serenidade interior, componente indispensável do conforto.

Imagens da casa são produzidas indefinidamente e remetem a um lugar muito mais representativo do que o lugar que nos abrigamos após um dia longo de trabalho, em que nos protegemos da hostilidade representada muitas vezes pelo espaço público da rua (Leitão, 2007), que voltamos depois de viagens de férias. Enfim, são imagens que dão conta da nossa casa como o espaço feliz, como o nosso “lugar no mundo” e onde verdadeiramente nos “encontramos” nos momentos de solidão íntima (BACHELARD, 1978, p. 207) e na busca de conforto.

A propósito do que foi anteriormente exposto, podemos citar como exemplo ilustrativo o filme de Kurosawa, *Dodeskaden* – o caminho da vida (1970). Nele, existem vários núcleos de personagens que povoam uma área pobre do Japão, mas um que em especial chama a atenção é de pai e filho moradores de rua. Durante todo o enredo eles projetam de forma imaginária a futura moradia.

Interessante observar que eles elegem como etapa pioneira da construção imaginária da casa o muro/cerca. Essa escolha pode ser interpretada como uma tentativa de diferenciação, de isolamento com relação à realidade de vida ou mesmo para o alcance da sensação de conforto proporcionada pelo fato de “estar dentro” que a condição de moradores de rua cotidianamente lhes negava. A respeito da importância de cunho subjetivo que a ação de entrar engendra, Leitão coloca que:

[...] o ato de entrar aparece envolto num sentido que extrapola em muito a simples transposição de uma porta qualquer. É como promessa de vida, como a vivência do prazer de ser amado, como conquista, como vitória – sentimentos em tudo opostos à tristeza essencial que marca o estar fora, a dor do exilado – que essa ação é experienciada. (2007, p.56).

Se fossemos abordar cada aspecto subjetivo contido no verbo entrar que o ser humano processa em seu imaginário, nos perderíamos num sem número de significações que atribuímos a essa ação. Um aspecto de forte influência na simbologia do “estar dentro” pode certamente ser associado à sensação de termos um lugar no mundo, saber que nosso corpo terá acolhida para o descanso após longo desgaste físico, sendo ele já devidamente “moldado” aos cantos desse lugar.

No que tange ao desenvolvimento da história do pai e do filho japoneses, a cada etapa em que se avançava a construção dessa casa imaginária, são reveladas sinesteticamente cores, texturas e estilos escolhidos com um nítido esmero facilmente atribuíveis a um arquiteto, que por mais que seja um profissional

imprescindível tecnicamente, jamais poderá substituir quem a demanda no quesito das emoções genuínas.

A afirmação de que somos arquitetos de nossa própria vida, popularmente conhecida, ganha sentido ao vislumbrarmos a riqueza de detalhes em torno do planejamento de uma casa que não dispunha de qualquer materialidade que a erguesse. No término da construção ocorre um trágico desfecho que é o da morte do filho, lembrado pelo pai com a construção da piscina que lhe foi prometida. Piscina no imaginário do pai, cova clandestina e nova “morada” que abrigaria o corpo do filho.

Como já mencionado anteriormente, o filme retrata a existência de indivíduos numa área pobre, carecedora de infraestrutura minimamente adequada à segurança emocional, familiar, material e existencial. Dentre tantos aspectos que ele nos conduz a refletir, chama a atenção que, em meio à miséria, estágio mais acentuado que a falta de recursos materiais pode revelar, persistam elementos imaginários em alguns sujeitos que se manifestavam por meio de práticas ou olhares positivos sobre a realidade.

O que fica claro para o espectador no decorrer do enredo, que constantemente desemboca na interpenetração dos vários núcleos, é que são criados mecanismos individuais ou mesmo coletivos em prol da não reflexão crítica da realidade através do imaginário e que o mesmo entrou em cena com um forte tom de “escapismo”, utilizado pelos personagens.

Por outro lado, observando outra perspectiva em torno da experiência da moradia, tem-se mais uma referência cinematográfica que alude de forma bastante interessante aos devaneios sobre a casa, dessa vez mostrando o quanto ela coloca em cena as lembranças de momentos de vida quando a uma casa da infância retornamos.

Em *Quando eu era vivo* de Marcos Dutra, filme lançado no ano de 2014, pode-se enxergar claramente a influência que a volta do personagem principal da trama, Júnior, ao apartamento onde o mesmo atravessou toda a sua infância, influenciou o surgimento de imagens *fantasmagóricas* de um passado contido em objetos, registros visuais, e uma série de práticas que foram desenvolvidas pela mãe falecida no âmbito daquele espaço.

A casa é nitidamente vista como o reduto das lembranças no contexto do filme, lembranças essas que desnortearam toda a dinâmica da vida sob aquele

recinto. Júnior passa a reviver os rituais empreendidos pela mãe e a casa vai adquirindo outros tons. De clara e solar passa a ganhar contornos fúnebres e logo todos os outros personagens encontram-se envolvidos na trama de terror que a atmosfera da casa exerce sobre o protagonista que não consegue dela escapar.

Alguns aspectos visíveis são o terror psicológico formado pelo conjunto das recordações que ganham feições funestas; claustrofobia, proveniente do fato de a casa impedir que se desenvolvam novas visões de mundo e reter em seu domínio as emoções dos envolvidos na trama. Esse exemplo constitui mais um viés de como podemos relacionar à casa sentimentos tanto positivos de abrigo e segurança, aspecto destacado neste trabalho, quanto aos delírios de um espaço que concatena emoções sombrias, que não se pode deixar de mencionar.

A imaginação possui a prerrogativa de maximizar o real. Interessante observar que existe uma casa dos sonhos, uma casa que é a nossa primeira morada e que a imaginação se encarrega de descrever sem amarras com o tempo. O inconsciente se responsabiliza por imobilizar lembranças dessa casa onírica, o que condiz com a afirmação de Bachelard de que: “todo um passado vem viver, pelo sonho, numa casa nova”. (1978, p. 200).

E encontramos imaginariamente numa casa nova aquela casa primitiva, a casa do aconchego, onde podíamos concretizar em todos os espaços nossa humanidade e, ao mesmo tempo, dispor da segurança nessa acolhida. A imaginação aqui não encontra obstáculos ao ponto de reinventarmos no devaneio dos sonhos a nossa realidade anterior. A imaginação é deveras atraente em relação ao ser acolhido na geometria do espaço que, na sua essência íntima, revela a grandeza na atitude de “dizer o impronunciável”, de se encontrar na solidão, conforme Bachelard (1978) explicita.

Em relação ao papel da casa na imaginação, temos que sua importância é tão acentuadamente desenvolvida nessa esfera que se faz primordial a atenção a esse espaço como objeto de estudo. As imagens que são produzidas em torno da casa desenvolvem-se de forma intensa e contínua.

Quando refletimos sobre a casa do sujeito humano rapidamente podemos associar o espaço com sua materialidade à integralidade ou a partes de histórias de vida. Retornar a essa casa num outro momento, numa outra fase que se vive num outro espaço, faz-nos reviver essa casa anterior. Na *Poética do Espaço* fica claro ao leitor que essa casa é uma casa primitiva, que encontramos nos sonhos e devaneios

de habitar, que é uma busca que abraça tudo o que se pode dela extrair, até mesmo que essa casa pode adquirir uma feição maternal ao proteger o ser abrigado.

Contudo, almejamos ao falar do retorno a esses lugares como um reviver que mostra o quanto afetivamente podemos nos ligar à moradia, tanto que o poder de integração age de modo a resgatar sentimentos, o lugar físico em si, pessoas. Todo esse “banco de dados” está armazenado no inconsciente que pelo instante da busca ao nosso “lugar de origem” ou simples passagem por ele, emerge na forma das imagens.

O retorno ao lugar faz recuperar os sonhos que lá se viviam, as conquistas, as frustrações que, podemos seguramente afirmar, chegam a ser revividas por nós através do recurso das imagens. Não só as alegrias ou decepções vêm à tona, como também barulhos, cheiros, ângulos, tudo isso compondo o jogo sinestésico que a imaginação canaliza para se permitir atuar.

Está contido no âmbito da casa objetos de diferentes épocas que, apesar da incompatibilidade de tempos e funcionalidades, conseguem dialogar. A relação que se estabelece se enraíza no ser da casa de tal modo que a mudança de endereço pode muitas vezes acarretar mudanças na própria concepção de vida.

O espaço da casa carrega as virtudes e os dissabores dos momentos de vida a ponto de impedir qualquer sinal de mudança, como também pode trazer frustrações que impulsionem a saída das pessoas desse ambiente físico. Quando se vive momentos felizes tende-se a associá-los ao lugar de moradia, intuitivamente. Da mesma forma ocorre em momentos dolorosos.

As recordações, de qualquer modo, fixam sua essência no espaço e lá podem ser revividas mentalmente. Há uma força que confere destaque aos valores inerentes à casa que atrai o sujeito com um efeito similar a um imã nos momentos difíceis, onde a imaginação encontra o seu lugar.

Bachelard nos ensina que “as lembranças do mundo exterior nunca terão a mesma tonalidade das lembranças da casa”. (1978, p. 201). Na casa se pode deixar livre o sonho, é nada menos que a base do devaneio, responsável pelo processo que faz mover recordações e reflexões que se revelam ao sujeito que a eles se integra.

Afinal, quem nunca elegeu um pequeno espaço na casa como um refúgio do seu isolamento reflexivo que por instantes nos tornaria verdadeiros filósofos por criar o hábito de nele divagar sobre a vida? Ou até mesmo reduto de acalento, como se

esse canto da casa tivesse o poder de abraçar o ser solitário, cantos de casas que recebem de grandes nomes o tratamento literário que a sua relevância requer.

Retomando a análise feita por *Bachelard* projetada sobre a *imagem poética*, pode-se afirmar que sua característica escapa a qualquer alcance de definições ou descrições pelo fato da mesma conter em seu âmago uma atemporalidade e fugir a um padrão estético por abrigar todos. Do conjunto de olhares ofertado pela imagem, advém o nosso reconforto.

[...] a casa natal inscreveu em nós a hierarquia das diversas funções de habitar. Somos o diagrama das funções de habitar aquela casa e todas as outras não são mais que variações de um tema fundamental. A palavra hábito é uma palavra usada demais para explicar essa ligação apaixonada de nosso corpo que não esquece a casa inolvidável. (BACHELARD, 1978, p. 207).

Sobre a casa e o universo, *Bachelard* correlaciona os termos através de um texto ainda mais envolto em recursos poéticos para trazer a reflexão de como a casa está para o restante do mundo como o lugar que concentra o sujeito em sua própria órbita, no seu mundo, dessa vez num mundo particular. E, no processo de relação entre o universo e casa, a última se mostra no texto muitas vezes incorporado a elementos naturais, como um organismo que funciona para, junto ao sujeito, resistir a todo o tipo de tempestade, sejam as naturais, sejam as da existência.

“O ser reina numa espécie de paraíso terrestre da matéria, fundido na doçura de uma matéria adequada. Parece que, nesse paraíso material, o ser mergulha na fartura e é acumulado de todos os bens essenciais”. (BACHELARD, 1978, p. 202). Fugindo ao alcance da análise feita da casa pela obra em comento, voltada, sobretudo para uma casa primitiva, onírica, numa determinada altura do seu texto, menciona-se a casa vislumbrada através de um sonho de propriedade, o que interessa à discussão proposta pelo presente estudo.

Bachelard (1978) diz que essa casa deve atender aos anseios de dois imperativos divergentes, o orgulho e a razão, casa que também deve preencher uma série de requisitos estéticos, qualitativos, que a enquadria como ambicionada pelas outras pessoas. Contudo, conclui o supracitado autor que essa casa corresponderia um sonho simples para o proprietário, incapaz de tocar no que há de interior, na profundidade da alma do sujeito. Diante dessa reflexão sobre a casa nova, o filósofo propõe que quiçá fosse recomendado preterir o sonho de habitar essa casa, que de tão postergado, nunca o realizássemos.

A razão para esse adiamento sucessivo encontraria resposta no fato de que a *casa natal* semelhante a uma casa final podaria os sonhos, que resultariam em tristes reflexões, enfim, seria atingido o ponto definitivo do viver a casa, quando o que mais tem valor é a transitoriedade desse viver.

2.1.1 *Uma breve contribuição sociológica para o entendimento das dinâmicas culturais que envolvem o espaço arquitetônico da casa*

No Brasil, a casa representa um dos elementos mais significativos que dispõe a população na demonstração de sua “situação de classe”. Afora a questão emocional de forte teor afetivo que liga o ser humano a esse espaço arquitetônico, temos que ele revela, traduz, um estilo de vida. Convém salientar que não basta ascender economicamente para pertencer a determinada classe social, é preciso, sobretudo o reconhecimento dos demais ocupantes da classe que será obtido pelo compartilhamento de crenças e valores comuns.

A estratificação social é uma de suas expressões que é o conceito de classe revela a possibilidade, ao menos no campo da teoria, de mobilidade, cabendo aos sujeitos utilizarem os mecanismos adequados e disponíveis à mudança que imprima superioridade, que o “eleve” de uma classe à outra de maior prestígio. Basicamente possuir oportunidades e estilos de vida similares faz do sujeito um integrante de determinada classe.

Entender essa dinâmica existente na relação de classe social é imprescindível até mesmo na oportunidade em que se planeja o lugar de moradia. De acordo com o bairro escolhido podemos vislumbrar padrões residenciais que em muito ajudam na “leitura social”. Elementos como fachadas de edifícios, número de pavimentos e utilidades internas dos prédios consistem em importantes subsídios para a afirmação de pertencimento a uma camada social, aliados à escolha do bairro.

Não se pode deixar à margem dessa reflexão o conceito sociológico de *status*. *Status* esse que diverge do entendimento do senso comum que o enuncia como de domínio único e exclusivo de classes sociais abastadas. Desmistificando essa compreensão, Vila Nova preconiza que o “*Status* é a localização do indivíduo na hierarquia social, de acordo com a sua participação na distribuição desigual da riqueza, do prestígio e do poder”. (2000, p. 117). Com isso, fica clara a constatação de que todos nós possuímos *status*, ou seja, ocupamos posições.

Ao ocupar determinadas posições, vale salientar que existem certos status que possuem a prerrogativa de se destacar em relação a outros. Para elucidar essa dinâmica de forma simples, basta antever que o indivíduo é qualificado socialmente por um status que mais se sobressai e agirá conforme o que ele preconiza.

A razão para agi-lo pautada no status é simples: ao ocupá-lo, é impressa uma força sobre o sujeito oriundo da expectativa social que determina seu comportamento, o comportamento que se espera dele por ser ocupante da posição que o *status* lhe confere.

Há naturalmente uma expectativa social com relação ao comportamento adequado que deve adotar um ocupante de determinado *status*. O *status* do ocupante da posição social de lixeiro não permite que ele utilize camisa branca e gravata ou adote uma linguagem sofisticada no convívio com os demais colegas, o que quer dizer que, para permanecer no status, deve assumir o comportamento esperado de quem está nessa posição. (DIAS, 2010, p. 121).

Os papéis sociais que o indivíduo assumirá serão apontados pelo *status*, ou seja, suas condutas em seu âmbito profissional, entre amigos, família, etc. Temos o chamado “grupos de status” que se diferenciam entre si por meio de características próprias de um tipo de vida e padrão de consumo que são referenciais na imputação de diferenciações.

O estilo de vida restringe a associação dos grupos de status com outros grupos. Como exemplo, podem morar em determinadas áreas residenciais, favorecendo a interação entre famílias que a eles pertencem. Favorece, do mesmo modo, a endogamia dentro de grupo. O que caracteriza o status é um modo de vida, de consumir, de morar, de vestir-se e uma certa educação, no sentido mais amplo da palavra. Uma situação de status, portanto, define-se como certo acesso à honra social. (DIAS, 2010, p. 123).

Chinoy (1967) sustenta que o status traz consigo os chamados papéis que representam o conjunto das normas que prescreve como o sujeito deve agir dentro da complexa vida em sociedade. Esses mesmos papéis são de suma importância não só como normas comportamentais, como também para anteverem-se as ações dos outros, o que permite o ajuste da nossa própria ação com base nesse dado. O *status* pode ser entendido segundo o sociólogo como “[...] uma espécie de cartão de identidade social, que coloca as pessoas em relação a outras e sempre supõe também uma espécie de papel”. (1967, p. 71).

No processo que envolve a firmação de certo *status*, afirma Dias (2010) que a figura dos “símbolos sociais” constitui uma importante ferramenta que várias sociedades se valem para ratificar as posições. Constituem símbolos que

diferenciam em termos de prestígio e poder como podemos vislumbrar em objetos de uso pessoal conferidos a certas profissões como as togas, vestes talares utilizadas no âmbito do tribunal por juízes e promotores de justiça, títulos acadêmicos, carros e bens imóveis, como casas. Ainda sobre o símbolo, Vila Nova afirma que:

A residência, como o vestuário, não funciona apenas como abrigo, mas também como símbolo. Seu tipo e sua localização desempenham uma importante função simbólica no que se refere à localização dos indivíduos na hierarquia social. O mesmo se pode dizer do automóvel. Casa e automóvel, entre outros bens, não proporcionam apenas conforto material, mas também, de modo significativo, conforto mental aos indivíduos, na medida em que satisfazem necessidades psíquicas de origem sociocultural. (2000, p.63).

Essas posições podem ser valorizadas ou não conforme o que cada sociedade reconhece como positivo e negativo. Importante frisar que a riqueza, o prestígio e o poder são prerrogativas que os *status* concedem enquanto um lugar social, e não inerentes aos sujeitos em si. Ocupando certo *status*, o sujeito passa a agir pautado no que se espera dele, pois passa a obedecer a expectativas comportamentais, responsáveis pelo banimento das diferenças. No que tange ao espaço arquitetônico,

Ao longo da história, pode-se perceber a existência de representações de poder e status social, como se verifica na “casa dos homens” da maioria das aldeias indígenas brasileiras, na monumentalidade dos templos de diversas religiões e dos palácios de chefes de Estado, ou mesmo em túmulos, cujos exemplos mais eloquentes se encontram nas pirâmides do Egito. Muitas dessas obras ainda se apresentam como reflexo de estratificação política, social, religiosa ou econômica desses povos. (BITTENCOURT, 2007, p.154-155).

Na perspectiva que leva em consideração a casa como um produto da nossa imaginação e da ação que a produz materialmente, é pertinente expor conceitos como o de classe e *status* uma vez que a cultura está presente mesmo indiretamente como ponto de reflexão nas obras dos autores supracitados e converge para a nossa organização de vida em sociedade, refletida, como não podia deixar de ser, na nossa moradia.

3 A MORADIA E A FELICIDADE

Neste capítulo, serão expostos alguns pontos de vista em torno do conceito de *felicidade*, sendo posteriormente feita a sua abordagem no contexto da casa do sujeito humano. Conforme contido no próprio título do presente estudo, nos propomos a estudar as “imagens do espaço feliz”, expressão essa presente na obra *A poética do espaço* de Gaston Bachelard (1978) e norteadora do significado atribuído à casa, lugar recorrentemente associado nesse trabalho ao bem-estar, ao sonho e a um desenfreado número de lembranças que nos levam a devanear ao longo de toda a nossa vida.

3.1 A noção de felicidade: uma discussão que não finda

Para introduzir a discussão em torno da felicidade, termo tão carregado de associações que escapa à mente humana aferir, nos propõe a tomar como ponto de partida a reflexão de Eduardo Giannetti, estampada em “Felicidade: diálogos sobre o bem-estar na civilização”. Nesse texto, quatro amigos, cada um com características intelectuais bastante distintas e por vezes divergentes em relação um ao outro, discutem, por meio de reuniões metodologicamente orientadas, sobre o sentido da felicidade e o porquê de o iluminismo não ter atendido aos anseios de felicidade humana através da realização de seus ideais que constituíam sua promessa.

O século XVIII, intelectualmente falando, representa o período histórico em que o homem depositou uma nítida confiança no progresso técnico e consequente aumento da produtividade e bem-estar, o que o coloca como o século da esperança no aumento da felicidade. Portanto, sua ideia central era que o que emergisse na forma de ganhos objetivos refletiria em satisfação espiritual para o indivíduo (Giannetti, 2002). Contudo, ao nos filiarmos a uma postura reflexiva diante das coisas, que nos conduz a chamar a razão em relação à situação do nosso tempo presente em termos de bem-estar humano, podemos seguramente afirmar que o projeto iluminista esteve longe de concretizar de forma fidedigna o que dele se esperava.

Conforto, aumento da expectativa e qualidade de vida, ampliação no uso da razão e da produtividade humana, sem dúvida alguma conduziram ao melhoramento

de incontáveis aspectos objetivos que fazem parte do percurso da vida do homem, mas a felicidade se situa além da esfera do que é aparência, superfície.

Seguramente podemos afirmar que cada época trouxe consigo múltiplos olhares e expectativas a respeito da felicidade que, convém salientar, pode ser vivida de tantas formas quanto são o número dos seus portadores. A palavra felicidade é envolta em tantos significados quantos são aqueles que a vivenciam enquanto sentimento e que tentam e, somente tentam, defini-la. Alguns a descrevem como uma gama de emoções que, presentes em concomitância, conferem bem-estar, segurança, satisfação e confiança ao sujeito.

Aberto o debate caloroso entre os amigos do livro de Eduardo Giannetti (2002), têm-se argumentos sobre a felicidade defendidos de forma tão intelectualmente embasada por cada um deles, que se torna uma dificuldade, durante a sua leitura, aderir à opinião de qualquer um dos sujeitos em conversa. Há quem pense que o termo “felicidade” é de tal modo “escorregadio” que discutir sua definição poderia resultar na incerteza e eterna indefinição incapazes de abrir espaço para a afirmação taxativa dos iluministas de que ela é resultado do progresso tecnológico.

Há também quem reconheça que para além de um mundo de coisas objetivas, existe o outro lado que é um universo da subjetividade individual em sua essência, que pode e deve ser explorado tanto quanto o primeiro. A felicidade seria inerente à forma como essas duas esferas se cruzam e o sujeito avalia esse cruzamento, ou seja, a sua própria vida.

Do ponto de vista da filosofia estoica, que encontrou quem a defendesse no debate, o iluminismo falhou ao deixar colocar, nos seus princípios, a vontade humana à frente do caminhar dos acontecimentos que, por sua vez, ocorre independente dela. Segundo a filosofia estoica, não ocorreria a infelicidade se houvesse uma adequação dos desejos e aspirações a esse complexo de fatos que acompanham a trajetória da nossa existência.

A multiplicidade de pontos de vista não só revela que o conceito está longe de ser um consenso, mas também que a felicidade pertence à individualidade repleta de experiências que se renovam a cada momento da vida do sujeito. Essa mesma individualidade está impregnada de fatores de ordem cultural que determinam o que é positivo e negativo, o bem e o mal no âmbito de cada sociedade, além de ser

movida por fatores históricos. O que se pode afirmar em se tratando de felicidade é que ela constitui um anseio, uma constante busca humana.

A relação dialética entre razão e imaginação persiste em cada caminho até a felicidade, a primeira negando a segunda, ambas consideradas justas, inerentes à lógica do ser. Não há vencedor nesse embate, pois o princípio reside na qualidade dessa tensão que se estabelece. (Giannetti, 2002).

Portanto, somos livres para decidir a melhor forma de viver, independentemente de como esse percurso será encarado culturalmente. A questão que ganha foco é o indivíduo e o seu imperativo que é a busca da felicidade, pois para que exista a felicidade deve haver alguma realização. Contudo, algumas discussões apontam que o “caminhar” em direção a esse objetivo de “ser feliz”, buscar já constitui a felicidade em si mesma. Tomar parte do que necessitamos e seguir nessa obstinação compõe e revigora quem somos até uma próxima busca.

Conversas informais entre amigos, como no trabalho de Giannetti, discussões acadêmicas em diferentes áreas do conhecimento científico, reflexões filosóficas ou simplesmente a ação de pensar o que é capaz de agregar satisfação, segurança e bem-estar à vida, representam formas de tratar a felicidade, conceito tão controverso. Inexiste completude, soberania em torno dessa definição. Várias das abordagens sobre felicidade reuniram esforços na tentativa de argumentar que o seu entendimento depende do contraste com o seu contrário que é a infelicidade.

Norteando a conferência sobre felicidade na obra de Giannetti, foi apresentado em uma das reuniões um texto sobre indicadores objetivos e subjetivos de bem-estar. A escrita abordava a existência dessas duas esferas. A objetiva sendo descortinada pelos números que envolvem renda *per capita*, *alimentação*, *moradia*, *disparidade econômica*, dentre outros fatores; a subjetiva estava expressa pela intimidade, pelo que se passava em termos de pensamento e imaginação, a maneira como o sujeito enxerga sua vida.

A felicidade seria atingida, segundo a própria exposição contida no texto, no entrecruzamento dessas duas esferas, uma dependente da outra. Porém, metodologias de investigação sobre o tema foram aprimoradas ao longo do tempo e foi constatada que a relação entre esses indicadores apresenta certa imprevisibilidade. (Giannetti, 2002).

Embora exista um vínculo positivo entre felicidade relatada e nível de renda pessoal, dentro de cada país, ou seja, há uma proporção maior de felizes

entre os mais ricos, o impacto de aumentos da renda pessoal em termos de bem-estar subjetivo tende a ser mais forte somente para as faixas de menor renda na sociedade, declinando sensivelmente a partir de patamares um pouco mais altos (cerca de US\$ 20 mil anuais no caso americano). Curiosamente, o vínculo entre renda e felicidade volta a ficar fortemente positivo quando se atingem níveis ainda mais elevados de renda (cerca de US\$ 80 mil anuais). (GIANNETTI, 2002, p.66).

A relação entre a chamada renda relativa e renda absoluta constitui a chave para a compreensão desse dado. Em termos de satisfação, a moradia e a alimentação, imperativos considerados essenciais, podem ser tidos como elementos importantes no tocante ao bem-estar subjetivo em incontáveis culturas. Porém, atendidas esses pontos primários, a atenção dos indivíduos se volta para outras questões. A questão para as pessoas não é mais a renda absoluta, e sim a renda relativa que consiste na:

Situação em que elas estão na comparação com os demais. O que passa a importar crescentemente agora é como a pessoa se percebe diante dos outros, diante do seu grupo de referência, diante daqueles cujo sentimento e opinião conta para ela. Ela quer saber como está, aos seus próprios olhos, em relação aos outros; e ela quer saber como eles irão percebê-la, isto é, como ela se sairá aos olhos deles, quando se compararem a ela. (GIANNETTI, 2002, p. 78).

Ou seja, a preocupação passa a ser o destaque pessoal a partir da obtenção de bens considerados escassos socialmente. O nível de satisfação aumenta dessa vez pautado no fato do indivíduo ter mais coisas do que a maioria da sociedade e mostrá-las, exibindo assim sua posição social. Dando continuidade ao raciocínio que aponta a felicidade como uma satisfação relacionada à renda, primeiramente absoluta e posteriormente relativa, e colocando a imaginação como um fator pertinente a esse debate, temos a seguinte afirmação por parte de um dos debatedores:

Eu não iria tão longe quanto Mozart, a ponto de afirmar que 'a felicidade existe somente na imaginação', mas eu diria, sim, que a partir de certo nível de renda, felizmente não muito alto, ela passa a depender mais do temperamento e da fantasia do que do tamanho da casa e da conta bancária. A vida dos povos, não menos que a dos indivíduos, é vivida em larga medida na imaginação. (GIANNETTI, 2002, p. 95).

Ainda seguindo o viés da felicidade e a sua estabilidade quando do alcance de certo nível de renda, Giannetti (2002) traz posteriormente a essa abordagem uma reflexão freudiana em que fica impressa a ideia de que a recompensa posterior de um anseio primitivo nada mais é do que felicidade. Dessa forma, conclui que não sendo a renda uma ânsia da infância, o dinheiro não oferta felicidade plena.

Weiner, autor de *A geografia da felicidade*, ao percorrer alguns países do mundo em busca dos motivos pelos quais eram classificados como os “mais felizes”, forneceu um exemplo de suma importância para o entendimento da relação entre renda e felicidade. O caso do Butão. Lá a felicidade independe da conta bancária e o nível de satisfação social revelada pela *Felicidade Nacional Bruta*, índice adotado pela nação, está dissociado do aparato tecnológico.

Weiner (2009) se baseia no estudo de *Veenhoven*, estudioso da felicidade, para chegar até os lugares com alto índice de bem-estar, cada um com sua história e características distintivas. Ao indagar a respeito da *Felicidade Nacional Bruta*, o viajante descobre com um butanês que a felicidade consiste em ter o bastante para viver, ter o que se julga suficiente.

Em suas experiências em países com um índice considerado elevado de felicidade, Weiner procurava observar com atenção e até mesmo vivenciar os seus costumes para compreender o que deles resultava em contentamento, satisfação. Em cada um dos solos nacionais em que fez sua morada provisória, encontrava pelo caminho pessoas com quem desenvolvia conversas, sempre iniciada com a pergunta: como você define a felicidade?

A Islândia, um dos alvos de sua pesquisa, apesar de ser um país extremamente frio e onde não se visualiza a luz solar, costuma ser sempre apontada como um dos lugares mais felizes de ser viver. Lá, certa vez, ao fazer sua indagação de praxe, se depara com a seguinte resposta: “Felicidade é o seu estado de espírito e o modo como você persegue esse estado de espírito”.

Essa afirmação se alinha com o célebre dito Aristotélico que nos ensina que “o caminhar até o objetivo importa da mesma forma ou até com maior intensidade do que seu alcance, sendo que a vida feliz é a vida na qual se busca permanentemente a virtude”. (apud Weiner, 2009).

Weiner constatou um dado interessante. É unanimidade entre todas as culturas nacionais um acentuado número de palavras que caracterizam estados emocionais negativos em relação aos que exprimem contentamento.

O autor de *A geografia da felicidade* supõe que se trate de um sentimento tão grandioso e visualmente acessível que dispense o uso de termos. “Com certeza algumas palavras podem evocar uma alegria instantânea. Palavras como ‘eu te amo’ e ‘você já pode ser um campeão’. Contudo, outras palavras – ‘auditoria’ e ‘exame de próstata’, por exemplo – têm o efeito oposto”. (WEINER, 2009, p. 158).

O autor continua colocando que:

Todas as línguas compartilham de uma característica, e não é uma característica feliz. Como descobri na Suíça, cada cultura tem muito mais palavras para descrever estados emocionais negativos do que para descrever os positivos. Isso em parte explica porque achei tão difícil fazer com que as pessoas me falassem a respeito da felicidade. (WEINER, 2009, p.158).

Qualquer que seja a nacionalidade, gênero, faixa etária, orientação espiritual, o ser humano dirige suas ações pautado na busca da felicidade. O prazer, as conquistas, pequenas alegrias somadas à vida fazem parte do desejo primeiro de qualquer ser composto de carne e osso, uma vez que “[...] os homens não podem ser curados de serem homens...” (LISPECTOR, 1998. p. 141).

A obra de Clarice Lispector intitulada *Felicidade Clandestina*, composta por vinte e cinco contos, ratifica essa suposição por nos trazer diferentes histórias de alegrias cotidianas e por vezes secretas, como a da menina em posse do objeto de desejo que era um livro; a felicidade da criança em ser atendida em seu choro pela figura materna que a alimenta e lhe oferece cuidados e atenção ou da garotinha que tinha por hábito roubar rosas.

Ao leitor atento aos pequenos detalhes das narrativas que se caracterizam por ir a fundo à alma humana, ponto assaz explorado na literatura de Lispector, ficam evidentes as marcas de diferentes experiências da vida, com as quais nos identificamos muitas vezes, mas como todo sentimento oriundo da felicidade, quase inexpressíveis por nós.

Dando continuidade à temática da felicidade, temos na colorida e vibrante obra intitulada *A felicidade* de Domenico De Masi e Oliviero Toscani (2011), um trabalho que consegue despertar fortemente os sentidos através da exposição de imagens oriundas das artes plásticas em suas páginas, bem como do “tom” poético em seu conteúdo. Nesse trabalho é citado o conto de Borges, “A rosa de Paracelso” onde se desenvolve um diálogo entre o discípulo e seu mestre.

O primeiro indaga ao segundo se, de fato, existe paraíso. O segundo responde que não só existe como é a terra onde vivemos. Então, surge novamente uma pergunta, dessa vez sobre a existência do inferno. A resposta do mestre é a de que sim, o inferno existe e nada mais é do que a ausência da percepção de que vivemos no paraíso. Dessa maneira, conclui-se que a felicidade está principalmente

na mente de quem a busca, da mesma forma como a beleza pode estar nos olhos de quem a vê.

Salvo algumas exceções, a palavra “felicidade” representa um termo que encontra no âmbito da economia uma séria restrição quanto à tentativa de esclarecimento da sua natureza ou definição. Prefere-se mencionar a expressão “bem-estar” à “felicidade”, numa tentativa de atribuir confiabilidade a qualquer discussão em torno dos sentimentos de prazer e satisfação, emprestando científicidade à questão, pois acreditam os economistas que a felicidade não pode ser medida. (DE MASI; TOSCANI, 2011).

No tocante à felicidade como um anseio em constante diálogo com a imaginação, encontramos a seguinte passagem em *A felicidade*:

A felicidade – dizia genialmente Mozart – “é somente imaginação”. Embora o homem seja um dos animais mais lentos de todas as espécies, a lentidão de seu corpo é compensada pela velocidade de sua imaginação. [...] Conseguimos ser felizes apenas com a imaginação, mas a imaginação, mesmo representando a nossa parte mais veloz, pode ser alimentada somente pela reflexão, pela calma, pela lentidão. (DE MASI; TOSCANI, 2011, p. 83).

A rapidez impressa pela sociedade da era industrial suprime a percepção da importância que tem a imaginação. O raciocínio de se desenvolver o maior número de atividades possível num curto espaço de tempo e o fato de sermos condicionados dessa maneira desde que nos tornamos seres pensantes, poda qualquer chance de felicidade contida nos instantes em que nos deparamos com as nossas lembranças, de vivenciarmos plenamente os espaços de acolhida ou simplesmente refletirmos sobre as coisas.

3.1.1 A felicidade inserida no contexto da casa

Ao versar sobre essa felicidade, tipicamente butanesa, logo vem à mente a obra “A Cidade e as Serras” de Eça de Queirós, texto clássico da literatura lusitana que trata da vida de Jacinto, protagonista do romance e detentor de uma existência repleta de aparatos tecnológicos em pleno curso do avanço material na Europa no final do Século XIX.

Ao longo do enredo, o seu príncipe, como o chama seu amigo Zé Fernandes, o narrador da história, acaba por deparar-se com o tédio e a incompletude proveniente do seu estilo de vida em Paris, mesmo residindo numa casa (a

recorrentemente citada pelo seu número “202”) que representava um micromundo sintetizador de todo o aparato material que a tecnologia podia oferecer.

Mesmo sendo o foco da história o fato de que aparentemente o que era considerado “bom” era sinônimo de moderno, científico, urbano, para a surpresa do leitor, o protagonista da história, tão afeito a essas “virtudes” das grandes cidades, encontra satisfação, segurança e acolhida na vida simples e pacata do campo, sendo a casa do indivíduo um ponto de reflexão certamente identificável nessa literatura.

Jacinto, ao se ver obrigado a retornar a uma “casa primitiva”, local afastado do perímetro urbano, onde fizeram a vida outros Jacintos; campos longínquos, repletos de vales, rios, hortas e toda a natureza em seu estado bruto, se deslumbra, alcançando a sensação de encantamento num mundo até então esquecido desde a época de seus antepassados que lá viveram e lá fizeram nascer suas raízes.

Na aventura que se fez sua ida até a serra, em meio às intempéries da natureza e à perda de suas malas que abrigavam toda sorte de materiais sem os quais Jacinto acreditava não “sobreviver”, foi surgindo o encantamento e as curiosidades observáveis no trecho do diálogo entre Jacinto e seu amigo e Zé Fernandes, que segue:

Jacinto estendera o braço:

- Que casarão é aquele, além do outeiro, com a torre?

Eu não sabia. Algum solar de fidalgo do Douro... Tormes era nesse feitio atarracado e maciço. Casa de séculos e para séculos – mas sem torre.

- E logo se vê da estação, Tormes? ...

- Não! Muito no alto, numa prega da serra, entre arvoredo.

No meu príncipe já evidentemente nascera uma curiosidade pela rude casa ancestral. Mirava o relógio impaciente. Ainda trinta minutos! Depois, sorvendo o ar e a luz, murmurava, no primeiro encanto de iniciado:

- Que doçura, que paz... (QUEIRÓS, 2012, p.130)

Não apenas o estilo de vida nas serras o encantava com o seu cheiro de mato, a liberdade no caminhar, o comer das frutas frescas, o barulho do vento e a ausência dos formalismos e superficialidades exercidas em meio à civilização, como também encantava em Jacinto o fazer parte daquela “casa primitiva” com o conforto do seu acolhimento simples, espiritual, que dispensava os excessos do “202”, o que fica explícito nessa passagem:

E com a perene alegria de Jacinto as noites da serra, no vasto casarão, eram fáceis e curtas. O meu príncipe era então uma alma que se

simplificava – e qualquer pequenino gozo lhe bastava, desde nele entrasse paz ou doçura. Com verdadeira delícia ficava, depois do café, estendido numa cadeira, sentindo através das janelas abertas, a noturna tranquilidade da serra, sob a mudez estrelada do céu. (QUEIRÓS, 2012, p.179).

Houve uma mudança valorativa a partir do momento em que se deu o ingresso de Jacinto no entorno do que passou a ser sua casa, aqui entendida como o lugar do acolhimento, das emoções positivas, do devaneio. Onde os cantos foram eleitos como os redutos da solidão íntima que permitiram ao protagonista da história ter um encontro consigo por meio de múltiplas lembranças e vivências nessa casa primitiva. A respeito desse dado, Bachelard coloca que:

É preciso procurar na casa múltipla centros de simplicidade. Como diz Baudelaire: num palácio, “não há nenhum lugarzinho para a intimidade”. Mas a simplicidade, às vezes elogiada racionalmente demais, não é uma fonte de onirismo de grande força. É preciso tocar na primitividade do refúgio. E, além das situações vividas, descobrir situações sonhadas. Além das lembranças positivas que são materiais para uma psicologia positiva, devemos reabrir o campo das imagens positivas que foram talvez os centros de fixação das lembranças deixadas na memória. (1978, p. 216).

Ao desenvolver sua obra, *A Poética do Espaço*, Gaston Bachelard (1978) manifestou o interesse de pesquisa na determinação de como o indivíduo atribui valor aos seus ambientes de posse, espaços enaltecidos e amados. São espaços vividos na imaginação, com todas as suas parcialidades. A imaginação produz um número indefinível de imagens, o que enriquece o ser imaginado. O seu interesse se encontra nas imagens que atraem, nas imagens da intimidade da casa.

O filósofo alcança o entendimento de que na condição de verdadeiramente habitado, todo espaço remete ao sentido de casa e a imaginação atua seguindo essa noção no momento em que o indivíduo usufrui do menor abrigo. (Bachelard, 1978). Vive-se a casa na esfera da imaginação, além da vivência no que ela tem de real. No ato de imaginar são erguidos muros, se tem conforto por meio da sensação de proteção, ou, ao contrário disso, se teme uma falta de proteção mesmo sob o abrigo das mais seguras paredes.

Nessa perspectiva, Bachelard afirma que:

[...] a casa não vive somente o dia-a-dia, no fio de uma história, na narrativa de nossa história. Pelos sonhos, as diversas moradas de nossa vida se interpenetram e guardam os tesouros dos dias antigos. Quando, na nova casa, voltam as lembranças das antigas moradias, viajamos até o país da Infância Imóvel, imóvel como o Imemorial. Vivemos fixações, fixações de felicidade. Reconfortamo-nos revivendo lembranças de proteção. (1978, p. 201).

É no ambiente da casa que residem os seres protetores (Bachelard, 1978). Ela remete ao aconchego que sentimos nos primeiros momentos de vida, um conforto maternal. A casa admite, no *paraíso material* que representa para o indivíduo, o exercício do sonho, do devaneio. Justamente nesse exercício o homem usufrui da sua humanidade e “[...] é acumulado de todos os bens essenciais”. (BACHELARD, 1978, p.202).

Bachelard (1978) fala de um bem-estar que é vinculado ao ser desde sua origem, refletido no olhar sobre a casa. O filósofo preceitua que, para destacar a essência verdadeira que constitui a resposta para o valor que atribuímos a esse espaço, é necessário se desvincular do exercício da descrição (tanto objetiva quanto subjetiva) para alcançar o âmago da função primeira de habitar.

A casa do sujeito humano, lugar das múltiplas imagens, memórias, refúgio da nossa primitividade; unidade e ao mesmo tempo complexidade (Bachelard, 1978), carrega por sua natureza que em nós se exprime na forma da imaginação todo um sentido de felicidade, de sonho. Se a felicidade por vezes é “fugidia”, se o sentimento do prazer se encontra ausente em um determinado momento, ela te oferta tudo o que nela há de meios para o reencontro ser aguardado de forma menos pesarosa. A casa é o lugar onde nos protegemos e onde possuímos nossos “centros de tédio, centros de solidão, centros de sonho” (BACHELARD, 1978, p. 208). Bachelard nos ensina que:

A casa, na vida do homem, afasta contingências, multiplica seus conselhos de continuidade. Sem ela, o homem seria um ser disperso. Ela mantém o homem através das tempestades do céu e das tempestades da vida. Ela é corpo e alma. É o primeiro mundo do ser humano. Antes de ser “atirado ao mundo”, como o professam os metafísicos apressados, o homem é colocado no berço da casa. (1978, p.201).

Em *Casa: Pequena História de uma ideia*, de Rybczynski, temos como um dos atributos da casa o bem-estar. Depois de tratar de outras qualidades desse espaço arquitetônico, como por exemplo, domesticidade, intimidade, privacidade e comodidade, o autor nos convida a viajar no tempo ao abordar como na Inglaterra de meados do século XVIII houve a evolução do conceito de conforto através da adoção de um estilo intitulado “georgiano” de pensar e fazer a casa.

Esse estilo diz respeito à época em que reinaram os Reis Jorge I – IV, período que se estendeu entre os séculos XVIII e XIX, e teve como característica marcante o fato de agregar à casa o traço da vida em família com sua noção de lar,

graça e conforto, pela primeira vez. Devemos à Inglaterra um estilo de vida descontraído, sem a pompa enfadonha das casas da corte francesa, gerando um imaginário doméstico distinto do até então (Rybczynski, 1996).

Para melhor compreender como o papel da casa aumentou exponencialmente sua importância perante aquela sociedade da época até as mais atuais, basta vislumbrar que naquela Inglaterra georgiana do século XVIII, próspera economicamente e aberta ao lazer nos momentos de ociosidade, pouco eram desenvolvidas as atividades ao ar livre ou os esportes, que se popularizaram com maior intensidade no século XIX.

Na Inglaterra a vida no campo era mais comum entre as classes mais abastadas, era corriqueira a prática da visita. Portanto, a casa dos burgueses representava o centro do entretenimento, um lugar associado à diversão e contentamento.

O que na Idade Média remetia a trabalho e à vida pública, agora passa a abrigar grandes rodas de conversa, jantares, jogos e a privacidade representada pelo adentrar de pessoas convidadas nesse universo doméstico. Até mesmo a arte lá se desenvolvia, através da prática do teatro amador e dos eventos musicais, sendo a convivência entre amigos e família um fato cada vez mais prazeroso.

Nesse sentido, o século XVIII foi determinante para as transformações em relação à casa e à forma como os sujeitos passaram a conceber esse espaço. O próprio aparecimento da palavra *conforto* no âmbito do bem-estar doméstico data do supracitado século. Os indivíduos necessitavam de uma expressão que transmitisse uma noção que até então não havia e, portanto, não precisava ser expressa. (Rybczynski, 1996).

O conforto nesse contexto pode ser associado ao modo de subdividir os cômodos da casa de forma a conceder maior privacidade e intimidade aos seus habitantes. Ao se pensar nas novas funções que ela passou a abrigar, bem como à própria praticidade e funcionalidade de uma nova geração de mobiliários que acompanharam essa mudança de mentalidade, pode-se constatar que a ligação afetiva entre sujeito e casa se estreita. Sobretudo podemos relacionar conforto ao simples emergir de uma nova consciência da casa e do indivíduo.

O conforto doméstico não é caracterizado pela mobília do interior das casas está organizada de modo simétrico ou os seus objetos estarem dispostos em locais que remetam à “boa organização”. O conforto espacial e a sensação de se

estabelecer uma relação íntima e aconchegante com a casa acontecem quando, em vez disso, ela remete às práticas de vida dos sujeitos. (Rybczynski, 1996).

O arranjo e o próprio sentido de organização do espaço físico revelam que se trata de um local escolhido para permanência, onde podemos enxergar nossa intimidade em todas as suas nuances e vivenciar a irregularidade própria da disposição dos objetos que ele abarca.

Contudo, engana-se que acredita que é tarefa simples definir o conforto doméstico. Parece, à primeira vista simples, mas é uma noção composta por vários fatores que precisam ser compreendidos a partir da visão conjunta, do todo. O conforto abarca a simplicidade e também a complexidade, por possuir atributos de fácil entendimento e outros que se situam na profundidade do ser. Rybczynski ensina que:

Pode ser que seja suficiente percebermos que o conforto doméstico envolve uma gama de atributos – conveniência, eficiência, lazer, bem-estar, prazer, domesticidade, intimidade e privacidade -, tudo isto contribui para esta sensação; o bom senso fará o resto. A maioria das pessoas – “Posso não saber por que gosto, mas sei do que gosto” – reconhece o conforto quando o sente. Esta percepção envolve uma combinação de sensações – muitas subconscientes – não só físicas, mas também emocionais e intelectuais, o que torna o conforto difícil de se explicar e impossível de se medir. Mas isto não o torna menos real. (1996, p. 236).

Durante a leitura de Rybczynski nos defrontamos também com exemplos de obras de pintores e escritores que versam sobre a “casa vivida”, no capítulo que versa sobre o atributo do bem-estar. Os objetos e pessoas que são descritos nessas obras logo nos remetem à intensidade da influência que o espaço exerce sobre o sujeito e vice versa. São verdadeiros “lugares de personalidade” que emprestam bem-estar aos neles inclusos. Sobre as características literárias de Jane Austen, escritora simpática aos retratos da vida doméstica da casa, o supracitado autor coloca que:

É surpreendente a frequência com que nos deparamos com as palavras “conforto” e “confortável” nos romances de Jane Austen. Ela as usava com um sentido antigo de apoio e auxílio, porém, mais frequentemente, as empregava para designar um novo tipo de experiência – a sensação de contentamento que surge quando se desfruta do próprio ambiente físico. Ela descreveu o quarto de Fanny como um “ninho de confortos”. Não havia somente cômodos e carruagens confortáveis, mas refeições, vistas e situações confortáveis. Era como se ela não pudesse usá-la o bastante [...]. (1996, p. 129).

Ao longo do desenvolvimento de todas as leituras sobre felicidade, a liberdade foi inúmeras vezes mencionada como um termo associado à essa noção,

sobretudo, como uma junção que resulta na ideia de criatividade. Felicidade e liberdade se mesclam como vitais uma em relação à outra em várias das discussões que auxiliaram na composição deste trabalho. A liberdade se expressa através da escolha de um determinado modo de vida, da união entre pessoas que se identificam, de ir e vir, de sonhar e colocar sonhos em prática. Como escreve Weiner:

Os grandes pensadores há muito tempo já sinalizaram para uma conexão entre criatividade e felicidade. “Felicidade”, Kant disse uma vez, “é um ideal não da razão, mas da imaginação”. Em outras palavras, nós criamos nossa felicidade, e o primeiro passo para se criar qualquer coisa é imaginá-la. (2009, p. 157).

Determinados atos de liberdade, por meio das escolhas, demandam do sujeito maior esforço e critério por se tratarem de decisões fundamentais no tocante à vida do mesmo, repercutindo numa série de fatores que, interligados, trarão um prazer duradouro. A escolha da moradia pode ser considerada um deles. Segundo Weiner (2009, p. 09) “o lugar onde estamos é vital para o que somos” e seguramente podemos associar essa afirmação ao lugar que nos abriga do restante do mundo, a nossa casa.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

No presente capítulo serão delineados os procedimentos metodológicos e as etapas do estudo, com a descrição dos dados primários e secundários que foram utilizados. Também será relatada a experiência da construção do questionário da pesquisa e da inserção da pesquisadora em campo e, por fim, expostos os procedimentos utilizados na análise dos resultados, visando o alcance dos objetivos propostos neste trabalho.

A pesquisa teve natureza qualitativa e quantitativa, privilegiando a obtenção de dados de ordem subjetiva no tocante à construção imaginária em torno da moradia na orla marítima de Olinda. Os dados coletados receberam tratamento posterior através do recurso da tabulação que constituiu um instrumento eficaz para destacar a relevância dada a cada resposta. A cada resposta foi atribuído um percentual individual ou também um percentual em relação ao total delas, conforme mostra o apêndice A, o que facilitou o procedimento de cruzamento das informações colhidas, realizado posteriormente.

O objetivo desta pesquisa foi o de investigar os traços imaginários que caracterizam o grupo dos moradores da orla marítima da cidade de Olinda, especificamente no que tange à experiência de morar nessa localidade. Tendo em vista o contato com o referencial teórico que põe em evidência a relação da casa com o sujeito humano, tanto sob uma perspectiva cultural quanto emocional, e obras que abordam a influência dos processos imaginários na formação de pontos de vista compartilhados por um grupo social, foi construída uma hipótese.

Por ser a moradia em porções litorâneas de zonas urbanas, frequentemente associadas à classes sociais de alto poder aquisitivo, unida ao fato de toda a extensão da orla marítima de Olinda abranger um modelo imobiliário que busca representar uma condição social e econômica que é valorizada em nossa sociedade, tem-se como hipótese que os processos de cunho subjetivo dão forma a um imaginário positivo em relação à moradia nesse ambiente.

4.1 Etapas da pesquisa

A presente pesquisa seguiu a realização de cinco etapas seguintes:

a) Etapa I

Pesquisa bibliográfica sobre o assunto, filmografia, imagens e quaisquer outros documentos capazes de fornecer subsídios para a construção do entendimento acerca do imaginário relacionado à moradia.

b) Etapa II

O presente estudo adotou como recorte espacial a orla marítima da cidade de Olinda, privilegiando a porção em que é nítido o predomínio de construções residenciais. A orla em sua totalidade tem cerca de 6 km de extensão, iniciando no Forte do Buraco, que fica na proximidade da Escola de Aprendizes-Marinheiro (onde se situa a divisão entre as cidades de Recife e Olinda), indo até a Foz do Rio Doce.

A beira mar da cidade de Olinda abarca os bairros: Salgadinho, Santa Tereza, Umuarama/Varadouro, Bairro Novo, Casa Caiada e Rio Doce. A parte da orla de Olinda que se caracteriza por ser onde o domínio do uso residencial se faz presente é o que compreende o bairro de Casa Caiada.

O supracitado bairro apresenta um tipo imobiliário que busca atender às atuais tendências do mercado imobiliário de alto padrão, ou seja, edifícios elevados, com um grande número de pavimentos, portadores de utilidades internas que os enquadram como moradia de classes sociais de alto poder aquisitivo e ofertantes de espaços de lazer, com uma estrutura arquitetônica cada vez mais hostil (Leitão, 2009) em relação ao espaço público da rua.

Por representar a área da beira-mar mais requisitada para fins de moradia e pela própria dinâmica em relação a áreas litorâneas, geralmente mais valorizadas em termos residenciais, a porção da orla correspondente ao bairro de Casa Caiada foi escolhida como o recorte espacial do presente estudo que “segue os vestígios” do imaginário dos moradores dessa área no que tange a essa moradia.

Imagen 1 - Bairro de Casa Caiada, Olinda – PE.



Fonte: Google Earth, 2014.

Imagen 2 - Exemplos de alguns edifícios residenciais da orla de Olinda que ostentam em sua arquitetura traços que exprimem repulsa ao espaço público (Leitão, 2009), através de uma espécie de muralha em suas fachadas.



Fonte: A autora, 2013.

Nesse bairro, o processo de verticalização na orla marítima permanece em curso devido à existência de terrenos que possibilitam a expansão do setor imobiliário na área, aliada à legislação urbanística municipal, que permite a construção de um tipo imobiliário na localidade condizente com o modelo de edificação residencial. Esse modelo é o que atrai o interesse do mercado, conforme já dito, sendo sua disseminação facilitada pelo fato dessa porção da orla de Olinda ser classificada pelo Plano Diretor Municipal (2004) como zona de verticalização elevada (ZVE).

Dessa forma, em relação aos trechos da orla que correspondem aos bairros do Rio Doce e Bairro Novo, onde também são visualizados com predominância imóveis residenciais, Casa Caiada apresenta edifícios com um maior número de pavimentos juntamente com outras características que conferem a aparência de modernidade e a funcionalidade que é requerida dos imóveis hodiernos.

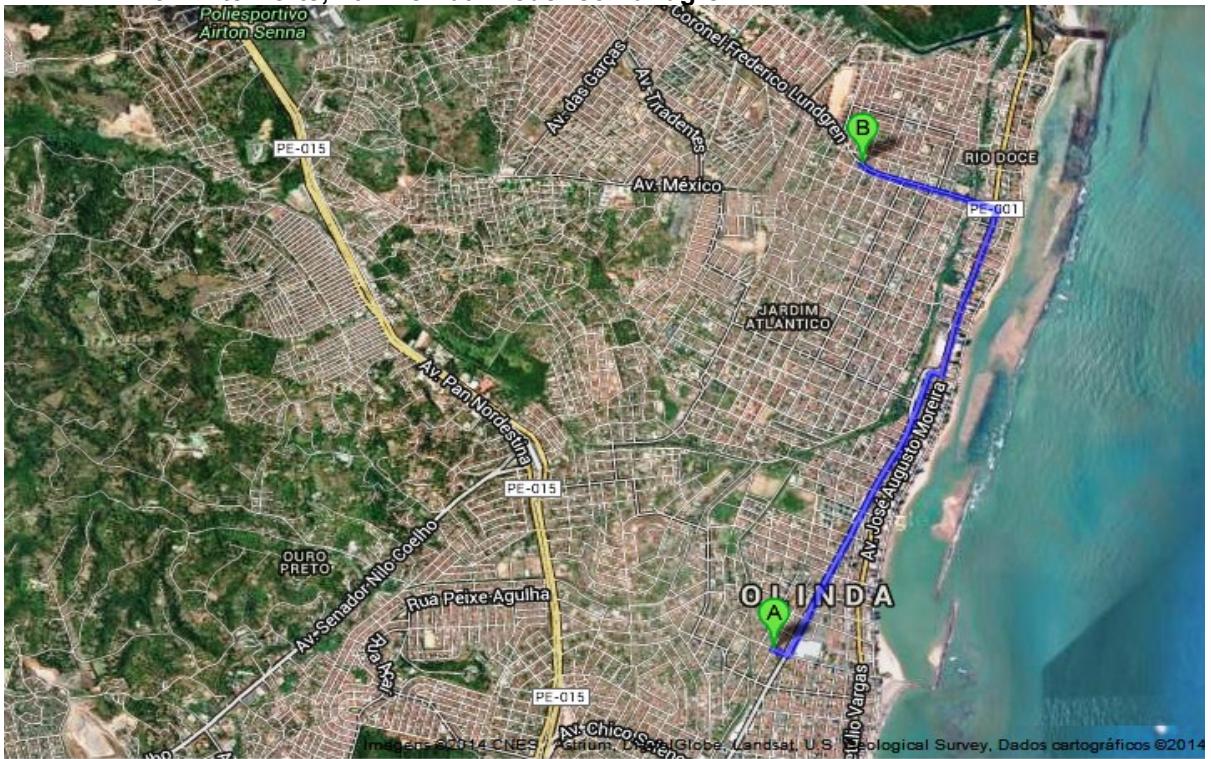
Suas fachadas apresentam cores vivas, *design* moderno, os acessos de entrada e saída chamam atenção de quem os obseva da rua, possuindo geralmente espaços de lazer como parquinhos infantis, piscina e salão de festas, bem como espaços de convivência e salão de ginástica, demonstrando que a área oferta moradia nas condições de quem deseja adquirir objetivamente um lugar para viver e uma situação social que represente o sujeito que nela habita.

A verticalização, que é concentrada no trecho de Casa Caiada, foi determinante para mudar de forma expressiva a aparência do lugar. Com exceção de alguns poucos imóveis que mantêm a feição de décadas passadas, os altos prédios atraem com predominância a visão de quem passa pelo local.

E não se pode deixar de considerar a campanha feita pelos representantes do setor imobiliário, disseminadores de um imaginário que representa o progresso e o futuro morar em alturas, camuflando suas intenções meramente financeiras de obter lucros com a maximização de pavimentos cada vez mais representados por metros quadrados reduzidos.

Objetivando tornar ainda mais nítida a visão sobre a área escolhida para esse estudo, foi capturada a seguinte imagem que mostra a delimitação do espaço da pesquisa, que corresponde à porção litorânea do bairro de Casa Caiada:

Imagem 3 - Delimitação das ruas limítrofes do Bairro de Casa Caiada, Olinda – PE. O ponto “A” representa o limite Sul e situa-se na Rua Doutor Eduardo de Morais e o ponto “B” o limite Norte, na Avenida Frederico Lundgren.



Fonte: Print Screen no google Street View.

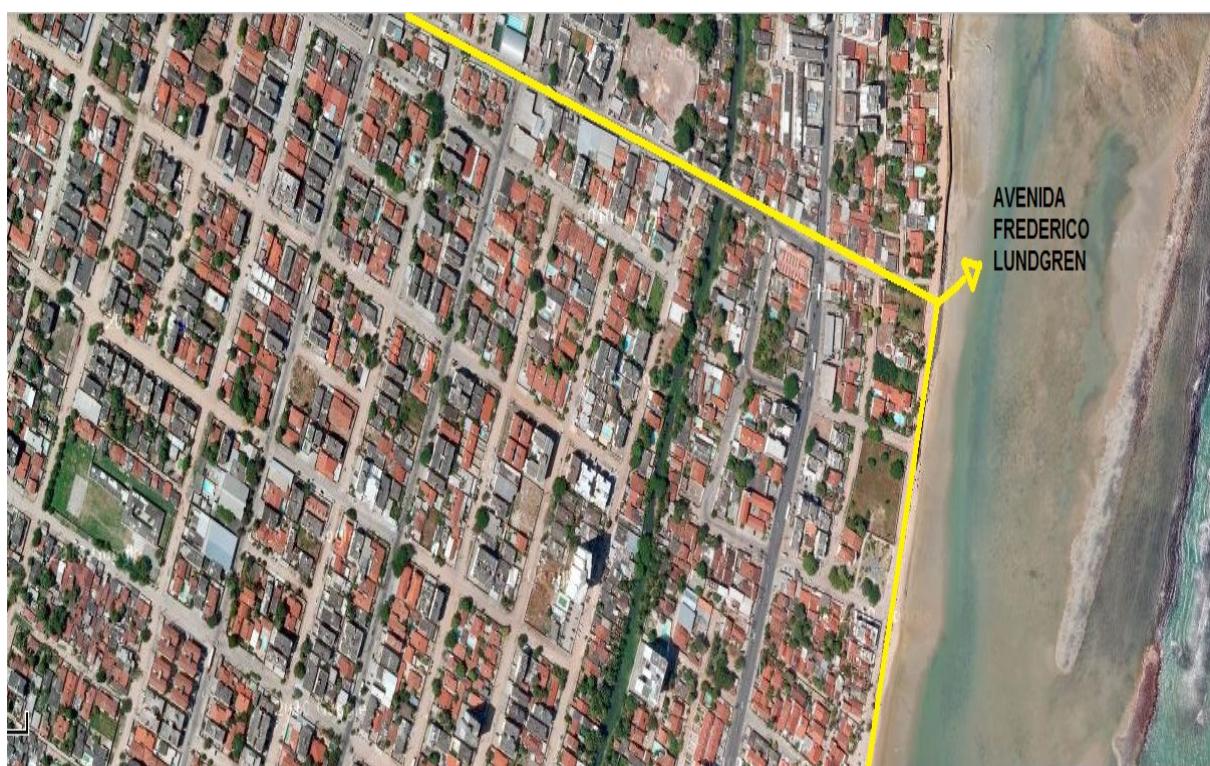
O bairro de Casa Caiada, segundo informações obtidas no Departamento de Informações Municipais (DIM) da Secretaria de Planejamento Urbano do Município de Olinda, tem limite ao Sul na Rua Doutor Eduardo de Morais, Norte na Avenida Frederico Lundgren, Leste no Oceano Atlântico e Oeste nos canais Bultrins e Bultrins Fragoso. Neste trabalho foi considerada essa demarcação formal, proveniente do poder público municipal, para efeito de orientar o início e término da área que abarca a experiência de campo, todos eles situados na Avenida Ministro Marcos Freire.

Imagen 4 - Limite Sul do Bairro de Casa Caiada, Olinda – PE.



Fonte: Google Earth, 2014.

Imagen 5 - Limite Norte do Bairro de Casa Caiada, Olinda – PE.



Fonte: Google Earth, 2014.

Casa Caiada situa-se na *Região Político-Administrativa 7 (RPA 7)* juntamente com os bairros Jardim Atlântico e Bairro Novo. Segundo o Censo Demográfico realizado pelo *Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)* em 2010, contabilizou-se uma população no bairro de 15.407 habitantes.

Se considerarmos o lugar apontado como o que abriga a maior renda domiciliar *per capita*, logo o mesmo Instituto de pesquisa apontará para os domicílios que se concentram na orla, apresentando uma média mensal de três mil duzentos e dezessete reais por domicílio, valor considerado alto se comparado às outras partes da cidade que demonstram uma renda média de apenas um salário mínimo.

Após a demarcação do recorte espacial da pesquisa, foi constatado por meio de uma visita à área para o levantamento do número de edifícios que, o seu espaço, com aproximadamente 1 km de extensão, abriga 54 edifícios residenciais, estando três deles em processo de construção. Foi realizado o registro visual desses imóveis por meio da fotografia para a captação dos imóveis que nortearam a investida da pesquisa de campo.

Não se verificou ao longo da incursão em campo pela pesquisadora qualquer dificuldade concernente ao recorte espacial do estudo. O espaço era conhecido pela mesma que operou no sentido de apreciar com maior precisão os seus limites e os imóveis que ele abarca. Consequentemente, foram observados por meio de um olhar sensível às indagações trazidas na pesquisa, a dinâmica existente no entorno desses imóveis, ação essa considerada importante dentro do pretendido pelo presente estudo.

c) Etapa III

A realização de entrevistas através da aplicação de um questionário semiestruturado com base no modelo utilizado por Armando Silva na sua obra intitulada *Imaginários Urbanos (2011)*.

Algumas questões foram trazidas do questionário desenvolvido pelo supracitado autor em sua pesquisa que tinha como base captar os imaginários urbanos de duas grandes cidades da América Latina: São Paulo e Bogotá.

Através do modelo de questionário fornecido para os habitantes dessas cidades com o intuito de compreender *percepções imaginárias* que neste trabalho é a construção social de uma imagem (Silva, 2011), foi constatada a necessidade da

presente pesquisa se pautar nos métodos especiais de trabalho que foram desenvolvidos para a investigação em torno da presença dos símbolos, assunto inédito na formação social da imagem da cidade (Silva, 2011).

Outras questões que compõem o questionário foram adaptadas para a presente pesquisa, especificamente em relação ao espaço habitado e seu entorno, sendo o público-alvo os proprietários dos imóveis por serem hipoteticamente os responsáveis pela escolha da moradia na localidade.

Na presente etapa foi essencial a adoção de um olhar sensível aos cenários que compuseram a pesquisa, sobretudo pela constatação, através da experiência-piloto, de que se trata de ambientes de suma importância para as dinâmicas de vida do entrevistado.

Não se pode falar em observação participante no âmbito dessa pesquisa, pois não houve a participação efetiva no contexto cultural da investigação com a mútua influência entre a observadora e o contexto da observação, um interferindo no outro.

Porém, a proximidade entre a pesquisadora e os entrevistados, principalmente tendo como o elo a aplicação do questionário dentro da casa desses sujeitos, demandou uma atenção aos detalhes percebidos na arrumação dos objetos, de ações praticadas durante a pesquisa, de expressões que revelavam mais do que o questionário era capaz de indicar.

d) Etapa IV

A análise dos dados coletados foi realizada no Microsoft Office Excel. Por meio da tabulação foram calculados os percentuais de cada uma das respostas, sendo as mesmas agrupadas em categorias determinadas, tendo em vista viabilizar o processo de medição entre elas. Ao final foi realizado o cruzamento das informações predominantes com o intento de responder ao problema proposto pela pesquisa.

e) Etapa V

A análise dos dados foi baseada no estudo das cores, tida neste trabalho como essencial à investigação do tema “imaginário” em quaisquer circunstâncias, incluindo da moradia. Isso se deve ao fato da associação entre cores e sentimentos,

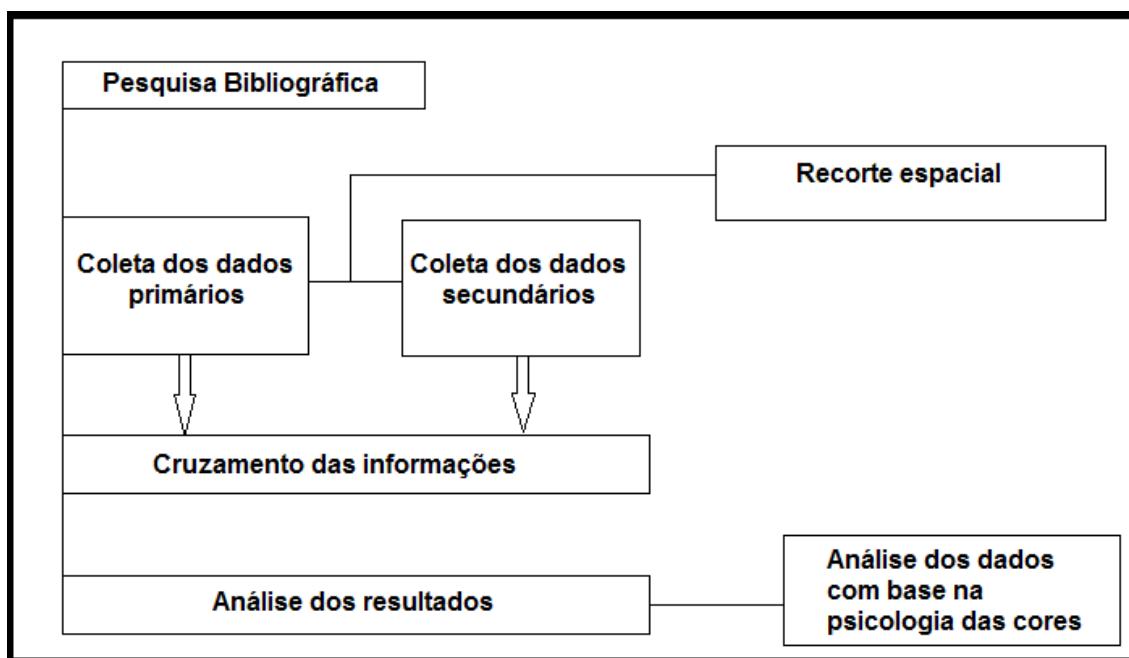
bem como porque a pesquisa com base no entendimento do significado psicológico das cores fez parte do método usado por Armando Silva (2011).

Coletivos porque a experiência de “simbolizar” através das cores é uma prática da vida social, e não individual como se pode pensar. Empregamos ‘essa ou aquela’ cor para representar emoções (HELLER, 2013). O entendimento dessa relação entre cor e experiência interior constitui uma importante ferramenta para responder ao problema desta pesquisa.

A cada cor corresponde um sentimento e essa mesma cor tem significados distintos em diferentes contextos. A presente pesquisa se baseou na análise das cores, feita por Eva Heller, em *A psicologia das cores: como as cores afetam a emoção e a razão*.

Nessa obra a sua autora, psicóloga e socióloga, mostra que os sentimentos são na verdade incolores e que não se trata das pessoas associarem suas cores preferidas às melhores coisas e sim de que existe algo mais abrangente a ser considerado. (HELLER, 2013).

Quadro 2 - As etapas da pesquisa.



Fonte: produzido pela autora, 2014.

4.2 Aplicação do questionário-piloto: as impressões do primeiro contato

Foi aplicado um questionário-piloto, conforme consta no Apêndice B, na manhã do dia 15/01/2013, oportunidade em que se pôde contar com a cooperação de três entrevistados, todos residentes na porção da orla correspondente ao bairro de Casa Caiada.

Considerando que a presente pesquisa requer a entrada por parte da pesquisadora no universo íntimo da casa do entrevistado, onde serão apanhadas informações de cunho subjetivo, muitas vezes de difícil entendimento inicial por parte desse entrevistado, o julgamento do primeiro contato, tido como um “teste” quanto à receptividade e compreensão das indagações trazidas pôde ser avaliado como positivo.

A princípio, ao fornecer o questionário para o entrevistado, foi feita uma pequena apresentação da pesquisadora, do que a pesquisa se propõe a investigar e perguntado se as questões estavam postas de forma clara. No decorrer do tempo em que os entrevistados respondiam às perguntas foi recorrente nos três casos a interrupção dos mesmos para a discussão em torno das questões. Os entrevistados trouxeram mais informações pertinentes ao trabalho de campo de forma oral, e por diversas vezes, após responderem a uma dada questão, enveredavam por outras que não constavam na lista de perguntas.

Dois dos entrevistados tocaram por várias vezes em assuntos como a expectativa positiva que tinham de morar na orla, em como idealizavam o descanso e a vida pacata por se tratar de um espaço visualmente acolhedor e propenso a atividades físicas e lazer.

Contudo, verbalizaram que se sentiam frustrados nessa expectativa aos finais de semana, quando a praia fica tomada por pessoas vindas da periferia da cidade, gerando tumulto, sujeira, desorganização, fatores esses que dificultariam até mesmo o trânsito dos moradores fora dos imóveis. Afirmaram que o poder público foi por diversas vezes notificado para a tomada de providências contra a situação acima descrita e nada foi feito.

Interessante colocar que, ao mesmo tempo em que se verificava uma acentuada insatisfação em relação ao espaço público, tanto em relação ao atraso de

uma obra de revitalização e urbanização que se estende desde o início da década de 2000, quanto com a maneira como aos finais de semana ele é utilizado em frente às edificações, sempre havia comentários que, sucedendo as críticas, revelavam a satisfação com a moradia.

Foram citadas de forma recorrente as vantagens de se residir em frente ao mar, próximo a uma infraestrutura urbana que proporciona a prática de atividades físicas; a contemplação da paisagem natural nas varandas dos edifícios; a qualidade de vida ofertada pelos recursos naturais e artificiais e que constituía um sonho residir naquele local.

A experiência que foi proporcionada pelos dois primeiros entrevistados mostra que, apesar das perguntas do questionário não possuírem cunho político ou objetivarem extraír informações que dissessem respeito a políticas públicas e nível de satisfação dos moradores locais, a presente pesquisa, de certa forma, abriu um espaço para a escuta dos mesmos, para o “desabafo” de suas insatisfações quanto ao não atendimento dos seus anseios quando recorreram à municipalidade no que se refere a imprimir celeridade à realização das obras e regular o uso da praia por parte de comerciantes locais (vistos de forma negativa pelos moradores), do uso do som, da limpeza e mesmo da violência.

Foi constatada, a partir dessa urgência pela comunicação oral, a necessidade por parte da entrevistadora de que a entrevista se desse com o uso do gravador de voz, a fim de que fossem colhidos dados, como verificado posteriormente, de suma importância e essencialidade, mas que escapavam ao questionário assim como a abertura de espaços dentro do mesmo: um reservado a qualquer observação que o entrevistado quisesse oferecer, outro reservado à entrevistadora para a descrição do andamento passo a passo da entrevista, constituindo esse espaço um *diário de campo*.

Outras alterações emergiram da experiência-piloto, como a retirada do questionário das indagações referentes à faixa etária e renda familiar, consideradas desnecessárias ao escopo da pesquisa, bem como a inclusão de novas perguntas abertas e a mudança na sua sequência, levando em conta facilitar uma construção mental que possibilitasse ao entrevistado responder, uma pergunta após a outra, de

forma sistemática do ponto de vista de uma maior compreensão em torno das próprias respostas, atendendo assim ao objetivo do estudo.

Em um dos três entrevistados foi evidente uma visão otimista da realidade por meio de respostas que remeteram em 90% das questões a uma imagem positiva da orla de Olinda. Nesse caso, em nenhum momento foi suscitado o atraso das obras da prefeitura ou a desordem que caracteriza a praia aos finais de semana, como colocado pelos outros dois entrevistados.

Convém colocar que na questão em que se pergunta o ponto mais desagradável da orla para o entrevistado, a resposta foi: “desde que fizeram a reforma o que tinha de feio desapareceu” e que um dos quesitos foi de comum resposta dos três entrevistados: acreditam que a localização mais valorizada do ponto de vista habitacional é a do bairro de Casa Caiada, onde moram, e mais precisamente, em frente aos seus imóveis.

O questionário foi baseado em sua primeira parte na identificação das características do grupo dos moradores da orla de Olinda, que se faz essencial para o entendimento de como foi construído o imaginário em torno da moradia nesse lugar levando-se em conta fatores como gênero, origem regional e tempo de residência na orla, os quais fornecem subsídios para a análise das questões de ordem sociocultural que tanto marcam a visão dos grupos sociais.

A sua aplicação se destina aos proprietários dos imóveis, considerando a hipótese de que foram eles os responsáveis pela escolha de morar na orla. O questionário foi constituído por questões cujas respostas, ou mesmo suas ausências, remetiam ao imaginário que se possui ao vivenciar a moradia nessa porção litorânea de Olinda.

A formulação das questões foi inspirada na obra “Imaginários Urbanos” de Armando Silva, cuja metodologia foi responsável por “penetrar nos significados culturais de diversas experiências da vida urbana, vinculadas a manifestações psicológicas e sociais dos cidadãos”. (SILVA, 2011, p.83). Para a elaboração do questionário o mencionado autor se valeu de um método de pesquisa diferente do até então utilizado no âmbito das Ciências Sociais.

É habitual em se tratando de pesquisa nas Ciências Sociais a estatística voltada ao juízo político e econômico para fornecer embasamento a projetos de

cunho governamental (SILVA, 2011). Os números constituem a base de infundáveis estudos voltados ao social e seus fenômenos, porém a pesquisa de Silva demandava um método especial para o estudo da representação simbólica como processo social e como parte integrante da sua construção.

Dessa forma, a pesquisadora se inspirou no campo da publicidade e seus estudos de mercado direcionados ao consumo de bens materiais. Essas pesquisas de gosto com base estatística foram bem-sucedidas em seus objetivos, sobretudo na esfera das táticas mercadológicas. Porém, o que figuraria a pesquisa seria a fantasia construída por uma vivência coletiva, expressa individualmente, mas entendida como uma marca da construção social. (SILVA, 2011).

Ao se dedicar ao estudo dos imaginários urbanos em São Paulo e Bogotá, Armando Silva se pauta, através das questões contidas no questionário, em dois pontos colocados por ele como: *evocação* e *uso da cidade*. O teor de ambas as respostas expressam a marca da lembrança, uma vez que são irrefutavelmente os processos imaginários que interessam à pesquisa. (SILVA, 2011). Sobre o aspecto da evocação da cidade contido como eixo norteador do questionário, versa Silva:

Quando, no questionário, de maneira direta ou indireta, se propõe a evocação da cidade, isso foi pensado como uma estratégia central na captação imaginária da sua cotidianidade. Suas projeções, ao falar da sua cidade nas formas ocultas da retórica, a identificam desde outra cena, onde o silêncio, a imagem espontânea, a associação ou o bloqueio se constituem em formas de ver um mundo. (2011, p. 87).

No contato com tal obra, dentre outras que compuseram a base de leitura para a produção desta pesquisa, foi constatada a necessidade da utilização de um método que abarcasse as mesmas indagações trazidas à baila por Silva, respeitadas as devidas adaptações que uma pesquisa e toda a sua singularidade requer.

Sem perder de vista o objetivo geral do presente estudo, que é investigar os traços imaginários que caracterizam o grupo dos moradores da orla marítima da cidade de Olinda em sua vivência da moradia na localidade, surge na elaboração do presente questionário a figura da casa, elemento gerador da emergência de uma adaptação ao questionário que teve por base o estudo de duas grandes capitais da América Latina.

As alterações que foram empreendidas representam pequenos ajustes que inserem a visão da moradia na entrevista. Contudo, permaneceram algumas questões trazidas por Silva (2011) que até mesmo se pode dizer, inspiraram o presente estudo.

O que chama a atenção no questionário proposto pelo supracitado autor é o tipo de pergunta proposta, que praticamente exige em seu cerne a espontaneidade e a liberdade necessárias ao intento de alcançar a subjetividade do entrevistado, que não poderia ser diferente nesse tipo de pesquisa. Torna-se um imperativo a adoção de um comportamento por parte do pesquisador que transmita ao entrevistado uma sensação de “familiaridade” com relação a ele e, por isso, suavize o desenvolvimento daquele momento de contato.

Aspectos de cunho qualitativo como a imagem e a cor do lugar, os usos que se fazem dele, os espaços mais frequentados por cada um dos gêneros, a visão no que concerne à valorização do lugar de moradia e sua escolha, compõem o questionário que acaba sendo um pretexto para o alcance de algo mais amplo: a inserção do olhar do pesquisador em campo e a captação das imagens, movimentos e expressões que somente o contato com o entrevistado e com o lugar pode proporcionar.

O questionário, que foi construído após a experiência de aplicação do questionário-piloto, teve base na observação da importância de algumas outras indagações e na dispensabilidade de algumas questões que ele continha. A experiência-piloto nesse sentido foi salutar para o aprimoramento da própria lista de perguntas, para o entendimento de que era necessária a abertura de espaços onde o pesquisador relatasse suas impressões do encontro com o entrevistado e onde o entrevistado tivesse a liberdade para registrar qualquer observação sobre a entrevista.

A inserção em campo nesse momento de teste foi primordial até mesmo para preparar os modos mais adequados de abordagem do pesquisador em relação ao colaborador em seu ambiente privado. A forma como os contatos poderiam ser estabelecidos, a medição do tempo médio da entrevista, a receptividade e disponibilidade do entrevistado, todos esses dados foram ajudando a consolidar uma percepção de como se daria a experiência de campo propriamente dita.

Apesar de não ser incorporada na análise dos resultados da pesquisa, a experiência-piloto revelou dados de suma importância para o entendimento de certas posturas assumidas nas entrevistas posteriores. Passou-se do momento de “tatear” as circunstâncias do estudo para o tempo de vivenciá-la com uma maior segurança na fase de pesquisa de campo.

Entende-se como essencial a descrição mais minuciosa possível dos caminhos práticos que fazem parte de uma etapa que é primordial para a consolidação do trabalho e para o autoconhecimento do pesquisador enquanto profissional que é a experiência-piloto. Permeia essa fase da pesquisa uma gama de sentimentos e descobertas que tornam o “fazer científico” um exercício apaixonante e entusiasmado para aqueles que se envolvem com a busca da verdade científica que o seu estudo tem a descortinar.

4.2.1 As alterações do questionário-piloto

Conforme se expôs, houve a alteração de alguns pontos do questionário que a experiência-piloto fez emergir, mudanças que visavam melhor atender aos objetivos da pesquisa. A mudança deu origem ao questionário que representa o Apêndice C, onde foi incluída a indagação sobre como seria o perfil do morador da orla de Olinda na opinião do entrevistado, pertinente no sentido de buscar com essa descrição como o inconsciente do mesmo elabora essa imagem.

Outra mudança no questionário considerada vital para um melhor vislumbre das questões pelo entrevistado foi a alteração na ordem das perguntas. Na primeira das questões abertas foi perguntado o porquê da escolha da moradia ser naquele espaço, o que foi entendido como recurso facilitador ao aclaramento das outras respostas, tendo em vista que esse tipo de indagação tem o sentido de resgatar uma série de lembranças, ativando-as para outras que têm cunho imaginário.

Perguntas sobre a cor da orla e a imagem que a representa, consideradas de alto teor subjetivo, foram deixadas para o final, estrategicamente, na expectativa de que o entrevistado as respondesse de forma mais natural, uma vez que as outras perguntas de certa forma o ajudaram a formar essa imagem e essa cor.

A primeira parte do questionário, da mesma forma que o utilizado por Silva (2011) solicita dados pessoais do entrevistado, por ele intitulado de *categorias fixas*.

O restante das questões corresponde a perguntas abertas, ou *categorias de cruzamento*, visam buscar, sobretudo nas lembranças, os sentidos simbólicos da experiência da moradia na orla de Olinda.

Foi inserido no questionário um breve texto em que se expõe de forma superficial o objeto do estudo, com o propósito claro de evitar qualquer resposta “tendenciosa”, que desvirtuasse a intenção de obter dados confiáveis, bem como solicita a espontaneidade necessária à formulação das respostas. Importante também é mostrar a que instituição o pesquisador é vinculado, como também a importância da participação daquele entrevistado na pesquisa, sendo assegurado o seu anonimato.

4.3 A amostra

Uma das preocupações inerentes à pesquisa era o estabelecimento de contatos pessoais que possibilitassem a entrada da pesquisadora no universo particular do entrevistado e, conforme já dito, a aplicação do questionário ao morador que teve a iniciativa de residir na localidade estudada. Filhos que moram com os pais; o cônjuge que foi levado pelo outro ao imóvel, sem manifestar qualquer motivação que não essa; dentre outros casos que demonstram ausência de interesse, não foram considerados para efeito de participação na entrevista.

Outra questão a ser considerada como relevante nos procedimentos metodológicos foi a divisão proporcional entre o número de homens e de mulheres que responderiam ao questionário, pois se sabe que no tocante aos gêneros o fator cultural impõe visões de mundo distintas em algumas questões que refletem como o imaginário se constrói socialmente e imprime diferentes percepções entre os gêneros, fazendo essa mesma percepção coincidir dentro do gênero.

A pesquisa de campo foi realizada no período de 28/10/2013 a 19/11/2013, com a amostra de 30 (trinta) moradores da orla de Olinda do trecho de Casa Caiada, sendo 14 (quatorze) do sexo masculino e 16 (dezesseis) do sexo feminino. Os contatos foram estabelecidos pessoalmente, em algumas oportunidades dentro da casa dos entrevistados, em outras, no seu entorno.

4.4 A aplicação do questionário

Uma das dificuldades inerentes à pesquisa se deu por conta da entrada da pesquisadora na casa do entrevistado. Muitas vezes a sua disponibilidade de responder o questionário era escassa e, levando em conta que esse mesmo sujeito muitas vezes era um agente que possibilitava o acesso a outros, o problema de conseguir chegar até essas pessoas se tornava cíclico.

A maioria das entrevistas foi, de fato, realizada no espaço da casa do colaborador, o que representou o ideal em termos de uma análise globalizante do problema da pesquisa. Contudo, foi preciso em algumas ocasiões fugir ao protocolo, sendo aplicado o questionário em cenário diverso da casa, sem que com isso fosse perdido o foco dos objetivos a que a investigação se propôs.

Dentro do período de tempo que a inserção em campo se deu, foi necessária a disponibilização de tempo integral, pois muitas vezes o sujeito entrevistado na pesquisa ofertava horários os mais díspares para responder o questionário, e essa oferta sempre era bem-vinda, já que em alguns outros dias a pesquisa cessou pela ausência de qualquer sujeito. Em decorrência desse fato, foi preciso controlar a ansiedade natural que permeia toda e qualquer pesquisa que seja vista com seriedade e vencer uma espécie de timidez que surge quando é necessário abordar pessoas e por vezes insistir em dar continuidade a esses contatos.

Ao entrar em contato com o entrevistado, uma pequena apresentação oral era feita e, posteriormente, solicitada a leitura do texto que precedia o questionário, onde se informa basicamente um pouco sobre a pesquisa e a importância de respondê-lo. Também se alertava sobre o fato de que se surgissem dúvidas em torno das questões, podiam ser colocadas pelo entrevistado para o seu esclarecimento. Então, o uso do gravador de voz era solicitado. Em 100% dos casos o entrevistado se mostrou a favor da sua utilização, e iniciava-se o momento da entrevista.

É sabido que não existe uma fórmula que preceitue a melhor forma do primeiro contato entre entrevistador e entrevistado, e mesmo que houvesse, as relações humanas escapam à previsibilidade. Contudo, uma sugestão que busca facilitar o desenvolvimento do processo de entrevista é o pesquisador estar aberto a um breve “bate-papo” inicial, onde se consegue captar informações preliminares que

apontam qual o nível de disposição que o entrevistado tem para dar informações. Ao contrário de comprometer a objetividade, a favorece.

No caso da pesquisa qualitativa, ao contrário do que muitos podem pensar, é fundamental o envolvimento do entrevistado com o entrevistador. Em lugar dessa atitude se constituir numa falha ou num risco comprometedor da objetividade, ela é condição de aprofundamento da investigação e da própria objetividade. Em geral, os melhores trabalhadores de campo são os mais simpáticos e que melhor se relacionam com os entrevistados. A inter-relação, que contempla o afetivo, o existencial, o contexto do dia a dia, as experiências e a linguagem do senso comum no ato da entrevista é condição sine qua non do êxito da pesquisa qualitativa. (MINAYO, 2012, p. 67-68).

Buscar a descontração, imprimir na entrevista uma expressão corporal que expresse leveza, permitir encontrar pontos comuns com o entrevistado ou qualquer outro recurso que favoreça a ele se sentir à vontade diante de uma pessoa até então estranha, portadora de perguntas que podem causar estranheza, são ferramentas que, se empregadas, não importando a idade, classe social e gênero do entrevistado, demonstram ser eficazes no bom andamento da entrevista.

Apesar de possuir todo o instrumental para responder de forma escrita às questões, o entrevistado, desde as perguntas iniciais, fechadas e que diziam respeito a alguns de seus dados pessoais, primava pelos contatos orais, preferindo responder ou reproduzir a resposta que foi escrita para o gravador de voz. Foi inegável a contribuição desse instrumento na captura de informações que o processo de escrita tendeu a tolher nessa pesquisa. Pode-se até mesmo afirmar que na maioria dos casos a resposta mais espontânea e consequentemente desejada foi emitida por ondas sonoras.

Em todo o processo de entrevista foi essencial o aguçamento de uma sensibilidade sobre o conjunto das coisas que a envolviam, pois, conforme destaca Minayo: “[...] além da fala que é seu material primordial, o investigador qualitativista terá em mãos elementos de relações, práticas, cumplicidades, omissões e imponderáveis que pontuam o cotidiano”. (2012, p.66).

Desde o momento de entrada no “universo particular” do entrevistado para a aplicação do questionário, era observado o concurso das circunstâncias. Em que parte da casa era realizada a entrevista; a disposição de móveis; onde poderiam ser os cantos do aconchego; com que entonação de voz o colaborador se referia àquele

espaço e seu entorno; se ele ocasionalmente conduziria a pesquisadora a conhecer os cômodos e outros detalhes que são importantes para esse tipo de estudo.

Ao final da entrevista, era dada a opção do entrevistado utilizar o espaço “observações do entrevistado”, em que ele pudesse esboçar algum comentário sobre a própria pesquisa, sobre ele mesmo ou qualquer outro assunto que porventura oferecesse informações complementares, úteis ao estudo. Esse espaço não foi utilizado pelos sujeitos envolvidos na entrevista. Depois de concluída essa etapa, procedia-se na análise do material obtido.

4.5 Procedimentos para a análise dos dados

Como procedimento utilizado no exame minucioso de cada parte do questionário, foi realizado o confronto entre a parte escrita, ou seja, a lista de perguntas já respondidas com a gravação de voz. No que a gravação de voz fosse complementar ao questionário, partia-se para a anotação no espaço “observações do entrevistador” que constituía o diário de campo da pesquisa, de assaz utilidade para a reunião das informações, servindo como a leitura de todo o andamento daquela entrevista, desde o que foi expresso pelo entrevistado até uma impressão captada pela pesquisadora.

Esse espaço para a transcrição das informações orais foi essencial no sentido de agrupar os dados relevantes, que se perderiam sem a presença do gravador, os quais foram unidos aos anteriormente registrados para compor um conjunto harmônico de elementos a serem confrontados com os pressupostos conceituais do estudo.

Depois de todos os dados relevantes serem transcritos do gravador de voz para o espaço de observações da pesquisadora, os questionários foram reunidos para serem suas respostas quantificadas por meio da tabulação.

Iniciou-se a análise dos dados propriamente dita, contando-se com a ferramenta do Microsoft Office Excel, onde as respostas de cada questão foram agrupadas em categorias criadas de acordo com o seu teor. Por exemplo, no que tange à questão do perfil do morador da orla de Olinda, foram listadas ao todo 53 (cinquenta e três) características, distribuídas em 25 (vinte e cinco) categorias.

Cada categoria tinha o seu percentual contabilizado, posicionando-se em ordem decrescente. Depois de realizado o cálculo porcentual, abria-se o espaço de comentário para a descrição do número de respostas e suas respectivas categorias, bem como dos números percentuais.

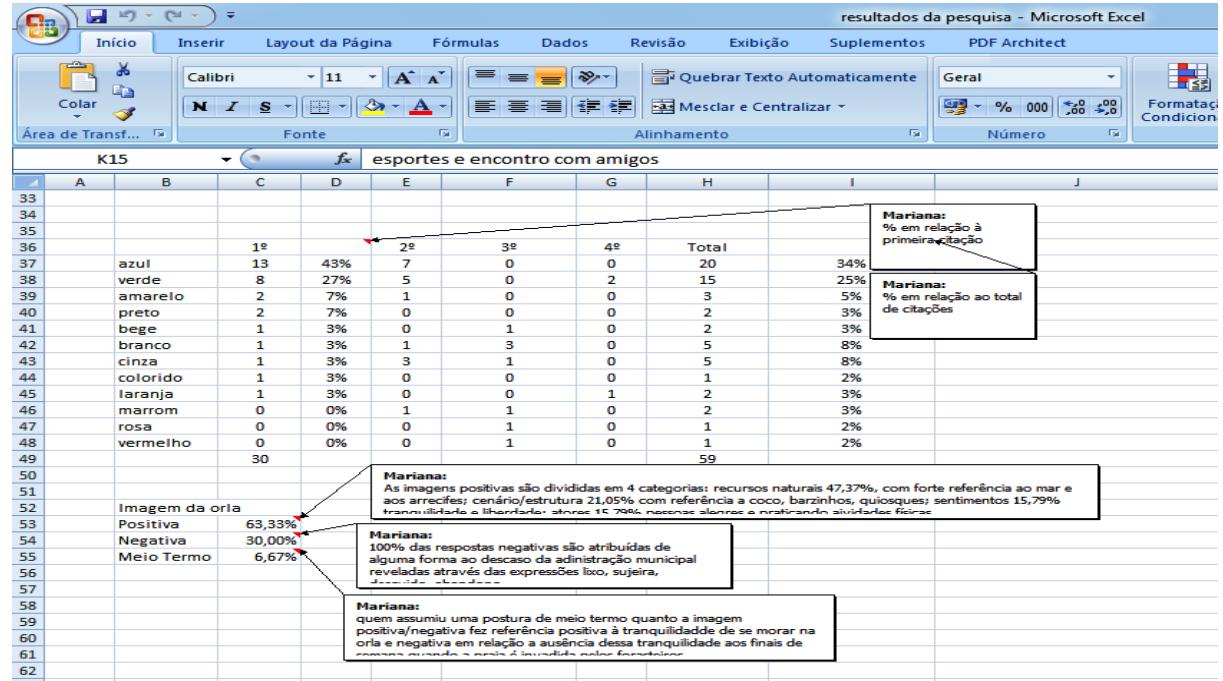
Esse recurso auxiliou na análise dos dados pela sua fixação através das células juntamente com os resultados, facilitando visualmente as consultas posteriores.

Imagen 6 – Planilha da Análise dos dados da pesquisa no Excel.

	A	B	C	D	E	F	G
1	imagem do morador		53	bom nível social	11	21%	
2				aproveita a orla	8	15%	
3				pacatos	3	6%	
4				pessoas de todas as idades	3	6%	
5				simples	3	6%	
6				comunicativos	2	4%	
7				educados	2	4%	
8				metidos	2	4%	
9				não aproveita a orla	2	4%	
10				Pessoas de meia idade	2	4%	
11				amigos	1	2%	
12				bem humorado	1	2%	
13				carismáticos	1	2%	
14				civilizados	1	2%	
15				cordiais	1	2%	
16				descontraído	1	2%	
17				extrovertidos	1	2%	
18				festeiro	1	2%	
19				moradores antigos na cidade	1	2%	
20				prestativas	1	2%	
21				selecionados	1	2%	
22				sem perfil	1	2%	
23				simpáticas	1	2%	
24				trabalham em Olinda	1	2%	
25				tranquilos	1	2%	

Fonte: Print Screen no arquivo “resultados da pesquisa” do Excel. Arquivo da autora, 2014.

Imagen 7 - Análise dos dados da pesquisa no Excel juntamente com os comentários.



Fonte Print Screen no arquivo “resultados da pesquisa” do Excel. Arquivo da autora, 2014.

Os caminhos, ou como se diz em pesquisa científica, os procedimentos metodológicos de toda e qualquer investigação, podem ser vistos como a base para o amadurecimento do estudo e da própria pesquisadora diante do seu problema de pesquisa.

São traçados no dia-a-dia de estudos, no contato cada vez mais intensificado entre pesquisador e objeto de estudo, nas descobertas de melhores alternativas práticas, enfim, no entendimento de existem infinidáveis rotas e que devemos seguir aquelas nas quais encontraremos de forma mais segura o que procuramos.

A experiência de pesquisar proporciona, conforme implicitamente contido no presente tópico sobre a experiência de campo, aprendizado, formas alternativas de fazer pesquisa e, sobretudo, vitórias diárias. Descobrir dados relevantes; ter cada vez mais autoconhecimento diante do lado sujeito-pesquisador; aprimorar suas ações metodológicas e estabelecer mentalmente o elo entre a teoria estudada e a prática desde o contato com o campo de estudo, gratificam aos que experimentam aventurar-se no exercício científico.

5 A ORLA MARÍTIMA DE OLINDA NO IMAGINÁRIO DO MORADOR

5.1 O perfil do morador da orla de Olinda

Ao requisitar que o entrevistado descrevesse um perfil do morador da orla de Olinda, estando ele mesmo incluído nessa descrição, pretendia-se resgatar a maneira como esse mesmo indivíduo se qualifica e quais são as percepções imaginárias em relação a outros, pertencentes de um mesmo grupo social de moradia que o seu.

Na descrição do perfil do morador da orla de Olinda, o entrevistado ficava livre para listar qualquer aspecto, uma vez que a pergunta era aberta. Dentre as qualidades do morador, foram citados os seus aspectos socioeconômicos; de faixa-etária; de personalidade; que os situavam como frequentadores ou não frequentadores da praia, enfim, foram apanhados quaisquer traços que emergiam espontaneamente da dinâmica da entrevista.

Pôde-se perceber que a presente questão gerou certa hesitação inicial na maioria dos entrevistados. O cuidado em responder sobre o perfil do morador se deteve no uso das palavras que apontaram em 21% para um indivíduo de alto poder aquisitivo. Os entrevistados expressaram na maior parte das vezes um constrangimento em verbalizar a sua própria situação financeira, mas a questão de ordem econômica foi a que mais se destacou na descrição da característica dos habitantes da beira-mar de Olinda.

Os entrevistados costumavam narrar o perfil do morador da orla como “pessoas de um bom nível social”, “aposentados que objetivam aproveitar a vida”, “pessoas com uma vida estabilizada”, “sujeitos com ‘um certo’ poder aquisitivo”, “selecionados” e “elite”. Essas expressões revelaram que o morador da orla se percebe numa situação favorável economicamente e que para ele essa é a qualidade predominante do seu traço característico.

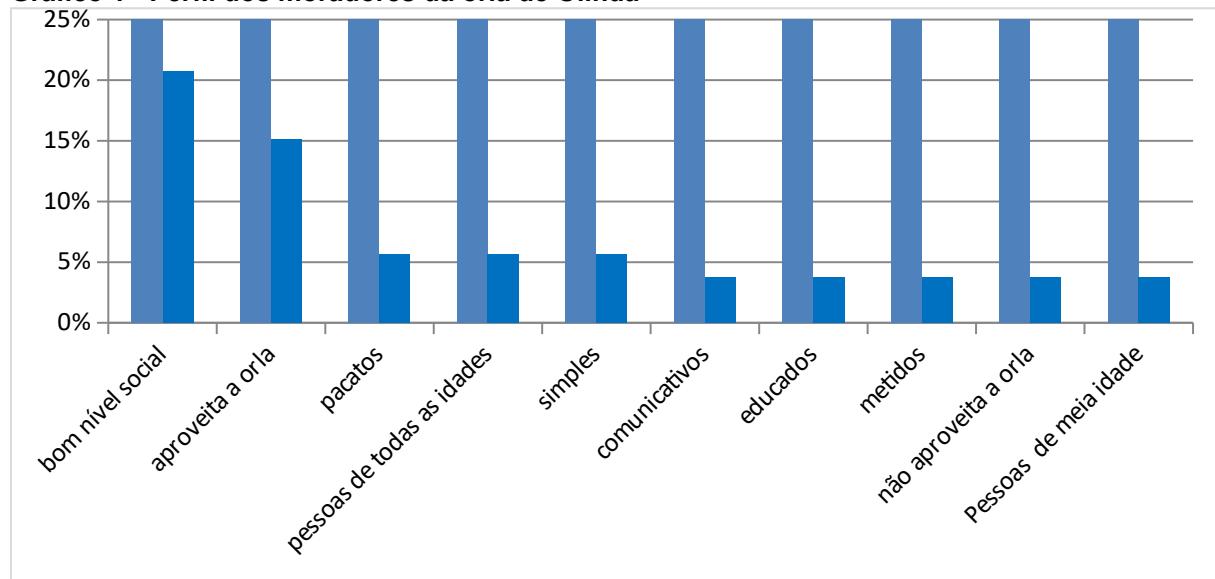
Um dado relevante é o de que, dos 30 entrevistados, 16 já residiam em Olinda em outras localidades, o que representa mais da metade do seu número total (53%). Pode-se concluir que na concepção do morador alcançar a residência nesse espaço da cidade representa ascender social e economicamente,

independentemente da qualidade do imóvel ou do nível de valorização da porção da cidade que ele residia anteriormente.

Sucessivamente ao perfil que foi traçado com predominância relacionado ao poder aquisitivo (com 21% das menções), o morador da orla de Olinda foi qualificado como um indivíduo que usufrui do espaço que circunda o seu imóvel em 15% das citações. Mesmo para os entrevistados que não manifestaram ser adeptos da prática de atividades físicas, o morador da orla faz uso do calçadão para se exercitar e possuir uma melhor qualidade de vida.

Seguindo esse dado temos empatadas (com 6%) as seguintes qualidades: simples, pacatos e pessoas de todas as idades. Foram mencionados de forma relevante pontos positivos do caráter do morador, como “simpáticos”, “prestativos”, “festeiros” e “comunicativos”, só havendo em dois dos entrevistados respostas negativas do seu perfil, que o descreveu como “metido”.

Gráfico 1 - Perfil dos moradores da orla de Olinda



Fonte: Produzido pela autora, 2014.

Interessante mencionar que, embora o questionário não possuísse nenhuma questão que induzisse ao entrevistado fazer qualquer comparação ou emitir opinião sobre o perfil do morador de outra orla marítima, foi recorrente ao longo da aplicação do questionário a situação do entrevistado se referir ao morador da orla de Boa Viagem, na cidade de Recife.

Principalmente na oportunidade em que se chegava à questão da descrição do perfil do morador da orla de Olinda, o entrevistado, desde os primeiros contatos,

manifestou uma opinião negativa sobre os moradores de Boa Viagem. Afirmou que os moradores da orla de Olinda eram pessoas mais acolhedoras e comunicativas do que os da Zona Sul da cidade do Recife. Um número relevante de menções à orla de Boa Viagem foi verificado, o que provocou uma maior atenção da pesquisadora sobre o que estava motivando esse fato.

Primeiramente, pode-se colocar que a orla de Boa Viagem por ser a orla marítima vizinha e de grande referência de turismo, lazer e esportes, não só para a cidade do Recife, como para o estado de Pernambuco, constitui um lugar passível de comparações pelos moradores da orla de Olinda. Por outro lado, as afirmações deixam bastante claro que se trata de um lugar que, por opção, e não pela situação financeira, eles não morariam.

Mesmo quando houve comentários que enalteceram a orla de Boa Viagem como melhor frequentada, mais organizada do ponto de vista da limpeza e infraestrutura urbana em detrimento da orla de Olinda, foram complementados com a manifestação dos entrevistados de que, ainda assim, se sentiam mais à vontade em morar em Olinda.

Enfim, na descrição do perfil do morador da orla de Olinda, foram obtidas 53 características, das quais 25 diferem entre si. Essas 25 qualidades diferentes, juntas, formam um total que ultrapassa 25%, sendo todas elas citadas em número irrelevante para os objetivos deste trabalho. Portanto, a resposta que predominou na descrição do perfil do morador da orla de Olinda foi a que o qualificou como um indivíduo de um “bom nível social”, com referência ao aspecto econômico, em 11 citações (21%).

5.2 A localização mais valorizada

Ao questionar qual era a localização mais valorizada do ponto de vista habitacional, seguidamente a entrevistadora fazia alusão aos bairros que a orla abrange. Os bairros de Rio Doce, Casa Caiada e Bairro Novo, onde se verifica um número expressivo de imóveis residenciais, foram lembrados no questionário, sendo aberto um espaço para o entrevistado citar outra localidade, caso ele desconsiderasse as já citadas no quesito “valorização imobiliária”.

Das pessoas entrevistadas, 83% manifestou a escolha pelo bairro de Casa Caiada como a porção mais valorizada da orla. Alguns indivíduos marcaram mais de

um bairro, como o caso dos que escolheram Bairro Novo e Casa Caiada, escolha essa que representou 10% das respostas, e outros que elegeram Casa Caiada e Rio Doce, representando apenas 3%. A porção da orla de Rio Doce, isoladamente considerada, não foi escolhida no quesito valorização.

A justificativa para a escolha do bairro da orla mais valorizado, que foi o de Casa Caiada, com mais de 90% das marcações, variou entre aquelas que colocavam o tipo de imóvel presente na orla como o fator determinante; pela localização “centralizada” da área; por ser aquela porção da orla mais tranquila ou com o “melhor banho” e, ainda, pela presença de pessoas selecionadas em relação às outras áreas.

Dos entrevistados, a maioria, que representou 33%, atribuiu a valorização do ponto de vista habitacional ao imóvel em si. Alguns chegaram a afirmar que se tratava de um dos metros quadrados mais caros de Pernambuco e fundamentavam essa declaração com base em informações jornalísticas. Nesse caso, o valor de mercado, foi a motivação da escolha. Um dos entrevistados resumiu a ideia da valorização imobiliária associando-a ao “tamanho” dos prédios, em referência ao fator da verticalização.

A respeito desse dado, Lúcia Leitão coloca que:

Na realidade brasileira, a opção por verticalizar parece estar menos associada à questão de ocupação racional do solo ou ao aumento da densidade populacional nas cidades do que ao fato de se constituir em símbolo do prestígio que o espaço de morar pode oferecer, mesmo que ilusoriamente.

E continua:

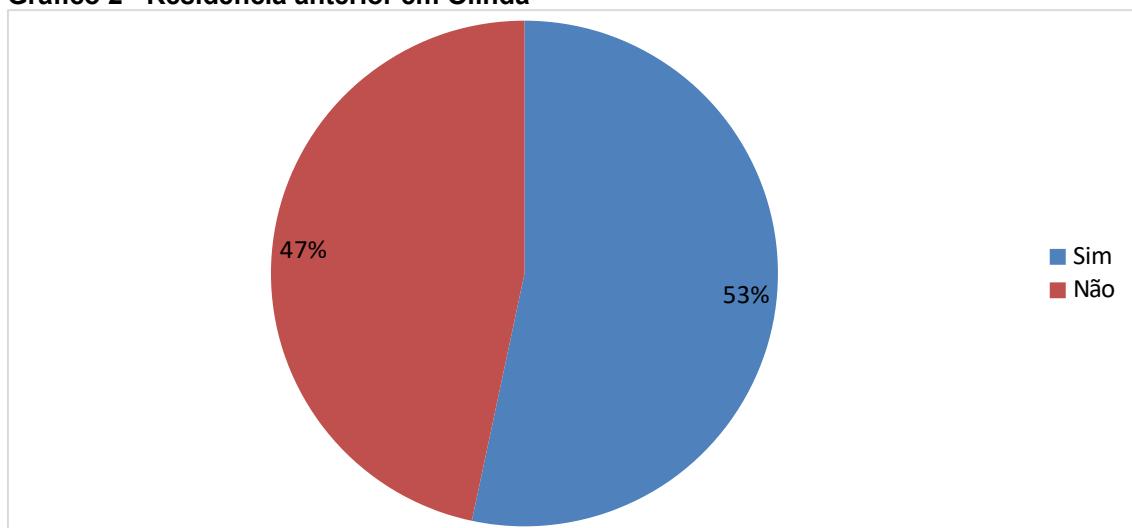
Desse modo, os *edifícios altos* no Brasil são frequentemente vendidos como símbolos de *status*, especialmente para a chamada *classe média*, uma vez que ela não dispõe de renda suficiente para erguer as mansões que deseja. (LEITÃO, 2009, p.124).

A questão simbólica representada pelo número de pavimentos de edifícios residenciais está longe de ser um dado desconsiderado neste trabalho. Conforme já mencionado no capítulo que tratou do recorte espacial da pesquisa, é verificada a predominância de imóveis na orla de Casa Caiada com um grande número de pavimentos. Quando se observa essa área da orla a partir de outros pontos da cidade de Olinda, o efeito visual é o de que uma grande muralha encobre a visão da praia.

Essa imagem dos *espiões*, como são chamados os edifícios altos da orla, deixa impressa a marca do fator que os distingue dos outros imóveis da cidade, geralmente inferiores no número de pavimentos. Além de se destacarem pela arquitetura e utilidades internas. Certamente o fato de residir na orla Marítima remeterá a um imaginário de que o sujeito goza de uma situação privilegiada em relação ao conjunto das localidades da cidade de Olinda.

Esse fato pode ser concluído pelo que a pesquisa revelou com relação à moradia anterior dos entrevistados. Embora não houvesse diretamente essa pergunta, quando foi perguntado sobre a origem desse sujeito, ele geralmente comentava sobre sua residência imediatamente antecedente à orla, o que acarretou na descoberta do dado representado pelo gráfico a seguir:

Gráfico 2 - Residência anterior em Olinda



Fonte: Produzido pela autora, 2014.

A maioria dos entrevistados, antes de residir na orla de Olinda, já era morador da cidade. Muitos deles expressaram que morar na beira-mar representava um objetivo. Até mesmo aqueles que não esboçaram comentários sobre o fato saírem de uma área próxima para morar em frente ao mar, demonstrou por meio de uma evidente postura de satisfação que a troca foi positiva.

Satisfação essa revelada muitas vezes pelo gosto demonstrado em receber a pesquisadora naquele universo tão particular do entrevistado, por expressões afáveis, pela descontração diante do tema da pesquisa, ou por simples atitudes, como a de mostrar os cômodos da casa e conduzir a entrevistadora a contemplar a sua visão diária.

Uma parte expressiva das entrevistas foi realizada na varanda do apartamento do entrevistado, lugar da casa que, naturalmente, carrega o estigma de ser o reduto da habitação onde ocorre a recepção de pessoas convidadas, visitantes e amigos, assim como a sala. Contudo, além desse uso que é feito da varanda, a atitude do entrevistado de encaminhar a entrevistadora até este cômodo da casa revela algo a mais.

Ao entrar em contato com o entrevistado, prontamente era dada a informação de que se tratava de uma pesquisa sobre a moradia na orla marítima de Olinda, sem que com essa ciência fossem expostos maiores detalhes, até mesmo por uma questão de cautela na preservação da espontaneidade que era tão necessária ao estudo.

Dessa forma, o ato do entrevistado de induzir a entrevistadora a entrar em contato com a paisagem escolhida por ele no andamento da entrevista, pode ser interpretado como uma ação inconsciente de justificar a escolha da moradia mostrando a beleza contida nos recursos naturais abarcados pelo seu campo de visão.

Imagen 8 - Varanda onde se deu uma das entrevistas



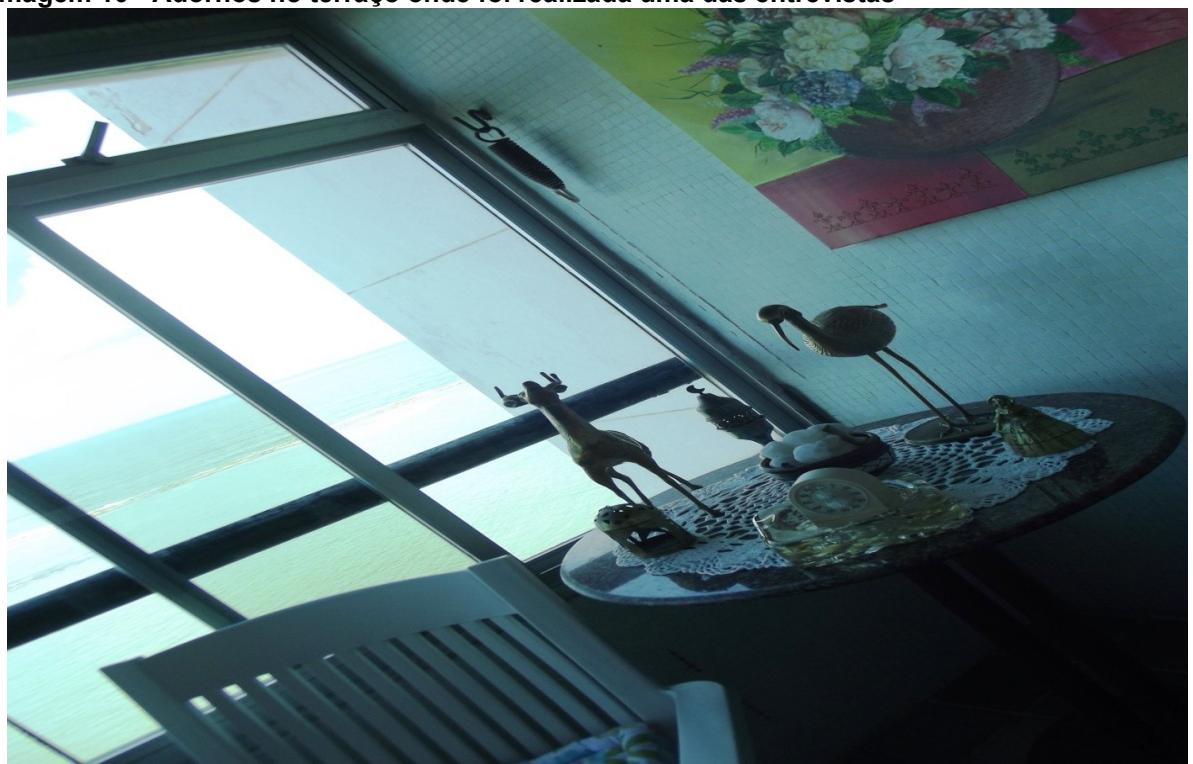
Fonte: A autora, 2014.

Imagen 9 - Alguns elementos que remetem à hospitalidade do ambiente da casa do entrevistado



Fonte: A autora, 2014.

Imagen 10 - Adornos no terraço onde foi realizada uma das entrevistas



Fonte: A autora, 2014.

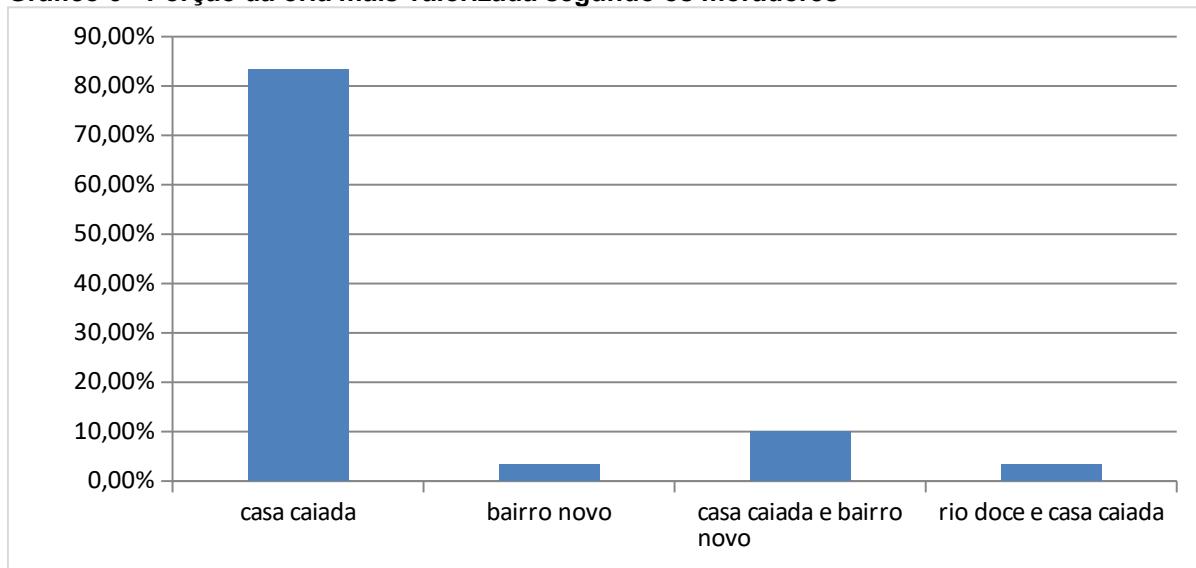
Imagen 11 - Recursos Naturais que compõe a visão do espaço



Fonte: A autora, 2014.

Interessante salientar que, além de classificarem como a porção da orla mais valorizada o bairro de Casa Caiada, conforme mostra o gráfico 03, os moradores dessa área ainda trariam dados de suma importância para esta pesquisa a termos da subjetividade contida na forma como ele se enxerga através da moradia.

Gráfico 3 - Porção da orla mais valorizada segundo os moradores

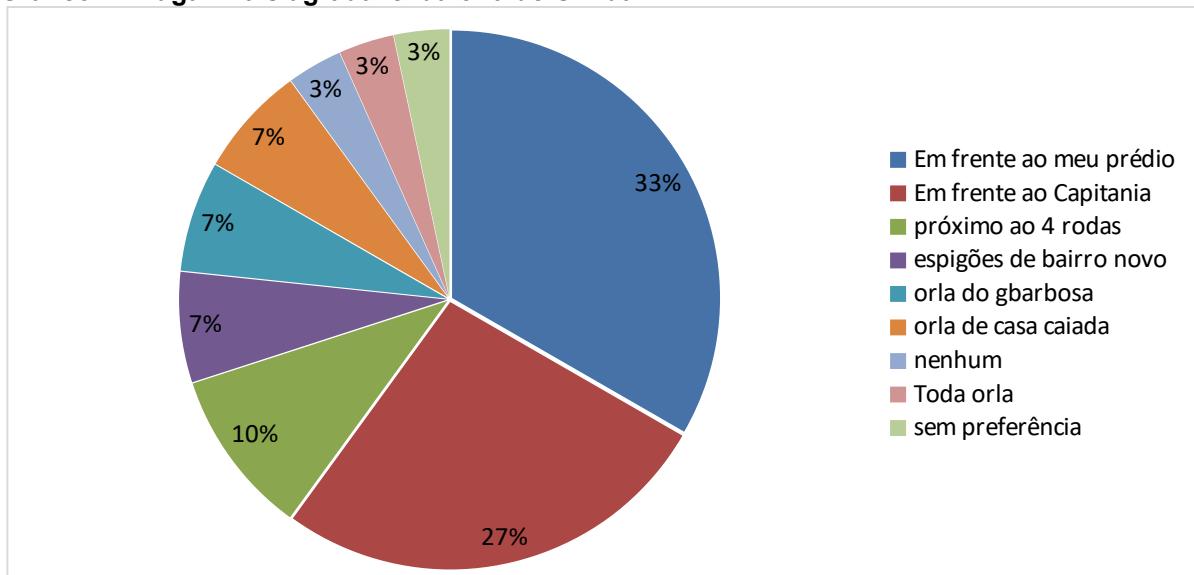


Fonte: Produzido pela autora, 2014.

5.3 A localização mais agradável

No que diz respeito ao ponto da orla onde os moradores sentem mais prazer em permanecer ou mesmo percorrer, foi obtido o seguinte dado:

Gráfico 4 - Lugar mais agradável da orla de Olinda



Fonte: Produzido pela autora, 2014.

A resposta que prevaleceu foi “em frente ao meu prédio”, com 33%, ficando um pouco atrás, com 27%, uma localidade conhecida como “Zé Pequeno”, situada em frente ao restaurante Capitania, porção da orla correspondente ao Bairro Novo. Nesse último espaço existe um ambiente propício a atividades de lazer e esportes. Diariamente se observa a reunião de pessoas em baixo de árvores jogando dominó e dama. Também se reúnem pessoas para a prática de alongamentos, esportes como o futebol e o *kitesurf*, ou apenas para apreciar os sucos de um dos poucos quiosques da orla de Olinda em funcionamento.

Enfim, o “Zé Pequeno” possui uma dinâmica peculiar em relação a toda a extensão da orla. Abriga uma série de atividades cujas práticas são rotineiras nesse espaço e localiza-se próximo, tanto à parte que abriga os serviços da orla (bares e restaurantes) quanto à parte residencial, atraindo um expressivo número de assíduos frequentadores, especialmente *skatistas*, praticantes dos jogos e atividades físicas.

Caracteriza-se também por receber pessoas de todas as idades, desde crianças até idosos. É um espaço democrático pela pluralidade do estilo de

frequentadores e com uma infraestrutura citada pelos entrevistados como de “melhor qualidade” em relação ao restante da orla, por possuir bancos, quiosques, aparelhos de ginásticas, parque infantil e bicicletário.

Assim sendo, chama a atenção o fato de que, apesar de possuir todas essas características favoráveis ao sentimento de prazer e entretenimento, o “Zé Pequeno” e até mesmo outros pontos visivelmente acolhedores percam em preferência para os espaços em frente aos imóveis. Ainda mais porque em alguns casos, quando foi perguntado sobre os pontos mais desagradáveis da orla, os entrevistados se referiram a locais muito próximos ao seu imóvel.

Desse modo, fica claro que os entrevistados, quando se tratou de eleger o lugar mais agradável, não alcançaram a neutralidade do julgamento, que se estendeu para frente das suas casas. Apesar dos fatores muitas vezes colocados como desagradáveis estarem presentes nesse espaço, o sentimento de que “o meu é o melhor”, foi determinante nesse quesito.

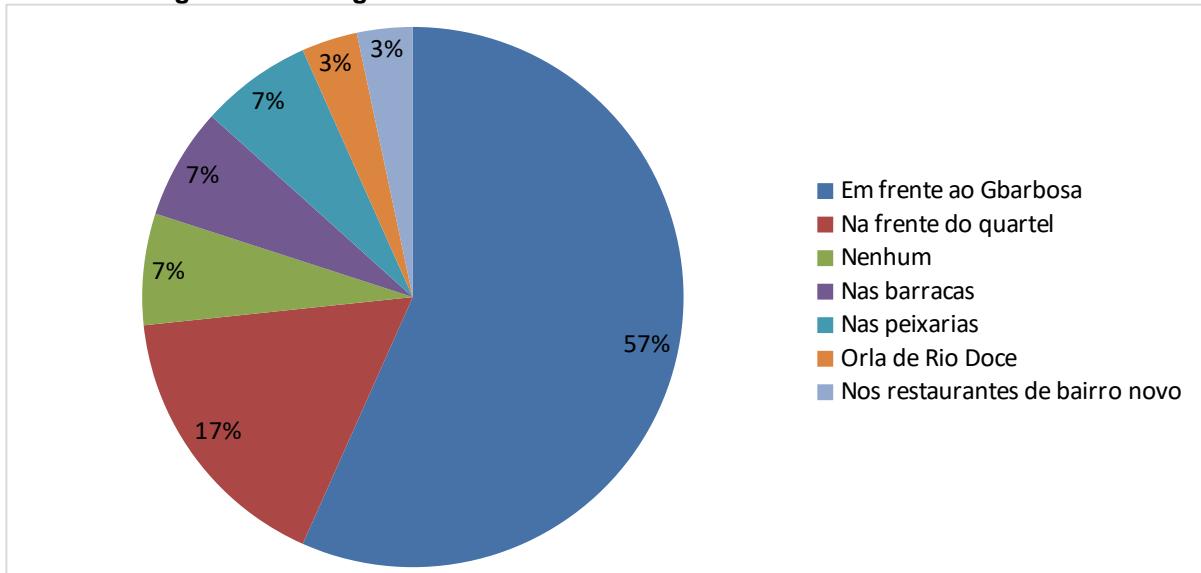
Nenhum dos entrevistados que escolheu o “Zé Pequeno” como a porção mais agradável da orla reside próximo à área. Após essa localidade, com 10% das escolhas, tem-se como o ponto mais agradável a área próxima ao *flat* 4 rodas já no final da orla de Casa Caiada, seguida pela área dos bares do trecho Bairro Novo; do mercado G Barbosa em Casa Caiada e toda a extensão desse bairro, todas essas localidades com 7% das citações. Com 3% das citações empataram “nenhum lugar na orla”, “toda a extensão da orla” e “sem preferência”.

5.4 A localização mais desagradável

Assim como foi questionado sobre a localização mais agradável da orla de Olinda na opinião do morador entrevistado, também foi solicitado que ele apontasse a localização mais desagradável para ele, o lugar que remete a sentimentos negativos onde o mesmo evitasse a passagem.

Fazer esse tipo de questionamento significa buscar compreender quais são os fatores ambientais que geram a insatisfação do morador, perguntado de forma indireta. Essa informação do lugar que mais desagrada associada ao por que desse fato, foi bastante útil para a confirmação de outras informações que compõem o imaginário da moradia e no cruzamento das mesmas.

Gráfico 5 - Lugar mais desagradável da orla de Olinda



Fonte: Produzido pela autora, 2014.

Dentre os entrevistados, 17 pessoas, ou seja, 57% do total, declararam que a parte mais desagradável para eles era em frente ao mercado G Barbosa. Quando justificaram essa escolha, era unânime a resposta de que essa área constitui a concentração de toda a sujeira e desorganização da praia que, aos finais de semana, fica tomada por pessoas da periferia da cidade. Ao se referir a esses sujeitos, uma das pessoas entrevistadas empregou o termo “forasteiros” que remete ao que é alheio, oposto, distante.

Alguns entrevistados que criticaram o fato de pessoas vindas da periferia frequentarem a praia, afirmaram que o mal-estar não se deve ao fato de se tratar de pessoas de baixo poder aquisitivo, e sim porque essas mesmas pessoas não possuem educação em relação à coleta de lixo e usam a praia como banheiros, deixando o espaço intransitável.

Outros entrevistados fizeram alusão aos sujeitos que realizam o comércio ambulante na praia, chamados *ambulantes*, como fator negativo do ambiente. Eles relacionam esses sujeitos ao lixo que fica na praia aos finais de semana e ao som alto que, para os moradores, constitui um incomodo constante.

O outro local citado como o mais desagradável da orla pelas mesmas justificativas foi em frente ao quartel de Casa Caiada, onde o movimento nos finais de semana é intenso, com uma dinâmica similar ao mais citado nessa modalidade. Conforme mostra o gráfico 05, esse espaço recebeu 17% das menções. O mesmo

percentual de 7% foi atribuído à porção onde se concentram as peixarias (orla do Varadouro), por causa da difusão do mau cheiro, na área das barracas de Casa Caiada e “nenhum lugar na orla”. Com 3% das citações, a orla de Rio Doce foi escolhida como o lugar mais desagradável da orla sob a justificativa de que a área é pouco habitada e violenta.

Diante do exposto sobre as justificativas utilizadas pelos moradores da orla de Olinda para classificar os seus pontos escolhidos como desagradáveis, tem-se como predominante a justificativa que mostra que a insatisfação gira em torno da presença das pessoas da periferia da cidade. São esses os sujeitos que de fato utilizam a praia, marcando presença nas barracas de comércio ambulante principalmente nos finais de semana.

Ao observar a frequência das pessoas na praia, pode-se claramente perceber uma divisão de horários entre os moradores da orla e os visitantes no fim da semana. Na parte da manhã quem faz uso da praia é o morador que usufrui do calçadão, do banho de mar e das atividades físicas. No restante do dia a orla fica ocupada pelos frequentadores provenientes de outras partes e, com a exceção de poucos que usam a praia ou praticam atividades físicas, o morador “se recolhe” ao seu imóvel ou opta por outro ambiente.

A Sociologia fornece as bases para o entendimento dessa dinâmica através dos conceitos de *isolamento* e *contato*. Vila Nova (2000) define o contato social como processo social primário que só se estabelece quando existe a comunicação. O contato social não é produto necessariamente da proximidade física entre as pessoas, até porque o que irá determiná-lo é a comunicação humana, seja por meio de telefone, internet, carta ou até mesmo de forma simbólica. Sobre essa última forma de comunicação social o sociólogo coloca que ela:

[...] não se limita à linguagem verbal, embora seja esta o mais importante instrumento de comunicação humana. Desse modo, duas ou mais pessoas fisicamente próximas, mesmo que não se comuniquem de forma intencional e consciente, muito provavelmente se comunicarão através de meios menos explícitos de comunicação, tais como o vestuário, a postura, o olhar, por exemplo, e, dessa maneira, terão o seu comportamento influenciado por essa forma de comunicação não intencional e não consciente. (2000, p. 176).

Ao lado do conceito de *contato social*, temos o de *isolamento*. O isolamento, para ser caracterizado, precisa da ocorrência de alguns fatores, como por exemplo, os de ordem sociocultural. Nesse estudo nos interessa tratar do isolamento como

resultado das sociedades estratificadas, das modernas sociedades de classe (Vila Nova, 2000).

Classe social é um conceito que está intrincado à questão econômica. Chinoy (1967, p. 248) afirma sobre isso que corresponde a: “[...] certo número de pessoas que partilham de uma posição comum na ordem econômica”. E continua:

Homens que ocupam lugares semelhantes na ordem econômica têm muitas probabilidades de enfrentar idênticos problemas, passar por experiências semelhantes de vida, adotar atitudes e valores comuns e, portanto, comportar-se da mesma maneira (1967, p. 248).

Porém, o conceito de classe social exige a atenção sobre outra dimensão. É importante sempre ter em mente que os símbolos, atitudes, objetivos, valores, visões de mundo e normas são exemplos de fatores que auxiliam na identificação da situação de classe dos sujeitos. Ou seja, a renda, a ocupação profissional, tipo e intensidade de consumo são insuficientes para a fixação dos limites das classes sociais existentes. (VILA NOVA, 2000).

Estabelecendo uma relação entre *classe social* e *isolamento*, pode-se concluir que a questão da renda não deve ser menosprezada como fator de isolamento social. É visível o fenômeno de, nas metrópoles brasileiras, as famílias de baixa renda residirem em áreas periféricas da cidade, sendo esse isolamento físico um desencadeamento nítido da marginalização socioeconômica.

O modo como se organizam as moradias dentro da cidade é propenso a reproduzir o modo como as classes se relacionam, não sendo diferente no caso do recorte espacial do presente estudo. As pessoas que residem na orla de Olinda se reconhecem na situação de classe social de alto prestígio em relação às outras localizações da cidade.

O valor de um mercado de habitação característico de famílias de alto poder aquisitivo, o fato de ter à disposição uma infraestrutura urbana mais equipada e pelo próprio sentido cultural de residir “em frente ao mar” favorecem o isolamento entre os moradores da orla e os habitantes da periferia que frequentam a praia, sendo que os primeiros destacam de forma consciente esse afastamento. Todos os outros fatores considerados negativos como sujeira, som alto, mau cheiro e desorganização são associados aos visitantes.

5.5 A imagem da orla

No rol de questões que fizeram parte da entrevista, a que certamente teve o poder de trazer uma informação de forte teor subjetivo foi a que indagava ao entrevistado sobre a imagem que simboliza a beira-mar de Olinda em sua opinião. Ao ler esse quesito, último presente no questionário, de forma quase imediata, se percebia uma mudança na expressão do entrevistado que se mostrava na maioria das vezes reflexivo diante dela.

Conforme já foi dito, a ordem das questões foi um fator de análise que permeou esse trabalho no objetivo de favorecer o surgimento dos traços imaginários em torno da moradia e, para tal, foi necessário construir uma espécie de “mapa” através do questionário para guiar o entrevistado até revelações de conteúdo não consciente.

Portanto, o fato dessa questão ser a última presente no questionário foi vital para que a sua resposta “fluísse” com uma maior facilidade. Que, ao lê-la após já haver respondido as outras, o entrevistado visse de forma clara essa imagem da orla. Nos poucos casos em que o entrevistado titubeou em relação a ela, foi requisitado que ele dissesse a primeira imagem que lhe vinha na mente.

Para que a análise dos dados dessa questão em particular fosse feita, foi utilizado o seguinte artifício: as imagens fornecidas nas entrevistas foram classificadas em três categorias (positivas, negativas e meio-termo). Em relação às imagens positivas, essas foram divididas em quatro grupos: recursos naturais, infraestrutura, sentimentos e atores.

No que concerne à representação da orla de Olinda através de uma imagem positiva, tem-se um total de 63% das citações. Alguns se remeteram aos recursos naturais para dizer o que simbolizava essa beira-mar para eles, sendo feita forte referência ao mar e aos arrecifes (47%). Quanto à infraestrutura, a imagem da orla foi representada pelos quiosques, pelo corredor de bares e restaurantes e pontos de venda de coco (21%). A orla também foi apresentada ao espírito dos entrevistados em forma de sentimentos como a *tranquilidade* e a *liberdade* (16%). E, por fim, dentro das imagens positivas, o entrevistado também fez referência aos atores, sendo a imagem que representa a orla para ele as pessoas alegres e a prática de atividades físicas ao ar livre (16%).

No que tange a imagens que remetem a coisas significativamente negativas ou pouco agradáveis de serem vistas, estas representaram 30% das menções. As imagens representativas que remetiam a aspectos negativos do lugar foram atribuídas ao descaso que os entrevistados atribuíram à administração do município através das palavras “descuido”, “lixo”, “sujeira” e “abandono”.

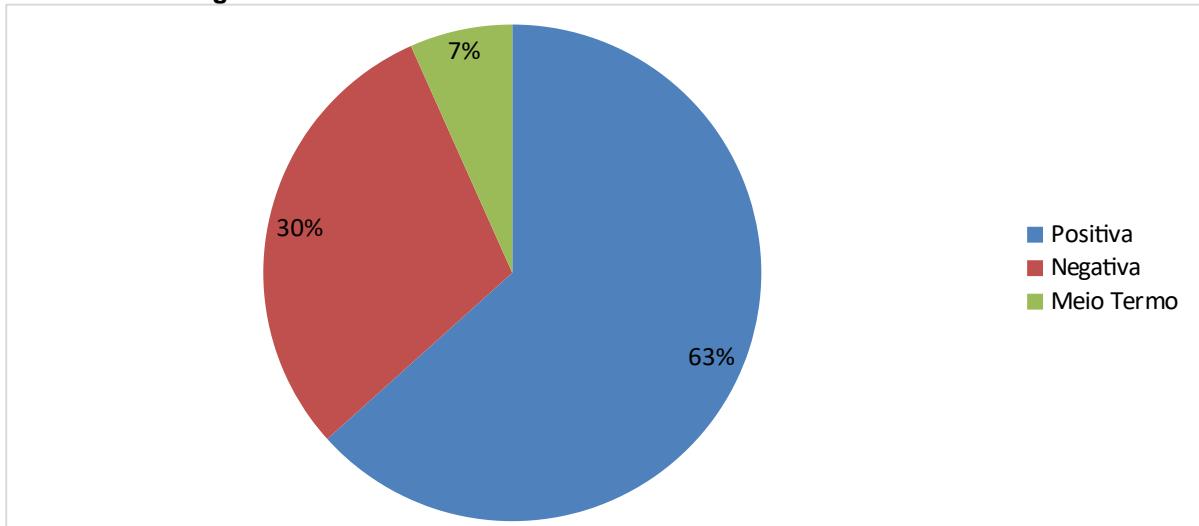
Em 100% dos casos em que a imagem que simbolizava a orla de Olinda era retratada negativamente, sucedia-se o desabafo do entrevistado que passava a relatar experiências em que descrevia a orla aos finais de semana. Esse morador dizia que o poder público falha ao não regular o uso de quiosques que, em sua maioria, ainda continuam desativados, o que faz com que os ambulantes permaneçam no espaço e assim continue a vinda de pessoas da periferia.

O lixo que é produzido nos finais de semana, por outro lado, é recolhido precariamente pela prefeitura, segundo dos moradores entrevistados. O problema é considerado cíclico por eles, uma vez que depois de haver um “melhoramento” na questão da limpeza urbana ao longo da semana, a chegada do final da semana faz emergir novamente o transtorno que é conviver com a Avenida beira-mar repleta de resíduos das pessoas que usam a praia nesse período.

Também foi atribuída mais de uma imagem para representar simbolicamente a orla de Olinda, ora por meio de imagens positivas, ora negativas, neste trabalho classificadas como meio termo, assumindo 7% das citações. O entrevistado que assumiu a “postura meio termo” quanto à imagem positiva/negativa, fez uma representação positiva da orla ao afirmar que a imagem que vinha na mente era do sentimento de tranquilidade que a moradia na orla era capaz de ofertar.

Contudo, o mesmo sujeito que representou a orla através da imagem da “tranquilidade” afirmou que também visualizava o oposto que caracteriza os finais de semana, quando a orla deixa de ser de uso predominante dos moradores e passa a ser frequentada por pessoas advindas de outras partes.

Gráfico 6 - A imagem da orla de Olinda



Produzido pela autora, 2014.

5.6 A escolha do lugar de moradia

Dentre as justificativas que foram dadas pelos entrevistados na questão que indagava o porquê da escolha da moradia na orla de Olinda temos: pela *qualidade de vida*, *comodidade*, *proximidade da família/trabalho* e *segurança*, pelo *imóvel* e, por fim, para a concretização de um *sonho*. Foram basicamente essas as respostas que os moradores forneceram.

Essa foi uma questão que todos, sem exceção, não esboçaram qualquer hesitação na resposta, que emergia naturalmente, como sendo ensaiada. A justificativa da qualidade de vida foi a predominante com 73% das referências. Nesse ponto em especial, foram feitas alusões ao mar como elemento de “*conforto*” interior e *prazeroso* aos olhos; à questão da *ventilação* e *qualidade do ar* e à prática de exercícios.

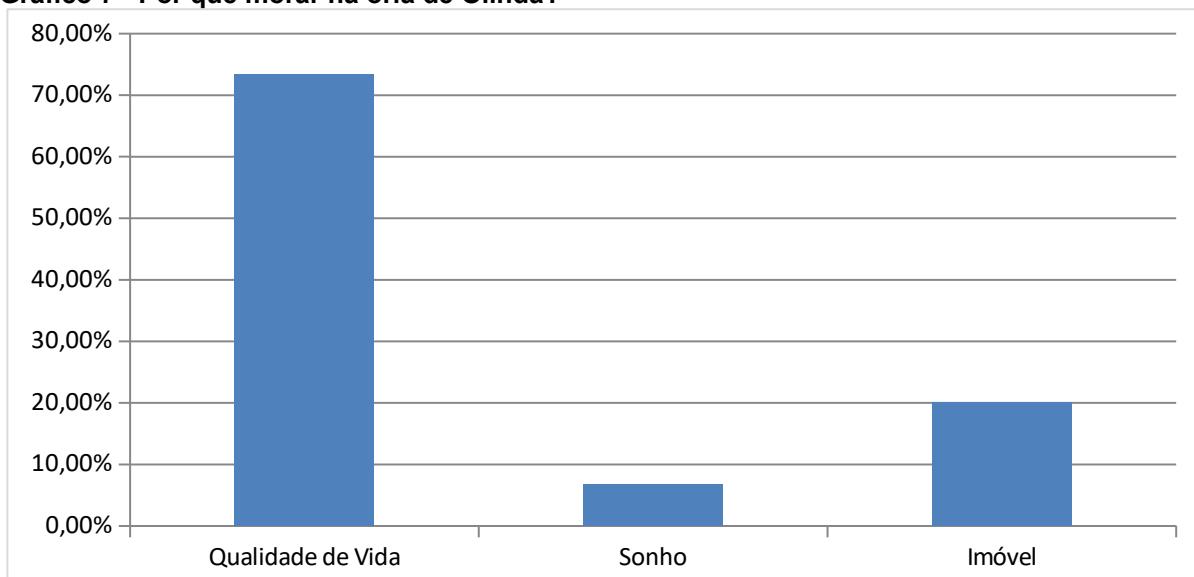
A comodidade foi outra justificativa colocada. Como ela é associada a uma qualidade do que fornece *prazer* e *bem-estar*, foi incluída na mesma categoria das respostas que apontaram para a qualidade de vida, o que a fez ainda mais relevante dentre os motivos para a escolha da moradia no espaço em questão. O mesmo se aplica aos fatores da segurança, proximidade da família e do trabalho.

Em posição secundária tem-se o motivo do imóvel em si com 20%. As pessoas que justificaram a escolha da moradia na orla de Olinda por essa razão,

alegaram que a compra do imóvel constituiu um bom negócio pela sua qualidade, localização e preço.

Ainda houve quem alegasse que o motivo que o influenciou a morar no espaço foi o da realização de um sonho, motivo esse que nos remete aos desejos incontidos, às aspirações e fantasias dos sujeitos próprias do imaginário, que apenas a visão atenta sobre as partes de um todo de informações pode esclarecer. Essa justificativa emergiu em 7% das colocações.

Gráfico 7 - Por que morar na orla de Olinda?



Produzido pela autora, 2014.

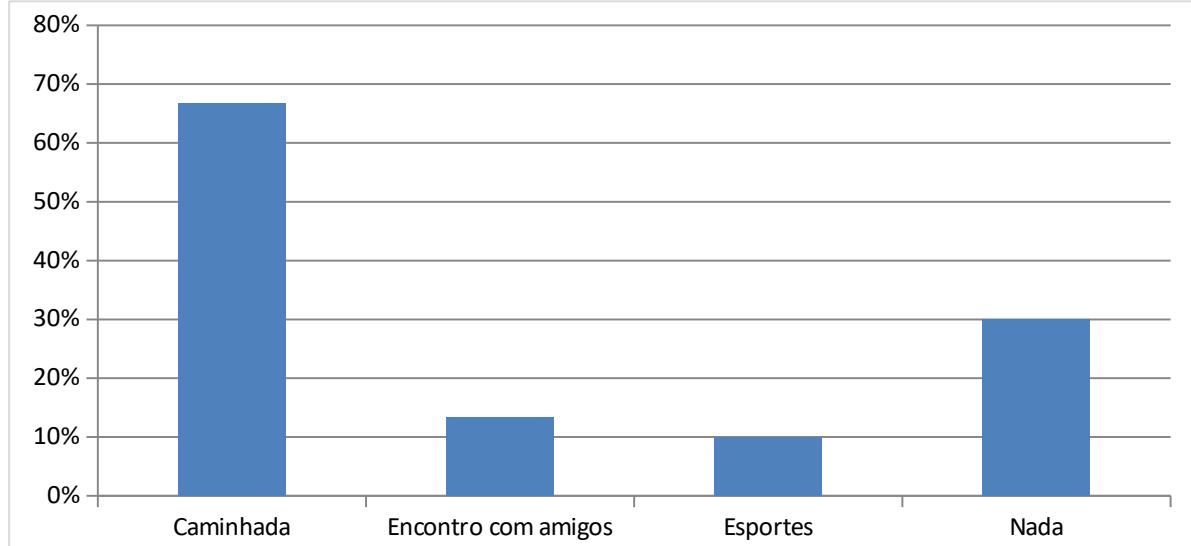
5.7 A atividade realizada na orla de Olinda

Por ser a orla de Olinda um espaço oferecedor de múltiplas possibilidades em termos de uso, como ambiente de encontro com amigos, esportes, lazer, caminhada, etc., e com o objetivo de entender como o morador vivencia o espaço (o grande motivador da moradia na área, sob a justificativa da “qualidade de vida”, conforme mostra o gráfico 07), foi perguntado sobre o tipo de atividade que ele costuma realizar nas imediações do seu imóvel.

Na realidade, o intento maior era o de cruzar as informações para obter do produto da relação estabelecida entre as respostas a viabilidade das justificativas. Por exemplo, as respostas apontaram para o fator “qualidade de vida” como justificativa da escolha da moradia na área, portanto, isso deveria se refletir na forma como as pessoas vivenciam o espaço. O fato de o espaço estar “cumprindo” sua

função de tornar o cotidiano dos sujeitos mais aprazível não apenas em termos de uma contemplação inerte da paisagem, mas no seu conjunto, pode ser verificado nesta questão. A mesma apontou para os seguintes dados:

Gráfico 8 - A atividade mais realizada na orla de Olinda



Fonte: Produzido pela autora, 2014.

O questionário indagou qual o tipo de atividade o entrevistado realiza com maior frequência na orla. Foram listadas algumas atividades como “esportes”, “caminhada”, “jogos”, “encontro com amigos” e “uso da praia”, uma vez que as mesmas são frequentemente verificadas nesse espaço. Foi aberto um espaço para o entrevistado declarar outra atividade, caso ele desenvolvesse uma ação que não estava listada no questionário.

A atividade citada com predominância foi a caminhada, com quase 70% das menções. A prática de esportes como o futebol, ginástica aeróbica e natação receberam 10% delas. O encontro com amigos figurou em mais de 10% dos casos. Alguns dos entrevistados declararam que desenvolviam mais de uma atividade como caminhada e encontro com amigos (13%), esportes e encontro com amigos (7%), caminhada e uso da praia (3%), uso da praia e encontro com amigos (3%) e todas as atividades (3%).

A curiosidade existente entre as pessoas que afirmaram não praticar atividades no espaço é a de que todas elas colocaram como motivação da moradia na orla de Olinda a “qualidade de vida”. Muito se comenta a respeito desse conceito que envolve o bem-estar físico, mental e social, dentre outros “setores” da vida do

indivíduo. De forma geral, a qualidade de vida é associada aos hábitos saudáveis que resultam na saúde do sujeito, como a prática de exercícios, alimentação equilibrada e convívio social harmônico, porém, é mais do que isso.

Porém, a qualidade de vida não se limita à questão da saúde física ou mesmo mental propriamente dita. Para resumir essa ideia basta colocar em pauta o equilíbrio como fator essencial do processo através da forma como o indivíduo administra o seu tempo para o lazer e o que o fará se sentir bem. Também interessa o nível de satisfação individual, com os outros e com a sua existência, o que torna a qualidade de vida uma experiência essencialmente subjetiva, apesar das discussões que são empreendidas em torno do seu significado.

A subjetividade é mesmo essencial no entendimento do que significa a qualidade de vida e parte dos entrevistados não forneceram a informação que daria suporte na tentativa da compreensão do que significa essa expressão para eles. Pode-se dizer que, nesses casos, qualidade de vida pode ser o agir pautando-se em perspectivas culturais dentro do processo de socialização, gerador de valores, atitudes, formas de agir, sentir e pensar. (DIAS, 2010).

De uso quase exclusivo de profissionais da saúde, hoje o termo perpassa os diversos setores sociais com muitos significados, a depender de quem os emprega. Para os sujeitos que não expuseram nenhuma atividade que remetesse a uma busca por qualidade de vida, sejam pelo convívio social ou pela prática de atividades físicas, os fatores que a propiciam são menos aparentes, mas podem certamente ser abordados.

De forma geral verificam-se duas principais necessidades humanas, as concretas (como por exemplo, moradia e alimentação) e as abstratas (como a autoestima) que afetam diretamente a qualidade de vida individual. De qualquer modo, esse é um conceito que abarca uma gama de necessidades de diferentes ordens, passível de tentativas de definição que trazem diversos pontos de vista. (FORATTINI, 1991).

Quando os entrevistados citaram como justificativa da escolha da moradia a qualidade de vida, certamente, mesmo inconscientemente, quiseram expressar que essa decisão afetaria uma gama de necessidades materiais e abstratas que resultariam em acréscimos no seu nível de satisfação com a vida. Apenas o fato de “se saber” no gozo daquela moradia com todas as suas implicações psicológicas (individuais) e sociais (coletivas) pode influenciar positivamente os outros fatores.

5.7.1 O lugar mais frequentado pelos homens e pelas mulheres

O questionário também contou com questões que inquiriam sobre a percepção do espaço no que concerne à sua utilização pelos gêneros. Os entrevistados de ambos os sexos opinaram sobre qual o trecho da orla é mais frequentado por homens e por mulheres e, posteriormente, expuseram as razões que orientaram seus pontos de vista.

Baseando-se no questionário desenvolvido por Silva em *Imaginários Urbanos*, o objetivo particular dessas questões foi o de captar as ilusões dos moradores da orla de Olinda que, essencialmente, possuem a prerrogativa de trazer lembranças e dar respostas a formulações que jamais poderão ser comprovadas empiricamente. (Silva, 2011).

Os pontos masculinos e femininos da orla são identificados através de atributos, recurso utilizado pelos entrevistados para justificar suas respostas. Fatores de ordem cultural, inegavelmente, afetam a construção imaginária dos espaços com os quais existe convívio.

5.7.2 O trecho “masculino” da orla

Conforme expressa a tabela 01, tanto para os homens quanto para as mulheres, a orla é *masculina* em frente ao quartel, onde se situa a divisa da orla dos bairros de Casa Caiada e Bairro Novo. As respostas giraram em torno dos esportes (praticados predominantemente nessa área); dos jogos, prática vinculada aos homens por ambos os gêneros e da concentração de bares e restaurantes no espaço.

Outra localidade masculina seria nas proximidades do mercado G Barbosa, orla de Casa Caiada. Esse lugar foi anteriormente escolhido como o mais desagradável da orla, figurando em segundo lugar como o *espaço dos homens* em decorrência da bebida alcoólica, das barracas e das mulheres promíscuas, assim classificadas por entrevistados do sexo masculino.

Em seguida foi verificado o desconhecimento sobre o lugar mais frequentado por homens. Os bares e restaurantes do trecho do Bairro Novo também foram lembrados como lugares masculinos, seguindo-se outros locais com percentuais menos expressivos.

Tabela 1 - Lugares masculinos da orla de Olinda na opinião de homens e mulheres

Local de preferência	Homem	Mulher	TOTAL
Em frente ao quartel	43%	38%	40%
G. Barbosa	21%	13%	17%
Desconhece	14%	13%	13%
Bares e restaurantes de bairro novo	7%	6%	7%
Onde vende bebidas	0%	13%	7%
Bares	0%	6%	3%
Em frente ao quartel e bares	0%	6%	3%
Em frente ao quartel e G. Barbosa	0%	6%	3%
No Dom	7%	0%	3%
Próximo ao 4 rodas	7%	0%	3%

Fonte: Produzido pela autora, 2014.

5.7.3 O trecho “feminino” da orla

Sobre o lugar predominantemente frequentado pelas mulheres, a pesquisa apontou dados interessantes. A maioria dos entrevistados (homens e mulheres) desconhece o *lugar feminino* da orla de Olinda, sendo as mulheres entrevistadas a parte mais expressiva desse número. Em seguida, apenas as mulheres afirmaram que ao longo de todo o calçadão a orla é feminina, com associação direta à prática da caminhada como mulheril.

Com o mesmo percentual de toda a extensão do calçadão aparece o espaço em frente ao quartel, que recebeu o maior número de citações como o lugar masculino e agora foi predominantemente citado por homens como feminino. Convém colocar que as imediações do mercado G. Barbosa foi citado como *lugar feminino* apenas por homens, o que revela que a percepção feminina da moradora da orla não abrange esse local por uma razão simples: a presença feminina nesse espaço é marcada por mulheres de outras localidades.

Como não foi explicitado no momento da entrevista qual deveria ser a origem geográfica da mulher frequentadora das imediações do G. Barbosa, os homens, mais relacionados à dinâmica desse espaço (citado em segundo lugar como masculino), afirmaram ser ele feminino, com base na sua percepção de que lá se encontram “mulheres fáceis”, conforme já foi mencionado. Por outro lado, o imaginário feminino não concebe o espaço como de concentração de mulheres pela forte associação que é estabelecida entre ele e as barracas de venda de bebida alcoólica.

Tabela 2 - Lugares femininos da orla de Olinda na opinião de homens e mulheres

Local de preferência	Homem	Mulher	TOTAL
Desconhece	36%	50%	43%
Em todo calçadão	0%	31%	17%
Em frente ao quartel	29%	6%	17%
G. Barbosa	14%	0%	7%
Bares e restaurantes de bairro novo	0%	6%	3%
Academias em bairro novo	7%	0%	3%
Barzinhos	0%	6%	3%
G. Barbosa e em frente ao quartel	7%	0%	3%
Em frente ao cidade de Olinda	7%	0%	3%

Fonte: Produzido pela autora, 2014.

5.8 Origem e tempo de moradia

O lugar de onde provinha o morador da orla e o tempo de moradia também estiveram registrados no questionário, atento aos aspectos trazidos de uma vivência anterior do sujeito em outros espaços e ao lapso temporal que o liga à orla de Olinda, ambos considerados agentes intervenientes no imaginário.

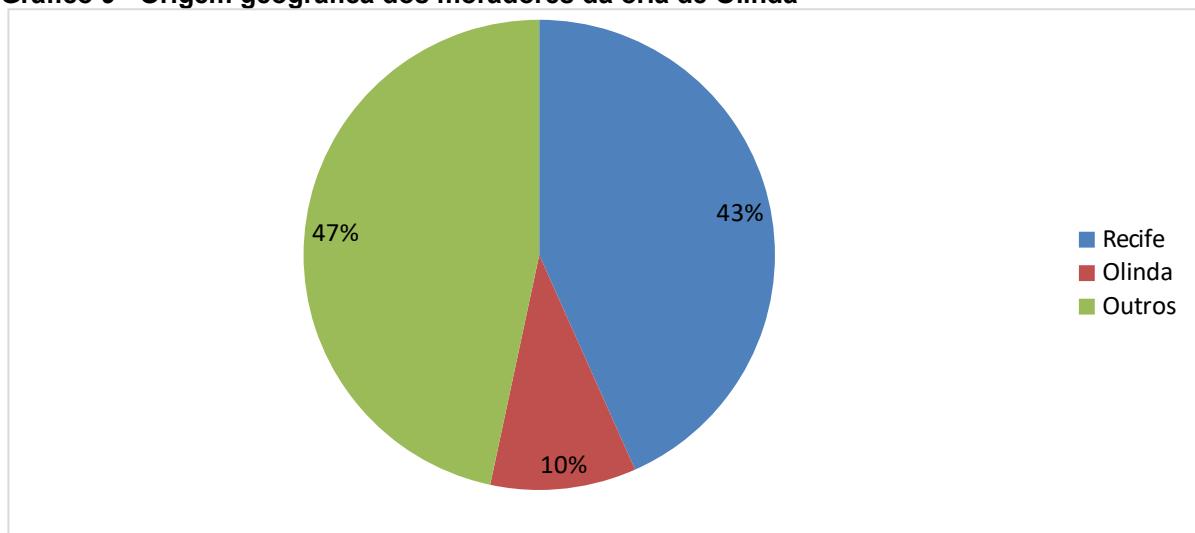
Um exemplo dessa influência da origem geográfica do morador pode ser verificado através de um programa jornalístico local. Nele, um morador da orla de Olinda se queixava do andamento das obras de revitalização no espaço por causa da retirada dos arbustos situados no espaço do calçadão a ser reformado. Ele alegou em rede local que era do interior do estado e que a referência à sua terra natal naquela área era a natureza que ia demorar a se restabelecer por causa daquela ação da prefeitura.

Através do exemplo acima exposto, pode-se ver que em muitos casos pode ocorrer uma transferência espacial na forma como imaginamos nosso espaço de moradia regida pelo sujeito por meio do inconsciente. O sujeito, nesse caso, busca concretizar o imaginário de sua terra natal em outro ambiente e é afetado por qualquer intervenção que suprime algum elemento que integra essa esfera imaginária.

O tempo de moradia também interfere na forma como se constrói esse imaginário através dos acontecimentos que afetam direta ou indiretamente a vida das pessoas que residem em determinado ambiente. O fato de ser um espaço antigo em termos de ocupação ou ser ele produto de uma reconfiguração espacial recente determina diferentes formas de se imaginá-lo.

Sobre a origem geográfica do morador da orla de Olinda tem-se que apenas 10% dos entrevistados declararam ser da cidade de Olinda, 43% nascidos no Recife e 47% de localidades diversas. Contudo, caso leve-se em conta os sujeitos que só nasceram em Recife, residindo durante a sua vida em Olinda, o seu número ultrapassa os 50%. No que concerne às outras localidades, temos a Região Metropolitana do Recife (17%), outros estados do país (17%) e algumas cidades do interior do estado de Pernambuco (13%).

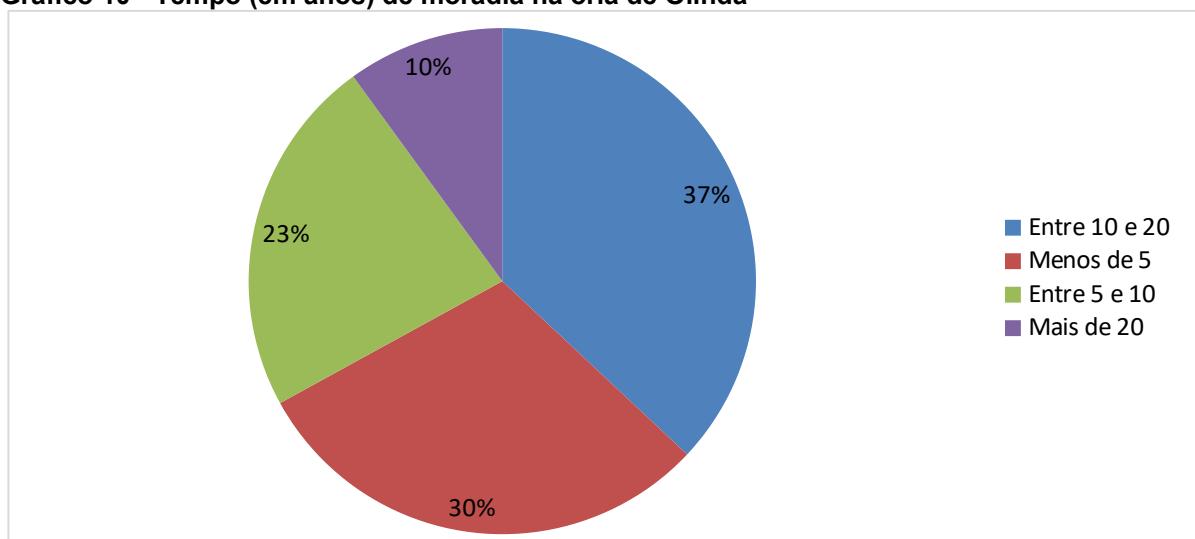
Gráfico 9 - Origem geográfica dos moradores da orla de Olinda



Fonte: Produzido pela autora, 2014.

Em relação ao tempo de moradia, têm-se os seguintes dados:

Gráfico 10 - Tempo (em anos) de moradia na orla de Olinda



Fonte: Produzido pela autora, 2014.

A maioria das pessoas entrevistadas (37%) reside na orla de Olinda entre 10 e 20 anos. Em segundo lugar figuram os sujeitos que moram na orla há menos de 5 anos (30%), na frente dos que já gozam da moradia nesse espaço entre 5 e 10 anos (23%). Apenas 10% das pessoas entrevistadas declarou residir na orla há mais de 20 anos.

Esses percentuais confirmam de certa forma que se trata de um espaço que vem se expandido em termos imobiliários (sobretudo com a questão da verticalização) há cerca de 20 anos. Antes desse período já se verificavam edificações na área, contudo elas ganharam impulso nos primeiros anos da década de 2000 com o processo empreendido pela prefeitura municipal de revitalização e urbanização da orla. Essa ação municipal provocou algumas mudanças estruturais na orla.

O projeto de revitalização e urbanização da orla marítima de Olinda ainda se estende. Porém, o cumprimento da sua primeira etapa (a revitalização do trecho do Bairro Novo) produziu expectativas favoráveis com relação ao espaço, logo percebidas pelo setor imobiliário através das construtoras que passaram a instalar suas bases nele.

Parte expressiva dos imóveis da orla de Olinda data desse período de transformação urbanística (cerca de 14 anos). Desde então se verifica o crescimento do número de edificações de grande porte no espaço, o que vem determinando uma alteração na paisagem do lugar.

Imagen 12 - Aumento expressivo da verticalização na orla marítima de Olinda no início da década de 2000.



Fonte: Secretaria de Planejamento Urbano de Olinda.

5.9 A cor da orla de Olinda

Na presente pesquisa, como no estudo encabeçado por Silva em *Imaginários Urbanos*, foi utilizada a técnica de compreensão dos *imaginários urbanos* a partir da relação que se estabelece entre as cores e os sentimentos. Foi pedido ao entrevistado que ele listasse, sequencialmente, as cores que representavam a orla de Olinda em sua opinião.

Para consolidar a análise dos resultados, especificamente no que tange a essa questão das cores, foi tomado de empréstimo o conhecimento de Eva Heller em *A psicologia das cores*. A pesquisa desenvolvida por essa autora levou em conta o fato de que simbolizar o que quer que seja com o recurso das cores constitui uma vivência coletiva e não individual. Para Heller:

Não existe cor destituída de significado. A impressão causada por cada cor é determinada por seu contexto, ou seja, pelo entrelaçamento de significados em que a percebemos. A cor num traje será avaliada de modo diferente do que a cor num ambiente, num alimento, ou na arte. (2013, p. 18).

Dessa forma, deve-se ter em mente que para fazer uma análise com base no estudo das cores é preciso estar sensível a todo um complexo de informações para, interligadas, auxiliarem na compreensão das intenções que há na escolha de determinada cor. Heller também versa sobre o *acorde cromático* e sobre ele afirma que:

[...] é composto por cada uma das cores que esteja mais frequentemente associada a determinado efeito. [...] As mesmas cores que se associam à atividade e à energia estão ligadas também ao barulhento e ao animado. Para a fidelidade, as mesmas cores da confiança. Um acorde cromático não é uma combinação aleatória de cores, mas um efeito conjunto imutável. Tão importantes quanto a cor mais frequentemente citada são as cores que a cada vez a ela se combinam. (2013, p.18).

O entendimento da relação entre cor e a subjetividade, longe de ser apenas um instrumento de trabalho de psicólogos, constitui uma importante ferramenta capaz de “dar conta” de tantas outras questões que permeiam o exercício profissional em diferentes áreas do conhecimento. A cor representa mais do que uma ferramenta técnica de ofício e do que um fenômeno da visão. (Heller, 2013).

Não existe distinção de importância entre as cores na psicologia. Sejam elas cores primárias (vermelho, amarelo, azul), secundárias (laranja, verde, violeta), mistas (marrom, cinza, rosa) ou pertencentes a qualquer outra classificação desenvolvida pelos teóricos das cores, todas são insubstituíveis. Como este trabalho tem por objetivo investigar traços imaginários, as impressões psicológicas são imprescindíveis quando o intento é trabalhar com as sensações geradas pelas cores.

Ao inquirir sobre a cor que representa a orla de Olinda, obtiveram-se as seguintes informações:

Tabela 3 - A Cor da orla de Olinda

A cor da orla de Olinda	%
Azul	43,33
Verde	26,67
Amarelo	6,67
Preto	6,67
Bege	3,33
Branco	3,33
Cinza	3,33
Colorido	3,33
Laranja	3,33
Total	100

Fonte: Produzido pela autora, 2014.

5.9.1 O azul

Conforme mostra a tabela 03, a cor mais citada para representar a orla de Olinda foi a azul. Como primeira citação essa cor obteve 43% das menções e na segunda citação apareceu em 20%. À primeira vista a escolha dessa cor pode parecer óbvia pelo campo de visão nesse ambiente abranger predominantemente o horizonte com o azul do céu e do mar, porém ela tem algo mais a revelar.

Segundo Heller (2013) a cor azul é considerada a cor mais distante entre as cores. A explicação desse fenômeno deve-se ao fato de que as cores são capazes de compor a aparência espacial. A cor azul quanto mais vista à distância, mais ganha a tonalidade que lhe é própria. As cores, quaisquer que sejam, quando vistas à distância, misturam-se a camadas de oxigênio que as tornam “azuis e melancólicas”.

O mesmo se pode afirmar quanto à perspectiva de profundidade. Quanto mais profunda a superfície, mais a cor azul se faz presente no dissolver das outras cores, a exemplo da percepção do mar. (Heller, 2013). Um dado interessante da *psicologia das cores* é o de que o azul é uma cor associada à fantasia, ao irreal. Existem vários exemplos em diferentes lugares do mundo de como o azul é vinculado às anedotas e histórias fantasiosas. O “azul de susto” no Brasil ou as mentiras inofensivas representadas pelo termo “florzinhas azuis” dos holandeses. Outro exemplo encontra-se na expressão alemã “fábulas azuis”.

O azul também é uma cor que remete ao anseio humano pelo puro e transcendental. Os *blues*, movimento musical popularizado nos Estados Unidos, igualmente, expressa esse anseio. O nome do gênero musical foi inspirado na cor azul e *blues* também quer dizer em inglês “melancólico” e “triste”. As letras das músicas tratam de sentimentos como a saudade, o amor, a dor, enfim, do ansiar. (Heller, 2013).

Assim como a “ansiedade” é azul, a honra ao mérito também é. “O azul fica ao lado do ouro no acorde cromático referente ao mérito – mas antes do ouro; portanto, mais importante do que a recompensa, é a honra”. (HELLER, 2013, p. 47). Marca que permite identificar as realizações de grande porte é a cor utilizada pelos representantes de vários países ao ostentar uma faixa de cor azul-celeste que vai do ombro até a cintura. Nas grandes ocasiões ela é utilizada pelo rei da Suécia, pela rainha da Inglaterra e pelo presidente alemão e constitui uma marca distintiva de grande relevância. Na língua francesa *cordon bleu* significa faixa azul, sendo o termo associado à “excelência na cozinha”, uma vez que na França o exercício de cozinhar é sinônimo de arte. (Heller, 2013).

Afinal, a cor azul associada à orla de Olinda pode ser interpretada como uma apreciação positiva do ambiente pelos entrevistados, apesar da abordagem das cores em Heller contemplarem-nas em ambos os aspectos (positivo e negativo). Em um dos casos, a pessoa entrevistada afirmou ser a orla azul durante a semana (em referência à “nobreza da orla”) e vermelha (em referência à gente menos nobre) nos finais de semana.

Talvez, mesmo sem saber, essa pessoa que colocou o “azul” e o “vermelho” para representar sentimentos que o espaço faz emergir como o de calmaria e agitação, fez referência ao que Heller (2013) chama de *cores contrárias psicológicas*. As supracitadas cores correspondem a essa categoria que se formam

por pares de cores que, com base na nossa compreensão e sensibilidade, parecem se opor de forma intensa. O contraste simbólico entre o vermelho e o azul revela que o primeiro é ativo, quente, ruidoso e corpóreo, enquanto que o segundo é passivo, frio, silencioso e mental.

Enfim, ao buscar as conotações em torno da atribuição da cor azul à orla de Olinda, foi observado que ela expressa o momento em que os moradores da orla desfrutam do espaço. O “azul dos dias úteis da semana” são aqueles em que emergem os devaneios da moradia, a vastidão que as paisagens das varandas dos apartamentos descortinam, o sentimento do sonho realizado e do orgulho próprio, conferidos pela moradia na beira mar da cidade de Olinda.

5.9.2 O verde

Durante a exposição de Eva Heller, fica claro que a união das cores mais comumente mencionadas auxilia na descrição de uma emoção, não se aplicando esse fato apenas à cor principal. Sobre o verde, segunda cor mais citada em associação com o azul, ela ensina:

O verde é mais do que uma cor, o verde é a quintessência da natureza. O verde é uma ideologia, um estilo de vida: consciência ambiental, amor à natureza, ao mesmo tempo a recusa a uma sociedade dominada pela tecnologia. (2013, p. 105).

No decorrer da vida, sobretudo com o aumento da idade, tende-se a gostar mais de cores vivas, que passem a ideia de juventude, em detrimento de cores “menos vivas”, como por exemplo, o preto. (Heller, 2013). Na combinação de cores, ao compor o verde com o azul, na maior parte das vezes essa organização de cores expressa um efeito positivo. Contudo, a cor verde em si não figura nem no polo positivo, nem negativo. (Heller, 2013).

Em relação à perspectiva da cor, o verde está na situação intermediária em termos de proximidade. Não remete à proximidade e nem é quente como o vermelho. Não é distante e nem frio como o azul. Situa-se num posição “conciliadora” de cor, revelando o sentimento da segurança em decorrência da sua neutralidade. (Heller, 2013).

Se o verde for combinado com o azul, forma-se o acorde das coisas agradáveis, da tolerância. Heller afirma que “a saúde é verde” (2013, p. 107) e que o

verde é uma das cores, juntamente com o vermelho (do amor) e o ouro (da riqueza), que compõem o acorde da felicidade, assunto anteriormente tratado neste trabalho.

O verde também é considerado a cor da classe burguesa. Em meados do século XVII, por meio de um decreto de *Brunswick*, foi instituída uma normatização relacionada às cores do vestuário e dos objetos de uso feminino. Caso o verde estivesse presente como cor desses materiais, era um sinal indicativo de que se tratava de burgueses, e não de nobres, que tinham como cor representativa o vermelho. (Heller, 2013).

Outra característica da cor verde é que ela é associada ao fresco e refrescante, à esperança, à fertilidade própria da primavera, ao abrigo e tranquilizador, à credibilidade e segurança. Temos nos semáforos um exemplo de como a simbologia dessa cor foi universalizada por causa do relevante papel desempenhado por esse recurso urbano na modernidade. O sinal verde libera o sujeito a praticar ações e quando se diz que alguém está atravessando uma “onda verde”, significa que está vivendo acontecimentos bem sucedidos.

Essas considerações sobre as relações que são estabelecidas entre as experiências psicológicas compartilhadas e as cores revelam um verdadeiro universo de informações valiosas. O indivíduo conhecedor dessas relações certamente terá a prerrogativa de usar esse conhecimento em benefício de seus interesses, pois, conforme preceitua Heller: “As significações que foram apreendidas pela vivência são decisivas”. (2013, p. 109).

Diante do exposto, tem-se que a cor verde em associação com a orla pode referir-se ao gosto pela permanência em um ambiente onde se desfruta diariamente da natureza. Igualmente se pode pensar que o verde, cor da jovialidade, foi citado por ser uma cor mais apreciada por pessoas na velhice. A pesquisa de Heller apontou que entre homens dos 25 aos 50 anos de idade, a predileção pelo verde praticamente dobrou e parte expressiva dos proprietários dos imóveis da orla está nessa faixa de idade que acolhe a cor verde como preferida. O fato de muitos dos moradores da orla de Olinda terem vindo de outras partes da cidade e acreditarem que a moradia nesse espaço constituiu a realização de um sonho, pode apontar para o verde da esperança e do crescimento.

Em sentido extensivo, o verde entra como cor simbólica da prosperidade. Quando antigamente se dizia: “nos tempos verdes”, não era a primavera que se tinha em mente, mas um tempo de florescimento econômico e

cultural. Quem não conquista nada na vida, dele se diz que não encontrou “seu galho verde”. (HELLER, 2013, p.108).

5.9.3 Amarelo e preto

Essas cores receberam o mesmo percentual de citações, figurando em terceiro lugar em ordem decrescente de menções com 6,67%. Sobre a simbologia de ambas, o que se aplica às demais, muito se tem a discutir em termos de suas representações. Porém, como as menções foram bem menos significativas que as cores azul e verde, os seus aspectos serão apresentados de forma pontual.

O amarelo simboliza a maturidade, é a cor da floração. O amarelo faz parte do verão, da mesma forma que o verde pertence à primavera. O amarelo é a cor mais presente nas flores e nos perfumes, uma vez que lembra as primeiras e seus aromas. (Heller, 2013). Na maturidade, idade idealizada como dourada, o amarelo aparece como os frutos mais apreciados, saborosos e doces. Porém, essa cor também tem como simbologia sentimentos negativos (em predominância) como a inveja, o ciúme, o egoísmo e todo o tipo de hipocrisia.

O amarelo é a cor de tudo que nos causa raiva. A inveja é amarela – a inveja é a raiva pela posse alheia. Amarelo é o ciúme – raiva pela existência de outros. Também a cobiça é amarela. De acordo com a doutrina cristã, a inveja e a cobiça são dois dos sete pecados capitais. Todos os pecados capitais são facetas do egoísmo. (HELLER, 2013, p. 88-89).

Diante da cor amarela depara-se com a espontaneidade, pois ela causa impacto, até mais que o vermelho. É a cor eleita mundialmente como a da advertência. Como o verde, é uma cor que se torna mais apreciada com o aumento da idade por remeter à jovialidade. Apesar de fazer parte do simbolismo da luz, do sol e do ouro, não é a mais apreciada das cores por ser ao mesmo tempo associada a aspectos positivos e negativos (como ao otimismo e irritação, ao entendimento e aos desprezados), sendo essencialmente ambígua.

O amarelo do sol revigora e constitui a experiência principal que temos com essa cor. Para os otimistas que são revigorados e alegres tem-se o amarelo como cor característica. (Heller, 2013). Simboliza igualmente a inteligência. Porém, conforme já foi exposto, tem uma carga simbólica que carrega sentidos que se contrapõem o que determina sua face negativa.

Nesta pesquisa não ocorreram citações que trouxessem juntos o amarelo e o preto. A primeira cor esteve associada ao verde e ao azul, *acorde cromático* da

esperança. (Heller, 2013). Associando as cores amarela e preta o acorde que resultaria seria um dos mais negativos (egoísmo, infidelidade e hipocrisia), pois o amarelo já possui muitos significados negativos que o preto fortaleceria com o seu acréscimo. (Heller, 2013).

Os entrevistados que citaram o preto, associaram essa cor a outras como ao cinza e marrom. Curiosamente o acorde cromático do cinza, preto e marrom é da hostilidade. Cores vivas pouco foram lembradas nesta pesquisa ao lado de cores sombrias. Quando as últimas eram mencionadas, geralmente acompanhavam outras do mesmo efeito. Sobre o preto era evidente a sua associação com a sujeira tanto falada pelos moradores entrevistados ao longo da aplicação dos questionários. Na oportunidade em que se chegava à questão das cores representativas da orla, eles anunciam: “preto, por causa da sujeira acumulada nos finais de semana”.

Quando se associa algo à cor preta, ao negro, existe a intenção de dizer que esse algo é ruim, mau. Expressões como “humor negro”, em referência aos que se divertem com a desgraça alheia; “ovelha negra”, como pessoa que age contrariamente aos costumes, ao que é legítimo, ou “colarinho preto” para falar de sujeira no colarinho, o mesmo se aplicando para as partes do corpo que estão sujas, são exemplos. (Heller, 2013). Ao colocar os exemplos da simbologia dessa cor, Heller afirma que:

Um símbolo notório de desaprovação, na Inglaterra e nos Estados Unidos, é uma bola preta, a “*Black Ball*”. Os sócios dos clubes decidem secretamente se o candidato será aceito; cada sócio irá colocar numa urna uma bola branca ou uma bola preta: a branca significa aceitação; a preta, rejeição. Basta uma só bola preta para que a pessoa seja rejeitada. Em virtude disso, a “bola preta” é um símbolo capaz de destruir o sonho de uma vida. (2013, p.133).

5.10 Encadeamentos dos dados da pesquisa

Após a exposição dos “achados” da presente pesquisa através do relato que, almejou ser o mais fiel possível, em relação às declarações dos entrevistados e até mesmo à percepção acerca das suas intenções nas falas, será desenvolvida uma breve abordagem do que foi encontrado sobre o imaginário da moradia na orla marítima de Olinda.

A beira-mar da cidade de Olinda representa para os seus moradores, de uma forma geral, um espaço atrativo, onde se localizam os imóveis que conferem maior

prestígio e poder social da cidade, por expor elementos arquitetônicos valorizados no âmbito da sociedade moderna (verticalizados e repletos de utilidades internas) e atrair construtoras de renome. Sem omitir o fato de que, as áreas litorâneas são histórica e culturalmente mais valorizadas em termos de moradia, no caso brasileiro.

A pesquisa indicou que uma parte considerável de moradores da orla já residiu em outras partes da cidade de Olinda. Alguns deles tinham suas residências bastante próximas à beira-mar, mas possuíam como “felicidade imaginária” alcançar a moradia nessa porção específica da cidade, alegando que o ambiente confere qualidade de vida. Trata-se de pessoas de meia a terceira idade que possuem muitos traços imaginários comuns em relação à moradia nesse espaço.

O fato de considerarem a localização mais agradável da orla a que se situa em frente aos seus edifícios, representa um exemplo da forma como atua o imaginário. Ao citar o trecho mais desagradável da orla e listar seus “inúmeros” pontos negativos, esses mesmos sujeitos não se deram conta de que muitas vezes se tratava de lugares que abrangiam a parte frontal dos seus imóveis. O que fica evidente nesse fato é a ideia de que, apesar de próximo a fatores que geram mal-estar, emergiu mais fortemente no morador as “imagens do espaço feliz” (BACHELARD, 1978, p. 196), do seu lugar, da sua casa, como um elemento “compensatório” diante dos desagrados externos a ela.

Quanto à localização mais desagradável, os moradores compartilham a imagem de um trecho da orla que se caracteriza por ser frequentado por pessoas vindas da periferia da cidade, que é o das imediações do mercado G. Barbosa em Casa Caiada. Salvo algumas poucas exceções, esse trecho foi largamente associado à sujeira, lixo e desorganização, aspectos que foram trazidos pela representação que foi feita da orla através da cor (na simbologia das cores o preto representa o ruim e o sujo).

Em várias questões foi nítida a recusa dos moradores em relação ao tipo de público que frequenta a praia, verificada até mesmo no uso que o morador faz dela. É inexpressivo o percentual dos moradores que vai à praia para apreciar o banho de mar ou mesmo para permanecer na areia em um dos quiosques existentes na praia. A atividade que aparece em destaque e que a coloca longe das outras com um percentual largamente superior é o da caminhada que, vale salientar, geralmente é solitária ou realizada na companhia de pessoas conhecidas, pouco favorecendo o convívio social entre desconhecidos.

Até mesmo a prática do comércio ambulante na praia foi criticada pela maioria por ser auxiliar na proliferação do lixo que fica na orla nos fins de semana e, abordando as opiniões explicitadas de forma menos evidente, por atrair a presença dos sujeitos da periferia. A impressão que se tem é a de que há uma deficiência no recolhimento do lixo e na questão estrutural da praia com a ausência dos banheiros públicos, e o que fica patente no discurso dos moradores é que a causa relevante dos transtornos é a presença desses sujeitos, membros da periferia.

Há uma consciência por parte do morador da orla das lacunas da gestão pública quanto à questão da limpeza e do suprimento de algumas carências infraestruturais percebidas ao longo da aplicação do questionário, mas aparece com força o argumento de que os frequentadores da praia não têm educação no uso do espaço e que são eles os responsáveis pela maior parte dos seus pontos negativos.

Em relação ao uso do espaço pelos gêneros, há uma percepção sobre qual é o trecho mais frequentado por homens, tanto por parte dos mesmos como das mulheres, que reconhecem claramente o tipo de atividade que os atraem a frequentá-lo (jogos, esportes e uso de bebidas alcoólicas). Já em relação ao trecho frequentado pelas mulheres, existe um desconhecimento pelos gêneros de qual seria, o que pode confirmar a segunda maior citação de que é ao longo de todo o calçadão por elas terem como atividade principal a caminhada. O imaginário sobre esses aspectos revela as conotações atribuídas aos trechos por meio das evocações (SILVA, 2011).

No imaginário do morador da orla a sua parte mais valorizada é a de Casa Caiada. Na justificativa da resposta, houve a menção à qualidade dos imóveis, à centralidade que o trecho representa e até mesmo ao fato do “banho de mar ser melhor”, apesar do número pouco expressivo de moradores entrevistados que usam a praia. De toda a extensão da orla, o trecho que mais atrai não moradores à praia é o de Casa Caiada, sendo esse fator de desagrado da população residente. Apesar disso, os entrevistados acreditam que é o trecho onde residem “pessoas selecionadas” nos melhores imóveis da beira-mar e que isso faz dele mais valorizado do ponto de vista habitacional.

A pesquisa revelou que a auto-percepção do morador mostra um indivíduo “estabilizado financeiramente”, de elevado poder aquisitivo e que busca na moradia uma melhor qualidade de vida. A referência feita pelos entrevistados à cor verde é um indicativo simbólico da segurança, da natureza e das grandes realizações que

exprimem o morador da orla descrito pelos entrevistados. Segundo eles, dentro desse perfil também entram as características “carismáticos”, “simples”, “comunicativos” e “cordiais”.

Por outro lado, os entrevistados estabeleceram comparações entre o perfil que foi pedido (o do morador da orla de Olinda) e o dos moradores da orla de Boa Viagem, aspecto não foi mencionado pela pesquisadora em nenhum momento da pesquisa. Eles afirmaram que os outros, os moradores de Boa Viagem, se caracterizam pela arrogância própria de quem valoriza a aparência e que isso não se verificava entre os moradores da orla de Olinda, que para eles são pessoas que não ostentam entre si suas posses.

Essa comparação que souu inevitável na maior parte das experiências da pesquisa, mostrou certo “despeito” dos moradores da orla de Olinda em relação à questão da referência quando se fala em praia urbana no Recife e Região Metropolitana que é representada pela orla de Boa Viagem. O discurso predominante do morador entrevistado era o de que ele estaria apto financeiramente a morar na orla de Boa Viagem, mas não reside nesse espaço por opção, pela adoção de um suposto estilo de vida que não condiz com a *imagem* que ele possui acerca do morador da orla de Boa Viagem.

Relacionando esse aspecto trazido pelos entrevistados à questão da simbologia das cores em Eva Heller, a cor amarela, lembrada de forma expressiva, remete justamente ao despeito dos moradores da orla de Olinda, já comentado. Sentimento este que se aproxima ao de inveja que tem como símbolo, coincidentemente, essa cor.

A investigação dos traços imaginários que caracterizam o grupo dos moradores da orla marítima de Olinda apontou para a formação de uma imagem positiva acerca da moradia no ambiente, revelada pela análise conjunta das questões apresentadas no questionário. Alguns desses aspectos foram captados por meio do que foi declarado dentro dos questionários, outros, menos evidentes à primeira vista, através do conjunto de elementos que compôs a experiência de campo.

O que se pode certamente afirmar é que: a moradia na orla marítima de Olinda representou a imagem ideal de futuro para os entrevistados e não perdeu a sua característica de ser objeto de sonho para esses sujeitos após ser conquistada. O devaneio da casa é visto através das janelas, terraços ou mesmo pela forte

presença do azul marítimo ou celeste. Mas também está presente no sentimento de “propriedade” em relação ao espaço público que, de certa forma, veio junto com aquela moradia, vivenciada e mais ainda, sonhada.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A imaginação possui a prerrogativa de idealizar o real. Ela dá conta da existência de uma casa dos sonhos, uma casa que é a nossa primeira morada e que a imaginação se encarrega de descrever sem amarras com o tempo. O inconsciente se responsabiliza por imobilizar lembranças dessa casa onírica, o que condiz com a afirmação de Bachelard de que: “todo um passado vem viver, pelo sonho, numa casa nova”. (1978, p. 200).

E encontramos imaginariamente numa casa nova aquela casa primitiva, a casa do aconchego, onde podíamos concretizar em todos os espaços nossa humanidade e, ao mesmo tempo, dispor da segurança nessa acolhida. A imaginação aqui não encontra obstáculos ao ponto de reinventarmos no devaneio dos sonhos a nossa realidade anterior. A imaginação é deveras atraente em relação ao ser acolhido na geometria do espaço que, na sua essência íntima, revela a grandeza na atitude de “dizer o impronunciável”, de se “encontrar” nos momentos de solidão íntima, conforme Bachelard (1978) explicita.

Como motivação da moradia no recorte espacial do presente estudo, foi observado o fator “sonho”, razão menos explícita para a busca de um lugar para viver e, ao mesmo, tempo tão reveladora e cheia de significados. Razões culturais para a escolha dessa moradia em especial foram trabalhadas neste estudo uma vez que constituem “nortes” para a tradução imaginária que ela representa.

Os moradores da orla marítima de Olinda no devaneio da moradia esboçaram imagens como o azul dos sentimentos de paz e tranquilidade, do olhar sobre a imensidão e da grandeza do céu e do mar que estampam seus cotidianos. Também conseguiram visualizar o lugar de bem-estar perante suas casas, muitas vezes áreas sentidas como desagradáveis por imporem a “estranya presençā” de não moradores. E por falar em cor, sua imagem também é revelada pelo preto do que resta da passagem dos frequentadores da praia que os moradores da orla fazem questão de listar como toda a sorte de lixo e sujeira e o amarelo, que no caso da simbologia das cores que foram mais citadas, revela o despeito com relação à orla marítima do bairro de Boa Viagem no Recife. O tipo de comparação estabelecido pelos entrevistados entre esses litorais urbanos (mesmo sem que o propósito das

questões incitasse a isso) remete ao sentimento de que a coisa sobre a qual se tem propriedade é a melhor e que sempre haverá argumentos para a defesa do que se possui.

O uso do espaço do entorno dos imóveis, especialmente no que se refere à praia em si, é pouco aproveitado. Mas esse fato não representa propriamente uma negação do morador da orla em relação a ele, e sim uma consciência de que existe (o que torna ainda mais valorizado o seu imóvel) e se encontra a seu dispor. O olhar sobre esse fato pela municipalidade, por exemplo, certamente é capaz de ensejar um tratamento que busque ampliar o uso do espaço contemplando os diversos atores.

É notório que a orla de Olinda é uma das áreas da cidade onde mais são injetados os investimentos públicos de infraestrutura, o que reflete diretamente nos investimentos do setor privado em suas várias facetas, principalmente sobre o mercado imobiliário. Os imóveis da orla são procurados por um público que pode ser considerado homogêneo em termo socioeconômico e que busca uma moradia que exprima imaginariamente sua situação de classe.

Os devaneios da moradia nesse espaço se encontram relacionados, como não poderia deixar de ser, no modo como o conjunto de indivíduos concebe a sua morada nesse espaço e o que isso representa em termos de *status*. Porém as fantasias que se originam pela sensação de acolhimento e proteção material e imaterial que a casa tem o poder de ofertar, se encontram acima e além do que é facilmente visível.

REFERÊNCIAS

- AMORA, Antônio Soares [1917-1999]. Minidicionário Soares Amora da língua portuguesa. 19^a ed. São Paulo: Saraiva, 2009.
- BACHELARD, Gaston [1884-1962]. A poética do espaço. São Paulo: Abril Cultural, 1978. p. 181-349. (os pensadores).
- BITTENCOURT, Leonardo *in* A casa nossa de cada dia. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2007.
- CHAVES, Millena. O Plano Diretor de Olinda e a verticalização na sua orla marítima. Olinda, Secretaria de Planejamento Urbano da Cidade de Olinda, 03 de jul. 2012. Entrevista concedida a Mariana Dantas Galvão.
- CHINOY, Ely. SOCIEDADE: Uma introdução à sociologia. 8 ed. São Paulo: Cultrix, 1967.
- DE MASI, Domenico; TOSCANI, Oliviero. A felicidade. Tradução de Maria Margherita de Luca. São Paulo: Globo, 2011.
- DIAS, Reinaldo. Introdução à Sociologia. 2 ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2010.
- DODESKADEN – O CAMINHO DA VIDA. Produção de Akira Kurosawa. Japão: Toho Company, Yonki-no-Kai Productions, 1970. 1 DVD (140 min.): DVD, son., color. Legendado. Port.
- DURAN, Gilbert. O Imaginário: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem. Rio de Janeiro: DIFEL, 1998.
- FREYRE, Gilberto [1900-1987]. Sobrados e Mucambos: decadência do patriarcado e desenvolvimento do urbano. 16 ed. São Paulo: Global, 2006.
- GIANNETTI, Eduardo. Felicidade: diálogos sobre o bem-estar na civilização. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- HELLER, Eva. A psicologia das cores: como as cores afetam a emoção e a razão. Tradução de Maria Lúcia Lopes da Silva. São Paulo: Gustavo Gili, 2013.
- IMAGINE. Produção de Andrzej Jakimowski. Polônia/França/Portugal: Filmes do Tejo, ICA, 2012. (105 min.).

LAPA, Tomás de Albuquerque. Grandes cidades constroem-se com edifícios grandes?. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2011.

LEITÃO, Lúcia. Quando o ambiente é hostil: uma leitura urbanística da violência à luz de Sobrados e Mucambos e outros ensaios gilbertianos. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2009.

_____. et al. A casa nossa de cada dia. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2007.

_____. Os movimentos desejantes da cidade: uma investigação sobre processos inconscientes na arquitetura da cidade. Recife: Fundação de Cultura do Recife, 1998.

LISPECTOR, Clarice. Felicidade Clandestina. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

LYNCH, Kevin. A imagem da cidade. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011. (Coleção cidades).

MINAYO, Maria Cecília et. al. Pesquisa Social: teoria, método e criatividade. 32 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

MORIN, Edgar. A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento. 19 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

OLINDA. Projeto de Lei Complementar 026/2004. Plano diretor do município de Olinda. Disponível em <http://portalolinda.interjornal.com.br/download/projetoplanodiretor1.pdf>. Acesso em 07 de julho/2012.

OLINDA. Lei 5631/2008. Lei de uso, ocupação e parcelamento do solo do município de Olinda (LUOPAS). Disponível em <http://www.cecibr.org/conservar/legislacao.html>. Acesso em 07 de julho/2012.

QUANDO EU ERA VIVO. Produção de Rodrigo Teixeira, Raphael Mesquita e Marcos Dutra . Brasil: RT Features e Camisa Treze, 2013. (109 min.).

QUEIRÓS, Eça de. A cidade e as serras. Ed. Especial. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

RYBCZYNSKI, Witold. Casa: pequena história de uma ideia. Rio de Janeiro: Record, 1996.

RYKVERT, Joseph. A Casa de Adão no Paraíso. São Paulo: Editora Perspectiva, 2003.

SANTOS, Milton. A urbanização brasileira. 5 ed. 2. Reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

SILVA, Armando. *Imaginários urbanos*. São Paulo: Perspectiva, 2011.

VILA NOVA, Sebastião. *Introdução à sociologia*. 5. ed. rev. e aum. São Paulo: Atlas, 2000.

VIEIRA, Cássio Leite. *Pequeno manual de divulgação científica: dicas para cientistas e divulgadores da ciência*. 3º ed. Rio de Janeiro: Instituto Ciência Hoje, 2006.

WEINER, Eric. *A geografia da felicidade*. Tradução de Andréa Rocha. Rio de Janeiro: Agir, 2009.

APENDICE A – QUESTIONÁRIO APLICADO NA EXPERIÊNCIA – PILOTO

QUESTIONÁRIO-PILOTO - Nº de identificação: _____

Sexo: Feminino () Masculino ()

Local de nascimento: Olinda () Recife () Outro () qual?

Há quantos anos é morador da Orla de Olinda?

Menos de 5 anos () De 5 a 10 anos () De 10 a 20 anos () Mais de 20 anos ()

Renda Familiar em salários mínimos:

Até 5 salários () Entre 5 e 10 salários () Acima de 10 salários ()

Faixa Etária:

De 18 a 29 anos () De 30 a 45 anos () De 46 a 59 anos () Acima de 60 anos ()

Em sua opinião, qual a localização da orla de Olinda que é mais valorizada do ponto de vista habitacional?

Rio Doce () Casa Caiada () Bairro Novo () Outro () qual?

Por quê? _____

Qual a imagem simboliza a Beira-Mar de Olinda pra você?

Qual a cor da Orla da cidade de Olinda na sua concepção? Enumere de acordo com uma sequência de cores que você imagina que represente a orla. _____

Qual o ponto (localização) da orla que é mais agradável para você? Por quê?

Qual o ponto (localização) da orla mais desagradável pra você? Por quê?

Que tipo de atividade você realiza com maior frequência na Orla de Olinda?

Esportes () Caminhada () Jogos () Encontro com amigos () Uso da praia () Outra () qual? _____

Qual parte da Orla é frequentada predominantemente por homens em sua opinião? Por quê? _____

Qual parte da Orla é frequentada predominantemente por mulheres em sua opinião? Por quê? _____

O que o (a) influenciou na escolha da moradia nessa área? _____

APENDICE B – QUESTIONÁRIO APLICADO NA PESQUISA DE CAMPO

QUESTIONÁRIO - Nº de identificação: _____ APRESENTAÇÃO

Ao responder este questionário você estará contribuindo para a realização de uma pesquisa de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano – UFPE, cujo trabalho é voltado a questões referentes à moradia na orla de Olinda. Solicitamos ao colaborador que responda as questões de forma espontânea uma vez que não buscamos extrair dessa análise dados constatáveis e sim adentrar nos sentidos culturais que a experiência da moradia nessa localidade tem a revelar. Suas respostas permanecerão anônimas e restritas aos fins acadêmicos desta pesquisa. Obrigada por dedicar parte do seu tempo a este trabalho!

Sexo: Feminino () Masculino ()

Local de nascimento: Olinda () Recife () Outro () qual?

Há quantos anos é morador da Orla de Olinda?

Menos de 5 anos () De 5 a 10 anos () De 10 a 20 anos () Mais de 20 anos ()

1. Por que você escolheu morar na orla de Olinda?

2. Em sua opinião, qual a localização da orla de Olinda que é a mais valorizada do ponto de vista habitacional?

Rio Doce () Casa Caiada () Bairro Novo () Outro () qual?

Por quê?

3. Que tipo de atividade você realiza com maior frequência na Orla de Olinda?

Esportes () Caminhada () Jogos () Encontro com amigos () Uso da praia ()
Outra () qual? _____

4. Qual o ponto (localização) da orla que é mais agradável para você? Por quê?

5. Qual o ponto (localização) da orla mais desagradável para você? Por quê?

6. Descreva um perfil (características) do morador da orla de Olinda em sua opinião.

7. Qual parte da Orla é frequentada predominantemente por homens em sua opinião? Por quê?

8. Qual parte da Orla é frequentada predominantemente por mulheres em sua opinião? Por quê?
9. Qual a cor da Orla da cidade de Olinda na sua concepção? Enumere de acordo com uma sequência de cores que você imagina que represente a orla.
10. Qual a imagem simboliza a Beira-Mar de Olinda pra você?

Observações do entrevistado:

Observações do entrevistador:
